



ANTÔNIO DEVAL NETO

**Memória da Violência em Le Dernier des Justes de André
Schwarz-Bart**

**CAMPINAS,
2014**



**Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem**

Antônio Deval Neto

**Memória da Violência em Le Dernier des Justes de André Schwarz-
Bart**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas
para obtenção do título de Mestre em
Teoria e História Literária, na área de
Teoria e Crítica Literária.**

Orientador: Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann Silva

**Campinas,
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

D49m Deval Neto, Antônio, 1980-
Memória da violência em Le Dernier des Justes de André Schwarz-Bart /
Antônio Deval Neto. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Márcio Orlando Seligmann-Silva.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Schwarz-Bart, André, 1928-. O último dos justos - Crítica e interpretação. 2.
Holocausto Judeu (1939-1945). 3. Memória. 4. Violência. 5. Holocausto Judeu
(1939-1945) na literatura. I. Seligmann-Silva, Márcio, 1964-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Memória da violência em Le Dernier des Justes de André Schwarz-Bart

Palavras-chave em inglês:

Schwarz-Bart, André, 1928-. Mémoire de la Violence en le dernier des justes - Criticism and interpretation

Jewish holocaust (1939-1945)

Memory

Violence

Jewish holocaust (1939-1945) in literature

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária

Banca examinadora:

Márcio Orlando Seligmann-Silva [Orientador]

Roney Cytrynowicz

Suzi Frankl Sperber

Data de defesa: 27-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Teoria e História Literária

BANCA EXAMINADORA:

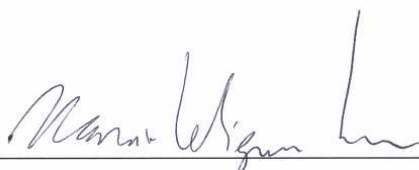
Márcio Orlando Seligmann Silva

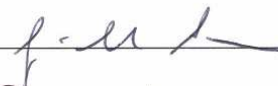
Suzi Frankl Sperber

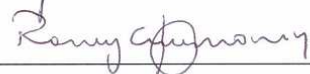
Roney Cytrynowicz

Marcos Antonio Siscar

Jaime Ginzburg







IEL/UNICAMP
2014

RESUMO:o presente trabalho busca apresentar a obra de André Schwarz-Bart, o Último dos Justos, publicado em 1959, e as formas como a memória e a violência nela se inscrevem. Começamos por analisar quais são as formas de violência que o romance contempla, todas elas ligadas à história das comunidades judaicas da Europa e as perseguições por elas sofridas nos séculos que o romance pretende abordar. Além das perseguições, expulsões e massacres, outras formas de violência são abordadas, como as relações de trabalho. Também foram analisadas as formas como o romance constrói seus cenários e personagens e como eles se ligam à lenda dos Lamed-vav e à história dos judeus europeus desde a Idade Média até a Segunda Guerra Mundial. Os problemas da recepção do romance que se ligam ao período histórico conturbado pelo qual a França passava na década de 1950 também foram abordados, uma vez que, tanto o livro quanto seu autor estiveram no meio de acusações de plágio, falsificação histórica e desconhecimento do judaísmo ao mesmo tempo em que foi acolhido como um dos maiores romances franceses do século. Procuramos também demonstrar a atualidade do romance tendo em vista seu caráter universal que extrapola a questão judaica e da Shoah.

Palavras-chave: Shoah; memória; violência; literatura do holocausto.

ABSTRACT : The present study aims to present the work of André Schwarz-Bart, *Le dernier des Justes* , published in 1959 , and the forms such as memory and violence appear in the novel. We start by analyzing what are the forms of violence included in the novel, all of them connected to the history of Jewish communities in Europe and the persecutions they suffered centuries. Beyond the persecutions, expulsions and massacres, other forms of violence are researched, such as labor relations. The ways in which the novel builds the sets and characters and how they relate to the legend of the Lamed-vav and the history of European Jews from the Middle Ages to World War II were also studied. The problems concerning the reception of the novel related to the troubled historical period by which France passed in the 1950s were also problematized, since, both, the book and the author were in the middle of accusations of plagiarism, falsification and historical ignorance of Judaism at the same time it was recognized as one of the greatest French novels of the century. Also sought to demonstrate the relevance of the novel given its universal character that goes beyond the Jewish and Holocaust issue.

Key-words: Shoah, memory, violence, Holocaust Literature

A Mariana, flor dos meus dias.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, antes de tudo, a Mariana pelos anos de convivência e carinho. Agradeço também a Ivone Eico Shinohara, a Marcus Vinicius Roncato e Sônia Blagewich Roncato pelo apoio e amizade nesses últimos anos e a Melancia, pelo carinho incondicional e sem palavras além do silêncio em horas essenciais. A minha mãe.

Agradeço a Rose, ao Miguel e ao Cláudio, da secretaria de pós do Iel, pelo trabalho excelente e pela educação; a Francis e a Sueli, da secretaria de projetos, pela simpatia, bom humor e pela ajuda com os relatórios da FAPESP; a Cida e todas as outras bibliotecárias da Biblioteca do IEL e do IFCH, sem as quais não seria possível nenhuma pesquisa; todas e todos terceirizados que cuidam da Unicamp, no bandeirão, na segurança, na faxina, cujos nomes nunca sabemos por que não os enxergamos, mas, sem eles não haveriam portas abertas e salas limpas, por consequência, nem pesquisa.

Agradeço também meu orientador Márcio Seligmann-Silva, pelo constante apoio à pesquisa, como também pelo incentivo à viagem para França. Obrigado pela ajuda e total liberdade intelectual concedida.

Aos professores Suzy Frankl Sperber e Roney Cytrynowicz pela participação em minha banca e preciosas sugestões que me ajudaram bastante.

Agradeço a Francine Kaufmann pela ajuda, pelo encorajamento, pelos textos e paciência com meu francês claudicante. Agradeço a Annette Wieviorka, pela recepção e orientação e paciência quando estive sob sua tutela em Paris e a Catherine Coquio pela atenção e incentivo. Agradeço a Angeles Abalde por ter me recebido em Paris e pela amizade, a Rosário Aparicio pela ajuda. A Prof^a. Jeanne-Marie Gagnebin pelas aulas e conversas e pela dica fundamental de estudar o Último dos Justos.

Aos amigos Emiliano, Ana, Sinuê, Vivi, Dani, Murilo, Carmen pelas conversas, sérias ou não e pela amizade. Ao Santo pela convivência e a Natália que tanto facilitou minha vinda para Campinas.

A FAPESP pelo apoio financeiro.

Conteúdo

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I.....	27
O estado da arte da obra schwarzbartiana.....	27
1.1 Autor e obra.....	30
1.1.1 Guerra.....	33
1.2-Nascimento de um escritor.....	35
1.2.1 – O Último dos Justos.....	42
1.2.2 -Literatura e história	44
A onipresença da violência.....	48
A violência por tudo: a exploração dos campos estendida ao mundo livre.	50
O outro lado dos livros de história: sem reis, sem santos, sem heróis. Só gente comum	62
CAPÍTULO II.....	65
Os Lévy e seu mundo	65
A espera inútil	65
2.1 A lenda dos justos.....	68
Os Tzadkim Chassidim.....	70
Os Lamed-Vav Tzadikim	72
O Justo Sofredor	74
2.2 O Mundo Apagado	78
2.3 O Herói Schwarzbartiano.	82
2.3.1 – Grande Berlim e os novos Berlinenses.....	87
Stillenstadt	94
A França	102
Uma obscura cidade luz.....	107
A partir de Drancy	112
CAPÍTULO III	119
O romance, a recepção e seus problemas	119
3.1 A cena literária do pós-guerra.....	119
3.2 A literatura do genocídio	120
3.2.1 Surge O Último Dos Justos.	124
A memória da guerra na França	127
Uma estranha vitoriosa	129
Disputas pela memória	129
Uma nova identidade.....	133
Antissemitismo e colonialismo. A atualidade de O Último Dos Justos.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS	147
ANEXOS.....	151

INTRODUÇÃO

A história dos judeus da diáspora se confunde com a história da Europa e do ocidente e delas faz parte. Desde a expulsão da Judéia, em 70 d.C., que os espalhou pela Ásia Menor, Europa e norte da África, dando início à segunda diáspora, ou *Galut* (exílio) imposto pelo Império Romano depois de Vespasiano ter sufocado a Primeira Guerra Judaica. Destruído o Templo e a cidade de Jerusalém, os judeus se espalharam, homens livres ou escravizados dando origem a três grandes grupos, que se diferenciam entre si nos costumes, na língua e na maneira de observar a religião.

Os judeus que se concentraram na península ibérica, então Hispania, deram origem aos judeus Sefarditas, cuja história oscila entre perseguições e períodos de paz, nos quais se desenvolveu uma das mais ricas culturas judaicas da *Galut*, principalmente durante o domínio selêucida da região. Em 1492, com a conquista de Córdoba pelos cristãos, toda a península passou a ser governada por Dona Isabel I, de Castela e seu marido, Dom Fernando II, de Aragão, conhecidos pelo epíteto de "reis católicos", que, unificaram os reinos ibéricos dando origem à Espanha e expulsaram os judeus de seus domínios. Com a expulsão, criou-se um exílio dentro do exílio, uma vez que, os judeus da península se espalharam pelo norte da África, Turquia, Grécia, Palestina, Cárpatos e Balcãs, além da Holanda, Provença e Itália, levando consigo os costumes e a língua da Espanha, sem contar os que ficaram como criptojudeus, alvo principal da Inquisição Espanhola.

No outro extremo do continente europeu se desenvolveu outra comunidade judaica importante, os ashkenazitas, originários de comunidades judaicas do que hoje é a França e a Alemanha que, por causa de perseguições e expulsões, foram para o leste, se estabelecendo no que hoje é a Polônia, Lituânia e Rússia e, mais tarde, Ucrânia, Bielorrússia e Moldávia, que, em 1791 foi transformada pela czarina Catarina II na Zona de assentamentos judaicos, ou Pale, que duraria até 1917, quando foi abolida pela revolução. Também junta-se a eles um grupo de conversos ao judaísmo, os khazares, de origem turca. A região central da Europa foi mais tolerante com esses judeus que viveram em relativa tranquilidade até 1648, quando o líder cossaco Bogdan Chmielnicki

liderou uma série de massacres contra os judeus da Ucrânia, que duraram até 1656 e foi um dos maiores massacres de judeus até a Shoah. Os dois séculos que se seguiram passaram quase sem sobressaltos, mas, no final do séc. XIX os pogroms foram retomados o que causou a morte de inúmeros judeus e a fuga em massa de outros que migraram para a América e Europa ocidental.

A integração dos judeus nas sociedades que os receberam nunca foi uma garantia. Os judeus espanhóis eram totalmente integrados à sociedade espanhola de seu tempo, fato que foi permitido pelo período de tranquilidade garantido poderio mouro que proporcionou a convivência pacífica entre judeus, muçulmanos e cristãos. A mesma integração era observada no norte da península, mas isso não impediu que eles fossem expulsos do território espanhol em 1492. Uma prova da integração desses judeus é a língua que as comunidades que deles se originaram falam, o espanhol que, com o isolamento e o desenvolvimento próprio a cada língua se modificou, dando origem ao judeu-espanhol ou ladino.

O mesmo se passou com os judeus alemães e franceses, mesmo sendo eles totalmente integrados às sociedades alemã e francesa, isto não os poupou das perseguições nazistas. Nesta mesma situação se encontrava o terceiro grupo de judeus da diáspora, os mizrahim, ou judeus do oriente. Esse grupo habitava os países do Oriente Médio, falava o árabe e algumas comunidades, como a persa, datavam da primeira diáspora. Como em todos os lugares, tiveram momentos de paz e outros não tão pacíficos, mas, eram totalmente integrados nas sociedades onde viviam, se diferenciando apenas pela religião. Com a criação do Estado de Israel, em 1948, foram perseguidos e expulsos da maioria dos países onde viviam.

De todos os dramas e tragédias do povo judeu na *Galut*, sem diminuir o horror dos outros, afinal, a inquisição espanhola não foi a página mais branda da história do ocidente e as expulsões sempre encerram violências absurdas e seus prejuízos se espalham por gerações, dos pogroms então, acredito que nada precisa ser precisado, a Shoah foi, sem dúvida, o acontecimento mais catastrófico dos quais os judeus foram vítimas. As dimensões que ele atingiu são vertiginosas: 6.000.000 de assassinados; toda uma rede de transporte usada para drenar pessoas de suas casas até centros de morte e trabalhos forçados; cidades inteiras riscadas do mapa; toda uma cultura destruída. É muito difícil imaginar, mas, quantos shtetlekh não foram destruídos sem que ninguém

sobrevivesse para atestar sua existência? Quantas famílias simplesmente deixaram de existir em sua totalidade sem que nenhum descendente sobrasse para continua-la? É tão gigantesco e absurdo que é mais fácil não acreditar, como fizeram os moradores da cidade de Sighet, onde cresceu Elie Wiesel e que não acreditaram no Mochê Bedel.

E quem acreditaria? Mesmo sabendo que foi verdade, é difícil.

A Shoah foi um acontecimento tão intenso e inédito que colocou em xeque a mais antiga capacidade distintiva do ser humano, a linguagem. Dor, frio, fome, medo, morte, vida, sedenão dizem a mesma coisa Auschwitz. O evento em si não recebeu um nome adequado, não conseguimos criar um termo que diga o que aconteceu naqueles anos sombrios da década de 1940. Se a capacidade de nomear o mundo é impedida pela Shoah, se ainda hoje ficamos incrédulos diante do que se passou, como esperar que suas vítimas acreditassem e resistissem?

A vergonha do sobrevivente é atestada por todos os que escreveram seus testemunhos. Depois do fim da guerra, quando os crimes dos nazistas se tornaram públicos, uma outra vergonha se instaurou, advinda da ideia de um povo que se deixou levar como rezes ao abatedouro, colaborando assim com a própria destruição, sem resistência. Tal ideia foi muito bem aceita no pós-guerra tendo como exceção a Revolta do Gueto de Varsóvia de 1943, que confirmaria a regra. Tamanha ofensa incomodou muitos outros sobreviventes e órfãos da Shoah. Entre os que se incomodaram se encontrava um jovem judeu francês de origem polonesa cujos pais e irmão desapareceram na sombra de Auschwitz, que integrou a resistência francesa, pobre, como a maior parte dos deportados, operário, voluntário no orfanato que recebera seus irmãos sobreviventes e que ouviu da boca dos outros órfãos, também sobreviventes, os horrores que foram os campos, os guetos, o transporte e a vergonha que sentiam por seus pais terem se "deixado encaminhar ao matadouro como ovelhas", como se dizia então.

Esse jovem voluntário recebeu de seu pai, um caixeiro viajante polonês, o nome de Avraham Szwarcbart, depois, para fugir dos nazistas e de Vichy, o trocou para André Chabard, resolveu dar uma resposta à ideia de colaboração com a própria destruição e o fez através de um romance. Ele adotou o nome de André Schwarz-Bart por sugestão de seu editor para publicar sua resposta, a qual ele deu o nome de O Último dos Justos (1986).

O livro se tornou um fenômeno: sucesso de vendas, sucesso de público, sucesso de crítica. Os mais renomados prêmios da França disputaram a primazia de premiá-lo e essa disputa venceu o Goncourt. O sucesso foi tão grande que, pela primeira vez, o silêncio em torno da Shoah foi quebrado na França, fazendo com que o genocídio entrasse para a ordem do dia.

O romance narra a saga de uma família de judeus que atravessa toda a história da Europa desde a Idade Média até 1943. Foi concedida por Deus a essa família a honra de ter a cada geração um dos 36 justos ocultos dos quais depende a existência do mundo. A saga que se desenvolve a partir de um massacre na Idade Média, traça um perfil ora poético, ora irônico, ora engraçado dos judeus do leste, que falavam yidish e cuja civilização foi aniquilada pelo nazismo. Essa família se delineia como pertencente à cultura yidish em um pequeno vilarejo da Polônia que, por sua vez, é composto com toda a vivacidade de um shtetl que encontraríamos nos contos de Peretz ou Singer, com seus rabinos, tzadikim, mulheres casamenteiras, idiotas, estudantes, festas e desavenças entre vizinhos por ninharias. Enfim, Schwarz-Bart dá a seus judeus a extrema humanidade, que seus vizinhos se recusaram a enxergar por séculos.

Ao deixar explícito o quão humano são os judeus, o romance celebra a dignidade daqueles que foram mortos, que tinham como exemplo não o exército de Bar Kochbah, mas os mártires das santas comunidades que preferiam morrer a se batizarem. Como uma população acostumada com a violência de seus vizinhos, constantemente expulsa de suas casas, perseguida pelo governo, massacrada pela polícia e demonizada pela igreja, desconfiaria que os alemães, ponta de lança da civilização, planejavam exterminá-los? Qual povo massacrado percebeu antes de ser tarde demais o que lhes aconteceria? Se os astecas imaginassem o que fariam os espanhóis não teriam matado os primeiros navegantes e salvo seu mundo da desgraça que foi a colonização da América? Se os tutsis massacrados em Ruanda em 1994 soubessem o que se planejava pelo governo hutu, não teriam se armado ou fugido? Se fosse possível acreditar em Mochê Bedel, o faz-tudo de A Noite (2001) não teriam salvo a si mesmos os judeus de Sighet? Todos se mantiveram "inocentes diante do mal".

A história dos judeus se confunde com a história da Europa cristã porque ao se espalharem por ela, se tornaram parte constituinte do futuro europeu e protagonizaram as mais gloriosas páginas da sua história, mas do outro lado daquele que escreve as

páginas gloriosas da história. Quando os cristãos se mobilizam para libertar a Terra Santa dos mouros infiéis, atendendo ao chamado do papa Urbano II, ou mesmo antes, liderados por Pedro, o Eremita, os primeiros "infiéis" a serem pilhados e massacrados foram os judeus das margens do Reno. Quando a Espanha, depois da gloriosa reconquista do território perdido aos mouros oito séculos antes, expropria e expulsa seus judeus, uma parte dos quais foge para Portugal pagando pesadas taxas para a coroa portuguesa. Os judeus portugueses financiaram a gloriosa expansão marítima lusitana cantada em versos alexandrinos por Camões e, em recompensa, foram primeiro expulsos, depois proibidos de partir e, finalmente, levados à força para a pia batismal, batizados de pé. O grande herói ucraniano, Bogdan Chmielnicki, liderou uma revolta contra os poloneses e foi derrotado, mas, durante a revolta entre 10.000 e 50.000 judeus foram massacrados e cerca de 300 comunidades judaicas foram destruídas.

Esses são alguns exemplos da participação dos judeus na história da Europa, mas, sempre do lado que não vai contá-la. Os Cruzados defenderam a fé cristã e livraram a Terra Santa dos infiéis; os Reis Católicos livraram a Espanha do domínio mouro e se lançaram no oceano descobrindo a América; Portugal se tornou um grande e poderoso reino que chegou a dividir o mundo com a Espanha; a revolta de Bogdan Chmielnicki foi derrotada, mas ele é um herói.

Quando Schwarz-Bart escreve seu romance ele adota o ponto de vista dos judeus, dos derrotados, mas, ele não escolhe contar a história de grandes judeus, rabinos milagrosos ou grandes sábios, mas da gente miúda, dos sapateiros, alfaiates, médicos itinerantes, caixeiros viajantes e operários, ninguém extraordinário, apenas gente comum. Os lamed-vav são indispensáveis para a manutenção do mundo, mas no romance de Schwarz-Bart eles também são gente simples e sofrem todas as agruras das pessoas simples, como diria Walter Benjamin, os pisoteados do triunfal desfile dos vencedores, a corveia anônima sem a qual não é possível a existência dos grandes gênios (BENJAMIN apud LÖWY, 2005). Seu romance é uma homenagem a essa massa de pessoas simples que simplesmente desapareceu nas valas comuns e nos fornos crematórios de mais um grande acontecimento da Europa, a Segunda Guerra Mundial.

No trabalho que aqui se apresenta analisaremos como a violência e a memória se inscrevem na obra de Schwarz-Bart. Para tanto, foi preciso pesquisar, além da fortuna

crítica sobre a obra, literatura sobre violência, memória, história judaica, história francesa, história da segunda guerra e história da Shoah.

No primeiro capítulo faremos uma pequena introdução biográfica do autor e da história dos judeus da cidade de Metz, na França, para tentarmos contextualizar as circunstâncias que levaram Schwarz-Bart a escrever seu romance da forma como ele foi escrito. Como o autor não é muito conhecido no Brasil e está um pouco esquecido na França, achamos que tal contextualização seria interessante para a compreensão do romance. Também acrescentamos algumas páginas sobre o início da guerra na França com o intuito de introduzir um cenário que foi muito explorado pelo romance. Em seguida, apresentamos as etapas da criação de Schwarz-Bart que reescreveu cinco vezes seu romance, para isso, a única fonte disponível é o trabalho de Francine Kaufmann, sem dúvida, o mais importante dedicado ao Último dos Justos, até hoje.

Neste capítulo ainda, apresentamos as influências de Schwarz-Bart, como o historiador Leon Poliakov, cuja visão da história judaica influenciou muito a composição da obra. Apresentamos também algumas formas de violência presentes no romance. Como os campos de concentração aparecem apenas no quarto final obra, e a história nela contada atravessa séculos, as formas de violência inscritas no romance são múltiplas, algumas mais explícitas, como a perseguição aos judeus (pogroms, massacres, uso de distintivos etc) e outras são menos visíveis, como as relações de trabalho ou os movimentos migratórios. As migrações têm grande peso no romance, seus personagens passam toda a narrativa tendo que se mudar, estão sempre em movimento.

Saber das posições políticas de esquerda do autor e de sua origem foi fundamental para percebermos como essas categorias de violência aparecem e se inscrevem na obra. Como percebemos que o trabalho tem um papel importante na construção da narrativa e que as relações de trabalho sempre aparecem como uma forma de violência, tentamos fazer um paralelo entre o romance e as percepções de Robert Antelme sobre o trabalho nos campos e o trabalho fora deles, e de como o campo parece ter se espalhado por tudo e que a lógica que criou Auschwitz continua depois de seu desmantelamento.

No segundo capítulo tentaremos mostrar como o romance apresenta o mundo das suas personagens. Primeiro demonstramos como o romance retarda o desfecho de

seu herói traçando uma peregrinação de séculos pela Europa e apontando a crença na vinda do Messias que os salvaria. Depois analisamos como a figura do justo se transforma no romance e como Schwarz-Bart faz uma amálgama de lendas e tipos de justos para forjar sua dinastia de lamed-vavniks. Feito isso, apresentaremos os cenários do romance e como eles invocam o mundo no qual foram inspirados, como o shtetl de Zémyock, que é uma recriação dos shtetlechs da antiga Pale, onde cresceu e floresceu a cultura yidish.

Mostraremos o choque que acontece quando um jovem vindo desse mundo longínquo, a Polônia judaica, sente quando chega ao mundo moderno representado por Berlim. Buscaremos demonstrar como, no romance, a chegada a esse mundo impessoal e violento transforma essas pessoas e aniquila seu passado, sua fé e costumes. Ainda na Alemanha, mas na província, uma outra cidade marca uma virada no romance, a modernização e tentativa de assimilação dos judeus vindos do leste. Procuraremos desvelar como o extremo do nazismo convive com o ordinário das relações humanas nessa pequena cidade da Renânia. Depois aparece a França e sua colaboração com os nazistas.

No terceiro capítulo analisaremos alguns aspectos da problemática recepção do romance, os problemas identitários que ele encerra e a disputa pela memória que revela. Para o levantamento dos dados para compor esse capítulo foi fundamental a pesquisa que realizamos na França com o auxílio da FAPESP. Pesquisamos as fontes usadas por Schwarz-Bart para escrever seu romance, além dos arquivos de imprensa da Bibliothèque Nationale concernentes ao autor e seu romance e dos arquivos da Éditions du Seuil.

*"as coisas começam deveras é por detrás, do que há, recurso;
quando no remate acontecem, estão já desaparecidas"*

*(Tutaméia
Guimarães Rosa)*

CAPÍTULO I

O estado da arte da obra schwarzbartiana.

A obra de André Schwarz-Bart é composta por cinco romances, sendo dois deles escritos em colaboração com sua esposa, a também escritora Simone Schwarz-Bart. O primeiro deles, *O Último dos Justos*¹ é uma das primeiras obras literárias que trataram dos anos de perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Seus outros romances, que formam o "ciclo antilhano" têm por tema a escravidão dos negros nas Antilhas francesas e seu último, e póstumo, *l'Étoile du Matin* (2006), retoma o tema da Shoah e, em seu prólogo, faz uma espécie de síntese dos dois temas abordados em suas obras, a escravidão e a Shoah.

O Último dos Justos, que é o objeto de nossa pesquisa, sofreu, quando de seu lançamento um processo de desqualificação e acusações diversas (plágio, romance cristianizante, falsificação histórica, etc) cujos meandros causaram uma profunda decepção em seu autor. Mesmo tendo sido um dos maiores sucessos literários da história da república das letras francesas e ser, ainda hoje, reeditado, reimpresso, traduzido e muito bem vendido, tanto o romance quanto o autor ficaram esquecidos e não despertaram muitos interesses no meio acadêmico, apesar de ter suscitados inúmeros artigos publicados na imprensa francesa logo após seu lançamento.

Mesmo sendo citado, tendo seu sucesso lembrado em inúmeros trabalhos que abordavam a Shoah e a literatura que dela nasceu, somente em 1976, é que *O Último dos Justos* se tornou objeto de uma pesquisa acadêmica, realizada por Francine Kaufmann, que analisou, em seu doutorado, a gênese, a estrutura e a significação do romance. Sua tese, defendida na Université Paris X – Nanterre, e o livro que dela se originou, *Pour Relire Le Dernier des Juste*, são, até hoje, os dois mais importantes estudos dedicados à obra "judaica" de Schwarz-Bart.

¹ Em todas as citações do romance analisado, nos referiremos à edição brasileira de 1986, publicada pela livraria e editora José Olympio.

Sua tese de doutorado trata da estruturação do romance, da gênese de seu enredo e personagens e das transformações das várias versões do texto escritas por Schwarz-Bart até a última versão entregue às Éditions du Seuil, em 1958. Seu trabalho explora as relações entre o romance e a história e as formas como esta é reelaborada pelo autor, a configuração do tempo na obra, que ela divide em tempo histórico e tempo místico e as várias facetas da lenda dos Justos dentro do romance. Ela também escreveu vários artigos sobre o *Último dos Justos* e ajudou Simone Schwarz-Bart a organizar *l'Étoile du Matin*, publicado em 2006, após a morte do autor.

Outros pesquisadores dedicaram trabalhos ao *Último Dos Justos*, como Kathleen Gyssels, professora de literatura na Universidade da Antuérpia, mas, seu interesse maior é na obra "negra" do casal Schwarz-Bart, que, aliás, é objeto recorrente de estudos sobre a literatura antilhana, pós-colonial e negra, principalmente no que diz respeito à identidade negra e feminina, escravatura e colonialismo.

Em 1997, uma dissertação (*mémoire de maîtrise*) foi apresentada, por Patrícia Koseleff, na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, que tratava da recepção crítica do *O Último Dos Justos*, *Réception critique du Dernier Des Justes D'André Schwarz-Bart. Un Récit du Génocide, en 1959*. A autora fez um acurado trabalho de levantamento de artigos e críticas publicados sobre o *Último dos Justos* e Schwarz-Bart pela imprensa francesa de 1959 a 1970 e apresentou uma interessante abordagem da recepção ou do "affaire Schwarz-Bart" pela sociedade francesa da década de 1950, atribuída pelo caos político da IV República, pela Guerra da Indochina e da Argélia e pelas feridas mal cicatrizadas dos anos de ocupação nazista.

Joë Friedemann, conferencista emérito da Universidade Hebraica de Jerusalém, dedicou um importante estudo sobre o humor na obra schwarzbartiana, intitulado *Le Dernier des Justes d'André Schwarz-Bart: de l'humour au ricanement des abîmes*, publicado em seu livro dedicado à linguagem da literatura produzida a partir da Shoah, *Langages du désastre: Robert Antelme, Anna Langfus, André Schwarz-Bart, Jorge Semprun, Elie Wiesel*.

No ano de 2013, foi defendida na Université Paris III – Sorbonne Nouvelle, a tese de doutorado de Roze Fleur Khun, *Les métamorphoses romanesques de la mémoire juive : entre imitation et subversion. Dans les forêts de Pologne de Joseph Opatoshu, Satan à Goray d'Isaac Bashevis Singer, Le Dernier des Justes d'André*

Schwarz-Bart, *Voir ci-dessous: Amour de David Grossman*, à qual ainda não tivemos acesso, mas que, de acordo com o próprio título e as informações que nos foram dadas pela autora, ela analisa as mudanças da escrita romanesca da memória judaica, que é abordada de forma cronológica tomando para a análise obras que são expoentes de mudanças na forma de apropriação da memória pela literatura, sendo o *Último dos Justos* uma obra que marca uma importante mudança na apreensão da memória do antissemitismo europeu.

Estes são os mais importantes estudos devotados ao *Último Dos Justos*. Schwarz-Bart e sua obra são também citados em artigos, estudos, livros e ensaios que tratam da identidade judaica como o de Clara Levy, *Écritures de l'identité, Les écrivains Juifs après la Shoah* (1998), que trata da relação entre literatura e judeidade; o artigo de Pierre Nora, *Mémoire et Identité Juive dans la France Contemporaine*; o artigo de Guershon Scholem sobre a figura do justo na cultura judaica, entre outros.

Esses são os principais trabalhos sobre o *Último Dos Justos*, poucos se comparado a outros escritores que abordaram temas parecidos, como Elie Wisel ou Primo Levi o que é, ao mesmo tempo, positivo e negativo para os pesquisadores dessa obra. Positivo, pois ainda há muito a ser dito e negativo, pois não temos o conforto intelectual da troca de informações, leituras e abordagens que um número maior de pesquisas proporciona.

O romance de Schwarz-Bart, além do sucesso que atingiu na França, foi traduzido para o inglês, o português (do Brasil e de Portugal), para o espanhol (contando várias traduções para esta língua), para o alemão, italiano, hebraico, yidish, árabe, russo, polonês, tcheco, húngaro, dinamarquês, romeno e holandês. No Brasil, a primeira edição é de 1986, pela José Olympio, com tradução de Maria Lúcia Autran Dourado, mas, já na década de 1960 circulava aqui a tradução lusitana, *O Último Justo*, de 1961. Uma segunda edição foi lançada em 2009 e já se encontra na segunda reimpressão.

Tentamos fazer uma pesquisa sobre a recepção dessa obra aqui no Brasil, mas nunca obtivemos retorno nem da editora, nem dos jornais que contavam com cadernos literários na época do lançamento e, sobre a segunda edição, não encontramos nada publicado.

1.1 Autor e obra

A presença judaica na cidade de Metz, muito provavelmente, remonta à época da dominação romana da região (ANCHEL, 1946, p. 153). O primeiro registro que atesta sua presença é o VIIº Cânone do Concílio de Metz, que aconteceu na Igreja de Saint-Arnoul em 888, cujo conteúdo promulgava uma separação entre judeus e cristãos: “sobre o pedido de denúncia contra os judeus apresentado por Gontbert, decano da igreja de Metz, fica interdito aos cristãos comer com eles e deles receber o que pode ser bebido ou comido” (GUÉRIN, 1869, p. 207, tradução nossa)². Por essa época, a comunidade judaica de Metz era formada por comerciantes, trabalhadores rurais e proprietários de pequenos vinhedos e, apesar da proibição de comer com os cristãos, foram protegidos pelas autoridades episcopais até o século XI. A rua em que vivam era chamada de *Rua dos Judeus* (*Rue des Juifs*), ou *Jurue*.

Berço de muitos sábios judeus e de figuras importantes do judaísmo medieval, como o Rabeinu Guershon, cuja interdição da poligamia aos judeus da Europa é válida até os dias de hoje e aplicada a toda a judeidade. A autoridade religiosa de Metz se estendeu para além de sua comunidade, se tornando um importante centro do judaísmo e de estudos da Lei e do Talmud. Durante a Alta Idade Média, a vida judaica messina, como no resto da Europa, se passava quase sem sobressaltos³.

No ano de 1096, mesmo sob a proteção do bispo da cidade, houve um massacre em Metz, perpetrado pelos primeiros cruzados que marchavam para a Terra Santa⁴. Em 1182, os judeus de toda a Lorena, que pertencia ao Sacro Império Romano-Germânico, foram poupados da expulsão promulgada pelo rei Felipe II, mas, no final do séc. XII eles começaram a deixar a cidade por motivos econômicos, desaparecendo completamente em meados do séc. XIII⁵ (BENBASSA, 1999, p. 62).

² “*Sur la requête en plainte contre les Juifs présentée par Gotgert, primicier de l’église de Metz, il fut défendu aux chrétiens de manger avec eux et de recevoir d’eux ce qui peut être bu ou mangé*”.

³ Cf. Léon Poliakov, *De Cristo aos Judeus da Corte*, pág. 15-35.

⁴ Por onde passavam, os cruzados realizavam perseguições, conversões forçadas e massacres. Cf. Poliakov, 2007, Jules Isaac, 1986.

⁵ Dado controverso segundo Anchel, que sustenta que uma presença contínua, embora diminuta, de judeus teve lugar em Metz durante os séculos XII e XIII.

O retorno se deu em 1552 e coincidiu com a entrada das tropas francesas na região, quando o rei Henri II estabeleceu sua autoridade sobre os bispos de Metz, Verdun e Toul. Mediante o pagamento de uma taxa de entrada, pesadas taxas anuais e a obrigação de ouvirem o sermão na igreja uma vez por mês, uma autorização oficial para que os judeus se estabelecessem novamente foi concedida pelo rei em 1567.

Um terreno para o cemitério foi comprado, uma sinagoga foi construída, a comunidade cresceu e floresceu novamente. Colaboraram para o seu crescimento o fluxo migratório, principalmente de judeus alemães do vale do Reno, mas também de judeus da Alsácia e de outras regiões vizinhas. A comunidade de Metz cresceu em tamanho, riqueza e prestígio, fornecendo empréstimos para o pagamento das tropas da coroa, comercializando grãos e cavalos (ANCHEL, 1946, p.176-178).

Os judeus habitavam o bairro de Saint-Ferroy, que, em comparação aos guetos do resto da Europa e, mesmo mantendo com eles algumas similaridades, proporcionava uma qualidade de vida moderada aos seus habitantes. Quando eclodiu a Revolução de 1789, as condições de vida decaíram drasticamente. Com a superpopulação, o gueto, que contava com, em média, quarenta pessoas por casa, se tornou um lugar insalubre. Como aconteceu a outros grupos religiosos, os judeus foram alvos de hostilidades durante este período. Depois do Terror, a comunidade de Metz se reorganizou. Foram necessários vários anos para quitar as dívidas contraídas para pagar as Taxas Brancas⁶, que haviam aumentado no século XVIII e que foram abolidas em 1790 (BENBASSA, 1999, p. 84).

Com a ascensão de Napoleão, tem início um novo período da vida judaica na França que afetou também a comunidade de Metz. Um processo de integração apoiado na aparente compatibilidade da inserção dos judeus com uma ideia de nação que durará todo o século XIX e transformará a França num modelo de integração judaica.

Com o fim das distinções e revogadas as restrições, os judeus franceses, emancipados e cidadãos, prosperam e a liberdade e prosperidade proporcionadas pela França começam a atrair judeus de outros lugares da Europa. Primeiro os alemães, depois os poloneses e, com anexação da Alsácia-Lorena pela Alemanha em 1870, muitos judeus desta região se estabeleceram em Metz.

⁶ Taxas pagas à coroa em troca da permanência em solo francês.

Sem restrições ou distinções e incentivados pelo estado, os judeus da França foram sendo assimilados e deixaram, aos poucos, de se diferenciarem dos não judeus. Em Metz, o judeu-alemão foi substituído pelo francês, os hábitos e costumes se tornaram cada vez mais franceses, passaram a exercer profissões liberais, deixando o comércio. Quando os judeus poloneses, que fugiam da situação econômica desoladora e dos pogroms cada vez mais frequentes, chegaram a Metz no início do sec. XX falando yidish e ostentando sua religiosidade, duas comunidades judaicas distintas se formaram: os “yekes”, os judeus franceses, e os “polacks”, os judeus poloneses.

Foi esta a Metz que Louise Lubinsky, filha de uma família de judeus poloneses, nascida em Zurique e Uszer Szwarcbart, com quem se casou e de quem adotou o sobrenome, um judeu polonês, nascido em Leczyca, encontraram quando para lá se mudaram, em 1924. Estabeleceram-se na Rua Jurue, nº 23, no bairro de Pontiffroy, onde nasceram seis de seus sete filhos. O segundo deles, Abraham Szwarcbart, nascido em 23 de Maio de 1928, viria, depois de alguns anos a adotar o nome de André Schwarz-Bart.

A infância de André, então Abraham, se passou nas ruelas do bairro judeu, entre os “polacks”, que não mantinham contatos muito estreitos com os “yekes”. Os Szwarcbart não se integraram bem na comunidade de judeus poloneses, muito menos na dos franceses e frequentavam raramente a sinagoga, onde compareciam principalmente nas grandes festas. Uszer Szwarcbart era caixeiro-viajante e vendia meias no mercado da cidade e, segundo o próprio Schwarz-Bart, “(ele) não falava o francês; ele nunca entendeu a França. Era um desenraizado, um ser miserável vivendo na pele de um outro, de qualquer jeito. Ele conseguia com dificuldades sustentar nossa família” (SCHWARZ-BART apud KAUFMANN, 1976, p. 27)⁷

O mundo que o pequeno Abraham conhecia era o das ruelas do bairro de Pontiffroy cuja língua era não o francês, mas o yidish, que era também a língua falada em sua casa e a língua na qual ele se expressava. Dentro das circunstâncias de sua infância, nada indicaria que um dia ele fosse se tornar um escritor da França, cuja língua não dominava.

⁷(il) ne parlait pas le français; il n'a jamais bien compris la France. C'était un déraciné, en être malheureux vivant dans la peau d'un autre en quelque sorte. Il parvenait difficilement à faire vivre notre famille.

Quando eu era criança, em Metz, a escola era o único lugar onde eu falava francês. Em casa nós nos exprimíamos em yiddish. Sem livros, sem música, salvo os cantos da sinagoga, mas era religião para mim, não música. Os livros, a música pertenciam, a meus olhos, a um universo do qual eu não fazia parte. (SCHWARZ-BART apud KAUFMANN, 1976, p. 27, tradução nossa) ⁸.

Paralelamente à escola ele frequentava o curso de instrução religiosa (beit-sêfer). Durante a crise econômica de 1938-39, vendeu jornais na rua e ajudava seu pai nos mercados (KAUFMANN, 1976). Foram estes os lugares onde ele teve seus primeiros contatos com a vida e com o mundo extrafamiliar. A vida de sua família não se diferenciava das demais famílias de imigrantes judeus, durante sua infância ele vivia como qualquer criança judia filha de imigrantes *pobres* na França de 1939.

1.1.1 Guerra

Quando, em três de Setembro de 1939 a França declarou guerra à Alemanha, tem início a evacuação da população civil das regiões da “Zona Vermelha” da Linha Maginot⁹, (Alsácia, o Meuse e Moselle) para outras regiões do território francês. Com a evacuação, os Szwarcbart foram instalados na Ilha de Oléron, na região de Charente-Maritime, onde o pequeno André foi grumete em um navio pesqueiro durante os seis meses da permanência de sua família na ilha.

Em 1940, aos dez dias do mês de maio, a Alemanha invade a França pondo fim à “drôle de guerre” ¹⁰. As tropas de Hitler avançaram rapidamente. Os franceses, fugindo do avanço das tropas alemãs marcharam para o interior num dos momentos mais dramáticos da Guerra, conhecido como Êxodo de 1940 (JACKSON, 2001, p 151). Em *Pilote de Guerre*, Saint-Exupéry cria uma imagem para descrever o Êxodo que pode nos dar uma ideia de sua extensão: “Deram, no norte, um chute no formigueiro e as

⁸ *Quand j'étais enfant, à Metz, l'école communale était le seul lieu où je parlait français. A la maison nous nous exprimions en yiddish. Pas de livres, pas de musiques, sauf les chants de la synagogue, mais c'était de la religion pour moi, non la musique. Les livres, la musique appartenaient à mes yeux à un univers dont je ne faisais pas partie.*

⁹ A Linha Maginot (Ligne Maginot) é um conjunto de fortificações militares construído pela França nas divisas com a Alemanha e a Itália para barrar eventuais ataques desses dois países. Sua eficácia se mostrou pífia uma vez que a França foi invadida pela Alemanha em 1939.

¹⁰ Nome dado à primeira fase da guerra, por causa da calma do front.

formigas saíram. Laboriosamente. Sem pânico. Sem esperança. Sem desespero. Como que por dever”¹¹ (SAINT-ÉXUPERY, 1942, p. 100, tradução nossa). Em menos de dois meses, a França capitulou e o território francês foi dividido em uma “zona livre” e uma “zona ocupada”. Evacuados mais uma vez, André e sua família se instalaram em Saint-Paul de Lizonne, comuna perto de Angoulême, onde trabalharam um pouco a terra (SCHWARZ-BART apud KAUFMANN, 1976, p. 28) e onde nasceu seu sexto irmão.

Durante o tempo que viveu na Aquitânia, Schwarz-Bart foi admitido na escola profissional de Scillac, para aprender o ofício de torneiro. Ele seguiu seus estudos até que seu pai e seu irmão mais velho foram presos, o que o obrigou a voltar para a casa. Sua mãe, seu irmão recém-nascido e uma tia-avó que vivia com eles foram presas durante a *rafle*¹² de junho de 1942¹³, assim como sua irmã de quatro anos, presa “por erro” e deixada em um asilo pelos alemães. Ela foi a única a não seguir no comboio para Drancy, mas os outros membros de sua família nunca mais foram vistos por Schwarz-Bart (KAUFMANN, 1976, p. 28).

Aos quatorze anos, André ficou sozinho em casa com seus três irmãos mais novos, sendo que o menor não tinha nem três anos ainda. Para alimentá-los, ele teve que trabalhar nas fazendas da região. Este período dramático marca uma virada na vida Schwarz-Bart, é quando ele se trona ateu.

Em 1943 os soldados franceses enviaram seus irmãos, junto com um grande número de crianças para Paris, onde foram internados no Centre Lamarck. Em julho, André é deles separado e levado para um centro de adolescentes, a *École de Travail de l'ORT*, localizada na Rue de Rosiers, onde continua o curso de torneiro iniciado na Aquitânia.

Em outubro, ele se engajou na juventude comunista, na qual militará até 1951. Por esta época uma nova virada acontece em sua vida. Ele encontra sua irmã no centro de Louveciennes e em janeiro de 1944 foge para o sul e consegue, graças a contatos com a Resistência, passar seus irmãos para a zona livre. Deixando-os em segurança, se engaja na Resistência e parte para Lyon.

¹¹“On avait donné dans le Nord un grand coup de pied dans la la fourmillière et les fourmis s'en allaient. Laborieusement. Sans panique. Sans espoir. Sans désespoir. Comme par devoir”

¹²Rafle é uma operação policial que tem por intuito a prisão de pessoas em massa, aleatoriamente ou de uma população particular. São executadas de surpresa para impedir o máximo de fugas.

¹³ Sobre as “rafles” Annette Wieviorka, Déportation et génocide. Entre la mémoire et l'oubli, Paris, Hachette, 2003; Jean-Pierre Azema e Olivier Wieviorka, Vichy, 1940-1944. Paris, Perrin, 1998.

Em abril de 1944 ele obteve um diploma de torneiro com o nome de André Chabard (é nesse momento que deixa de ser Avraham). Foi preso em Limoges, mas conseguiu fugir em companhia dos responsáveis pelo Estado Maior da Resistência e, com eles, circula pela Haute-Vienne.

Durante a Libertação, Schwarz-Bart, então André Chabard, descobre que uma companhia de voluntários judeus franceses e estrangeiros fora criada por Julien Zerman¹⁴ (que ele vai ridicularizar mais tarde). Ele queria lutar e lutar enquanto judeu e como demoraram em enviá-lo ao fronte, ele pediu transferência para outro destacamento, o de Marcel Raymann, que também não segue para a batalha. Ele constata que, sem dúvida, não existia unidade judaica na linha de fogo. “Efetivamente, nenhuma das companhias foi mandada ao fronte. Não queriam que os judeus lutassem como tal. É para mim uma certeza” (KAUFMANN, 1976).

Insatisfeito, desertou e seguiu para o fronte de Pointe de Grave onde aumentou dois anos de sua idade para regularizar sua situação militar e entrou para o exército regular como fuzileiro, participando dos combates de Royan, La Rochelle e La Pointe de Grave, na costa atlântica, quando foi ferido. Neste destacamento ele serviu até o fim da Guerra. Quando começam a voltar os primeiros sobreviventes dos campos ele pede dispensa que é concedida pelas autoridades militares.

1. 2-Nascimento de um escritor

Os sobreviventes dos campos de concentração que retornavam a Paris passavam pelo Hotel Lutetia, onde uma lista de nomes era afixada e atualizada todos os dias e onde era possível ter informações sobre os deportados. Os que chegavam podiam ter notícias dos que não haviam voltado. Schwarz-Bart comparecia diariamente para procurar por notícias dos seus pais, irmão e tia. Ele esperava por eles. Por meses olhou as listas, interrogou os retornados, tentou obter informações dos funcionários, até que lhe disseram que quem não havia voltado, não voltaria mais. Desde então, deixa de esperar.

¹⁴ Esta organização é a *Union de la Jeunesse Juive – UJJ*. Sobre a resistência judaica cf. Annette Wieviorka, *Ils Étaient Juifs, résistants, communistes*, Paris: Denoel, 1986.

Ele começou a trabalhar como pintor na Manufacture d'Armes de Saint-Denis que fabricava tratores depois da guerra (KAUFMANN, 1976, p 30). Ele se inscreveu em uma biblioteca pública e começou a ler muito, principalmente romances policiais. Pensar não era algo que Schwarz-Bart queria e esses livros, assim como o trabalho ocupavam sua cabeça (idem).

Entre todos os livros que ele leu, um dia em 1946, cai em suas mãos um “romance policial”¹⁵ um pouco inusitado que marcará uma nova virada em sua vida: *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski (1866).

Para mim, isso foi uma revelação. Para as pessoas que sempre viveram seguindo uma evolução normal, modelos burgueses de instrução e cultura, a leitura representa um dos elementos da vida, bem como os jogos e os cursos que se seguem. Mas para mim, esta leitura foi uma revelação: ela me mostrou que se pode “por em pensamento” as coisas que se passam em nosso interior, as questões que se colocam informadas a nós. (SCHWARZ-BART apud KAUFMANN, 1976, p 31, tradução nossa)¹⁶.

Depois desse livro, nunca mais fora o mesmo. Ele passou a procurar a chave do mundo entre suas leituras. Um novo mundo se abriu e ele podia ser dito e ensinado nos livros: os romancistas podiam lhe ensinar a verdadeira linguagem; os filósofos, as obras dos historiadores e etnólogos a compreender a vida (KAUFMANN, 1976, p. 31).

Impelido por esta mudança, Schwarz-Bart resolveu retomar os estudos e compra livros escolares (a partir da 6ª série). Mas, trabalhando nove horas na usina, era difícil não se render ao cansaço. Por essa época, uma bolsa oferecida pelo governo francês aos antigos combatentes permitiu-lhe trabalhar apenas meio período e até se dedicar exclusivamente aos estudos durante o período de exames. Em 1948, depois de conseguir o Baccalauréat, ingressou na Sorbonne.

A universidade decepcionou-o profundamente. Para ele, os cursos pareciam vazios, “[...] puro jogo intelectual que não fornecia, então, nenhuma resposta para meus problemas.” (SCHWARZ-BART apud KAUFMANN, p. 32) ¹⁷ assim como os

¹⁵ Para Schwarz-Bart, *Crime e Castigo* era, inicialmente, um romance policial.

¹⁶ *pour moi, ça a été une révélation. Pour les personnes qui ont toujours vécu suivant une évolution normale, mettons bourgeoises d'instruction et de culture, la lecture représente un des éléments de la vie, au même titre que les jeux et les cours que l'on suit. Mais pour moi, cette lecture était une révélation: cela m'a montré qu'on pouvait "mettre en pensée" des choses qui se passent à l'intérieur de nous, des questions qui se posent à nous informées.*

¹⁷ *Jeu intellectuel et ne fournissaient alors aucune réponse à mes problèmes.*

estudantes que pareciam apenas esperarem por seus diplomas. Quinze dias depois ele deixou a Sorbonne e conseguiu um emprego numa confecção, cessando suas leituras por quase um ano. Na fábrica ele percebe que seus companheiros não têm as mesmas preocupações nem se colocam questões como as suas e a comunicação com eles se resumia a relações humanas básicas.

É nesse período de sua vida que Schwarz-Bart, sem confiança nos livros, pôs-se a escrever, “[...] para tentar compreender por meus próprios meios.” (idem, ibidem)¹⁸. Em 1950 conheceu Lautreamont e começa a compor “textos um pouco loucos apenas por lirismo” (idem, ibidem)¹⁹. Ele decidiu aprender a se exprimir e volta à Sorbonne para o ano de 1950-51, mesma época que se torna monitor do orfanato judaico de Montmorrancy, onde seus irmãos foram recolhidos depois da Libertação.

Desta vez, guiado pela vontade de escrever, Schwarz-Bart tem a impressão de aprender alguma coisa, as aulas tomam sentido e consegue um certificado de Sociologia. Ele se apropria da linguagem escrita, a que acreditava ser a boa linguagem escrita, e passar da linguagem popular oral para ela foi o mais difícil. O abismo que separa a linguagem cotidiana, falada da linguagem que ele chamava de “linguagem da burguesia” o atormentava. Ele descobriu que a língua dos livros implica em ideias diferentes sobre a vida e se esforça em matizar essa linguagem sem correr o risco de se tornar um escravo ao ponto de perder sua identidade própria “adquirindo as palavras de outros” (KAUFMANN, 1976, p 33)²⁰.

Schwarz-Bart se deu conta que não existe nenhum segredo sobre a escritura e que “[...] as pessoas se enganam em querer simplesmente brilhar com o que sabem e não se servirem, de preferência, daquilo que elas ignoram” (Idem, ibidem)²¹. Ele também percebeu que a literatura não oferece soluções definitivas e que a particularidade dos bons romances é não pretenderem responder as questões que eles propõem, “[...] a leitura ou a escritura não dá acesso ao domínio sagrado da revelação, mas àquele mais humano, o da busca” (idem, ibidem, p. 33)²².

¹⁸*Essayer de comprendre par mes propres moyens.*

¹⁹*Textes un peu fous à force de lyrisme*

²⁰*En acquérant les mots des autres.*

²¹*Les gents ont tort de vouloir simplement briller avec ce qu'ils savent et de ne pas se servir plutôt de ce qu'ils ignorent.*

²²*La lecture ou l'écriture ne donnent pas accès au domaine sacré de la révélation mais à celui, plus humain, de la quête.*

Por essa época, trabalhando com os órfãos do orfanato judaico de Montmorrancy e como secretário da UEJF (*Union des Étudiants Juifs de France*) ele encontrou com sobreviventes dos campos, muitos deles jovens, que lhe contavam suas experiências no inferno concentracionário nazista²³. Através deste contato com os deportados é que Schwarz-Bart começa a compreender o que se passara nos anos sombrios que transcorreram sob o domínio alemão e começa a conviver com as questões que esses jovens se colocam:

Através desses relatos, Schwarz-Bart descobre as dimensões vertiginosas da catástrofe. Ele percebe que uma civilização inteira foi fria e sistematicamente apagada do mapa espiritual da Europa. Sobretudo, ele deve responder às interrogações constantemente repetidas pelos jovens dos quais ele era o educador, o confidente, o amigo: *porque os judeus não se defenderam?* Foram eles mortos verdadeiramente como cordeiros conduzidos ao abatedouro? (idem, 1987, p. 18. Grifo do autor. tradução nossa)²⁴.

Um projeto começa a se desenhar lentamente para não só dar conta da catástrofe, mas, principalmente, dissipar o mal-entendido desconcertante que havia transformado as vítimas em cúmplices de sua própria morte. Schwarz-Bart pretende responder através de um romance à interrogação opressora dos sobreviventes desorientados.

A obra não visava explicar o porquê dos judeus terem sido mortos, mas apenas dizer como eles foram mortos. Ele então começou um romance carregado de elementos autobiográficos, cujo herói, Marcus Libnitzki é um jovem judeu comunista preso pelos alemães em Limoges e fuzilado²⁵. A história é narrada por seu irmão, sobrevivente da Shoah que recolhe testemunhos sobre a morte de Marcus. Alguns trechos desse texto foram publicados na revista da UEJF, *Kadimah*. Uma cópia da publicação se encontra no anexo 2. *La Fin de Marcus Libnitzki* continua inédito e traçava

²³ Um desses jovens conta como foi voluntariamente se entregar em um campo para se juntar aos seus. Este episódio foi transposto para o romance, quando Ernie se entrega voluntariamente em Drancy para se juntar a Golda, sua noiva.

²⁴ *Atravers ces récits, Schwarz-Bart découvre les dimensions vertigineuses de la catastrophe. Il réalise qu'une civilisation entière a été froidement, systématiquement effacé de la carte spirituelle de l'Europe. Surtout, il doit répondre aux interrogations sans cesse répétées des jeunes dont il est l'éducateur, le confident, l'ami: pourquoi les juifs ne se sont-ils pas défendus? Sont-ils vraiment morts comme des moutons qu'on mène à l'abattoir?*

²⁵ Esta personagem é retomada no romance póstumo de Schwarz-Bart, *L'étoile du Matin* (2006), com o nome de Schlomo que, para evitar a violência dos soldados do *einsatzgruppen* contra seu pai que não conseguia se despir para ser fuzilado, deixa seu esconderijo e se junta aos outros judeus de seu vilarejo. Cf. p. 115.

A procura de um ex-deportado que se informa das circunstâncias da morte de seu jovem irmão fuzilado pelos alemães. Cada um dos testemunhos recolhidos constituía por sua vez um retalho de verdade objetiva e o momento de uma procura espiritual. Na perspectiva do conjunto o objeto da narrativa era muito mais o irmão sobrevivente que o morto²⁶. (carta de SCHWARZ-BART para KAUFMANN de 30/07/1975)

Este primeiro texto e seu desenvolvimento foi sentido por Schwarz-Bart como profundamente insuficiente para o que ele devia dizer. Uma personagem esporádica aparece nessa primeira tentativa, chamada Ernie Lévy que será desenvolvida e dará origem à primeira versão de *O Último dos Justos* (KAUFMANN, 1987).

Schwarz-Bart conheceu em Limoges um Ernie Lévy, judeu alemão cuja noiva, a quem ele muito amava por sua humanidade e nobreza, foi deportada. A recomposição desta personagem no *La Fin de Marcus Libnitzki* e o desenvolvimento de sua biografia imaginária tomaram dimensões inesperadas e ele adquire vida própria. Ernie Lévy ainda recebe os traços de um dos irmãos de Schwarz-Bart cuja morte acidental em 1954, marcou profundamente o autor que o fez reviver através de sua personagem. (KAUFMANN, 1987).

A primeira das cinco versões de *O Último dos Justos* é terminada em 1955²⁷. A narrativa se desenvolve em torno da história de amor entre Ernie Lévy e Frida, que têm a morte pairando sobre si por causa da ameaça nazista. A história termina com a deportação de Frida. Esta primeira versão não agradou Schwarz-Bart, "[...] os personagens particularmente não tem espessura, flutuam, cortados de suas raízes. O presente é opaco sem o eco revelador do passado" ²⁸ (idem, 1987, p. 19). Ele retomou o texto mostrando que seus heróis são os "rizomas" de uma civilização muito antiga. Para recompor estas personagens e dar-lhes a espessura necessária, ele leu e anotou todas as

²⁶ *La quête d'un ancien déporté qui s'enforme des circonstances de la mort de son jeune frère fusillé par les Allemands. Chacun des témoignages recueillis constituait à la fois un pan de vérité objective et le moment d'une recherche spirituelle. Dans la perspective de l'ensemble, le sujet du récit était tout autant le frère survivant que le disparu.*

²⁷ Todos os dados sobre as versões do livro foram tiradas da tese e do livro de Francine Kaufmann, que reconstruiu todo o percurso de construção do romance através de entrevistas com Schwarz-Bart e fragmentos desses textos que sobreviveram por acaso, já que o autor os destruiu junto com todas as suas anotações feitas durante sua pesquisa sobre a vida dos judeus europeus.

²⁸ *Les personnages manquent singulièrement d'épaisseur parce qu'ils flottent, coupés de leur racines. Le présent est opaque sans l'écho révélateur du passé.*

obras sobre judaísmo, principalmente sobre o judaísmo do Leste Europeu em várias bibliotecas de Paris, principalmente na Bibliothèque de Sainte-Genève.

Um grande fragmento da segunda versão foi publicado em 1956 na revista *Arche* (anexo 3). Nela, o narrador é um biógrafo que descobre um manuscrito sobre uma dinastia mais o menos legendaria de Justos poloneses cujo fundador Haim ben Menasse, se estabelecera em Zémyock em 1819. Nessa versão, os Lévy não são Lamed-vav, mas apenas Tzadikim, chefes espirituais muito conformes às tradições do chassidismo²⁹. Nessa versão ainda, o poder temporal desses justos é tratado com ironia e a narrativa aparece como uma sátira de um modo de vida baseado na superstição. O trágico aí aparece com os pogroms de 1920 que dispersam os Lévy pela Europa, e narra a vida e a morte do último descendente da dinastia morto em um campo de concentração.

A segunda versão não será terminada, mas, a partir da análise que Francine Kaufmann dera, depreende-se a importância que essa fase da criação do romance teve no objetivo do autor. Suas personagens judias são sempre estrangeiras e suspeitas e, onde quer que se instalem, são devotadas à morte, sem armas, exércitos, nem mesmo terra, eles estão à mercê de seus inimigos e, como saídos de uma tradição espiritual que condena a violência, preferem continuar vítimas a pegarem as armas de seus perseguidores. Eles não são covardes, nem masoquistas e nem resignados, mas portadores de uma dignidade profunda e de uma ética especial que os impede de se tornarem parecidos aos seus perseguidores. É essa dimensão que Schwarz-Bart se esforça em revelar. (KAUFMANN, 1987).

Sobre suas personagens Schwarz-Bart fala em uma entrevista à revista *Arche*, logo após o Goncourt:

Este tipo de herói não é espetacular. O contestam com prazer hoje em nome de uma humanidade mais marcial [...] gostariam que mil anos de história judaica fossem somente a crônica irrisória das vítimas e seus carrascos. Apreensivos pelo futuro, ou exaltados, desaprendemos um pouco a respeitar nosso passado.

Mas a história judaica, me parece, é mais que uma simples adição de vítimas e nisso se manifesta uma grandeza até nos destinos mais ordinários. É por isso que eu quero mostrar um judeu da velha raça, desarmado e sem ódio, e que mesmo assim seja humano,

²⁹ Cf. nota 64, p 68.

verdadeiramente, segundo uma tradição quase extinta hoje. (ARCHE, 12/1956) ³⁰.

A segunda versão escrita em um tom lírico é transpassada por uma ironia velada. A presença da subjetividade do autor que a permeia destrói o pudor mínimo que o objeto do romance pede. Nessa versão ainda, Schwarz-Bart começa a entrever a profundidade mística da história judaica. Os Lévy se tornam os Lamed-vav e o sofrimento judaico é revestido de uma dimensão escatológica.

Na terceira versão, para evitar o gênero edificante, ao qual qualquer emoção suspeita poderia levar, Schwarz-Bart recorre a uma ironia corrosiva que não é nada mais que uma recusa ao lirismo. O sarcasmo, a sátira social e religiosa e uma desenvoltura humorística carregada de humor negro e piadas macabras ³¹ marcam essa fase de desenvolvimento do romance. A versão definitiva, conserva traços deste humor, como, por exemplo, na mescla entre oração e nomes de campos de concentração no kadish que fecha o romance.

Na quarta versão, depois de reduzida ao mínimo na precedente, Schwarz-Bart retomou o tom linear, aplacou a ironia absoluta e inflou o romance gradualmente até preencher 1200 páginas datilografadas (KAUFMANN, 1987). Esta versão foi entregue a Paul-André Lesort, da *Éditions du Seuil* que exigiu que o texto fosse diminuído a fim de torna-lo mais legível. Este trabalho durou de outubro de 1958 a maio de 1959, e então a quinta e última versão foi entregue para publicação.

Todo esse percurso de escrita tem por objetivo responder às questões dos jovens sobreviventes que Schwarz-Bart ouvia por toda parte. Ao invés de louvar os insurgentes do Gueto de Varsóvia, ele preferiu trabalhar todo o caminho que os judeus europeus percorreram desde as Cruzadas até Auschwitz que andado por um povo que, dotado de extrema coragem, preferia dar-se à morte a deixar de ser judeu e agitados por

³⁰ *Ce type de héros n'est pas spectaculaire. On le conteste volontiers aujourd'hui, au nom d'une humanité plus martiale. [...] on voudrait que mille ans d'histoire juive ne soit que la chronique dérisoire des victimes et leurs bourreaux. Soucieux de l'avenir, ou exaltés, nous avons un peu désappris de respecter notre passé.*

Mais l'histoire juive, me semble-t-il, est plus qu'une simple addition des victimes et il s'y manifeste une grandeur jusque dans les destins les plus ordinaires. C'est pourquoi je désire montrer un juif de la vieille race, desramé de sa haine, et qui pourtant soit homme, véritablement, selon une tradition aujourd'hui presque éteinte.

³¹ Esse tipo de humor foi chamado por Michel Borwicz (*Écrits de Condamnés à Mort*) de "humor de potência" que é a desenvoltura humorística que quem sabe que está condenado a morrer adota. Este tipo de humor existia, principalmente nos campos de concentração e guetos. Borwicz é citado como fonte por Schwarz-Bart.

uma dignidade exemplar que os impedia de se tornarem como seus carrascos. Esta é a resposta que Schwarz-Bart dá a estas indagações: os judeus da "velha raça"³² nunca se tornaram como seus carrascos.

Todo o percurso criativo, de Marcus Libnitzki até o *Último dos Justos*, é a procura do tom mais adequado para dizer que todos os seis milhões de judeus mortos durante a Shoah (o mesmo poderia ser dito dos ciganos, escravos, Testemunhas de Jeová e outros perseguidos pelo nazismo) são vítimas inocentes e como tal merecem ter sua dignidade respeitada e que a responsabilidade de terem sido massacrados não pode, mesmo que em parte, ser-lhes atribuída. Schwarz-Bart resgatará a dignidade de outro grupo de vítimas que, em circunstâncias bem diferentes, mas com algumas similitudes, foi caçado e transportado como animais, aviltado, desumanizado e massacrado: os negros africanos que, durante mais de trezentos anos foram traficados como mercadoria em porões asfixiantes de navios que cruzavam o atlântico, para serem escravizados na América, onde eram tratados como um rebanho cuja vida tinha o mesmo valor de rezes ou ovelhas. As relações entre a Shoah e a Escravidão presentes na obra de Schwarz-Bart (*O Último dos Justos* (1959), *La Mulâtresse Solitude* (1972), *Un Plat de Porc au Bananes Verts* (1967) e *L'étoile du Matin* (2006) não será tratada neste trabalho por ser assunto demasiadamente complexo e que fugiria da proposta inicialmente colocada.

1.2.1 – O Último dos Justos.

A história de Ernie Levy é contada por um narrador em terceira pessoa, onisciente, que se coloca como amigo do herói e se aproxima do leitor chamando Ernie de “nosso amigo”. Ernie Lévy é um jovem judeu da Alemanha, nascido em uma família de judeus da Polônia, que é deportado da França a Auschwitz, onde é assassinado em uma das câmaras de gás. *O Último dos Justos* é um romance sobre a Shoah, no entanto, o nazismo e a Shoah só ocupam o quarto final da narrativa. A frase que abre o romance “Nossos olhos recebem a luz de estrelas mortas” (SCHWARZ-BART, 1988, p. 4) nos remete a uma ideia de que o passado se faz presente e o contato com ele é incessante. A

³²Schwarz-Bart chama assim os judeus do leste da Europa em contraposição aos judeus do recém criado Estado de Israel, cf. nota na página 38. Lembramos que o termo raça só passou a ser crítica e problematizada na década de 1970.

luz que as estrelas emanam demora centenas, milhares de anos até ser percebida por nossa retina, então, cada vez que olhamos para o céu, contemplamos o passado. As colocações sobre as cinzas dos judeus queimados na cidade de York, feitas, no romance, por um cronista medieval segue no mesmo caminho, elas permanecem no ar e perduram no tempo

Seu corpo foi lançado numa grande fogueira, e, infelizmente, suas cinzas dispersaram-se ao vento. De maneira que nós as respiraremos; e então, pela comunicação dos pequenos espíritos, chegará até nós um certo humor envenenado, que a todos assombrará! (SCHWARZ-BART, p. 5)

Ao enunciar que a vida de um jovem judeu morto na Shoah “caberia facilmente no segundo quartel do século XX” (idem, *ibidem*), mas que sua verdadeira história, começou “muito tempo antes, pelo ano mil da nossa era” (idem, *ibidem*) reforça a constância da presença do passado no presente. Esta constância se dá não pela repetição, mas pela imutabilidade da situação das personagens, como se toda a história dos Lévy tivesse acontecido de uma só vez. Tal visão do tempo, que permite a interseção do passado, cuja presença torna possível a narrativa, quebra com a concepção do tempo divisível em instantes que se sucedem, e se aproxima de uma visão de tempo contínuo, onde o passado se torna presente, como conclui Santo Agostinho (1999) em sua investigação sobre o tempo (*Confissões*, livro XI). Toda a “verdadeira história de Ernie Levy” é lembrada pelo narrador no ato de contar, o tempo mesmo onde tudo se desenrola é o presente e é aí, no agora da narrativa que o destino de todas as personagens se realiza como se realiza em nossas retinas a luz das estrelas que viajou centenas de anos pelo espaço.

A constante atualização do passado pelo presente da narração abre em cada momento lembrado, uma janela por onde é possível visualizar o evento final da vida do herói. Isso é possível porque já se sabe que toda a narrativa é a “verdadeira” história de Ernie e pela estrutura mesma do romance que faz com que os acontecimentos anteriores à narração da história do herói nela se repitam. Esta forma de construção “em espelho” possibilita os paralelos entre a história dos Levy e a história de Ernie, que se confundem. Um bom exemplo desse paralelismo está nos episódio do renascimento de Salomão Levy, filho caçula do rabi Yom Tov Levy, de entre os “cadáveres cobertos de

moscas” (SCHWARZ-BART, 1988, p. 7) e do resgate de Ernie por seu avô, Mardoqueu que encontra o corpo do neto que tentara o suicídio e “[...] surpreendeu-se com o zumbido de moscas que rodopiavam em torno do cadáver” (idem, ibidem, p. 237). No primeiro, nasce a lenda da dinastia dos lamed-vav com a salvação do primeiro Justo por um anjo, na época da primeira Cruzada e no segundo, já na Alemanha nazista, Ernie, o último Justo, depois de ser atacado por um grupo de *pimpfe*³³, tem clareza de que o futuro dos judeus na Alemanha é perigoso. A história dos Levy começa com os corpos dos judeus de York sendo queimados em uma fogueira e termina com os corpos dos judeus sendo queimados nos fornos crematórios de Auschwitz.

O passado constantemente atualizado pela narrativa e o desfecho previamente indicado, faz com que o narrador consiga unir toda a história dos judeus na Europa em um grande bloco indivisível e não formado por episódios estanques. A dinastia dos Levy, que vão sofrer sempre com a violência contra os judeus, garante ao romance a unidade e consegue apresentar como contíguos os ataques às comunidades judaicas durante as primeiras Cruzadas, os pogroms perpetrados pelos cossacos no século XIX e XX e a Shoah. O romance apresenta a oeste a fumaça da fogueira de York, a leste as chaminés de Auschwitz e entre as duas, toda a história dos judeus no ocidente.

1.2.2 -Literatura e história

O romance se apresenta como um ciclo historicamente fechado. O herói não é situado no espaço, mas no tempo, um tempo histórico marcado por acontecimentos datados com precisão. O parágrafo de abertura deixa claro que a história de Ernie Lévy poderia ser contada e caberia muito bem no segundo quartel do século XX, como aconteceria em qualquer narrativa cujo herói morresse em Auschwitz aos 20 anos, mas, tal procedimento excluiria completamente tudo o que acarretou os acontecimentos que levaram o herói até os fornos crematórios, segundo a lógica do romance. Para contar a "verdadeira história de Ernie Lévy" que contaria todos os acontecimentos que levaram à morte do mesmo, o narrador abre uma grande digressão, que ocupará quase toda a narrativa e situa o início da história no dia 11 de Março de 1185.

³³ Jovens entre 6 e 9 anos recrutados pela juventude hitlerista.

Este recuo tão grande no tempo tem como objetivo chegar a Auschwitz, aliás, ele é o ponto central da narrativa, a chave que permite entender a diegese do romance e porque a história do herói é precedida por várias outras histórias. Para chegar ao ponto final da narrativa de um jovem judeu deportado da França, o autor precisa mostrar os desencadeamentos que fizeram com que ele migrasse para aquele país, da mesma forma que para falar de Auschwitz, nunca tentando explica-lo, é preciso mostrar todo o processo que levou a Europa civilizada a construí-lo. E para construir essa demonstração, é preciso ir ao princípio de tudo.

A visão de Schwarz-Bart da História dos judeus foi muito influenciada pelos historiadores Simon Dubnov, Jules Isaac e, principalmente, Leon Poliakov³⁴ que situam na época das primeiras Cruzadas o nascimento do antissemitismo ocidental. Dessa forma, é para a Idade Média que a narrativa se volta, para o princípio. A forte influência de historiadores faz com que a construção do romance seja feita em paralelo aos acontecimentos históricos, não da História registrada nos livros e ensinada na escola, com seus reis, condes, papas, guerras e heróis, mas da história dos perseguidos. Mesmo assim, o romance não apresenta uma relação causal entre o massacre de York e o nazismo.

A História está na base do romance, principalmente a dos judeus na Europa, mas o que Schwarz-Bart faz não é uma transposição dela para sua narrativa, mas uma recriação da mesma, sendo fiel sempre ao momento histórico que ele procura recriar, mas não aos acontecimentos em si, a preocupação é com que o narrado consiga transmitir a atmosfera do momento histórico recriado. O cuidado em transmiti-la está na estrutura e forma do romance em si que adequa a escrita a cada época retratada. A frase de abertura "nossos olhos recebem a luz de estrelas mortas" (p. 4) nos coloca em alerta, segundo Francine Kaufmann, por apontar que

[...] os acontecimentos brutos só são claros na aparência. Sua realidade é somente a realidade refletida de uma fonte antiga assim como a luz

³⁴ Cf. Poliakov, Leon. *De Cristo aos Judeus da Corte e Dubnov, Simon. Précis d'histoire juive (1936)*, Jules Isaac, *Jésus et Israël e Genèse de l'Antissemitisme*. Outros historiadores do judaísmo também discutiram sobre o mesmo sujeito, Cecil Roth e Heinrich Graetz também ligam o período das Cruzadas ao nascimento do antissemitismo.

das estrelas é somente o reflexo, projetado no tempo e no espaço, de um astro já morto. (1987, p. 31, tradução nossa) ³⁵.

Talvez seja essa a distância que devemos tomar para entender o salto que Schwarz-Bart dá para contar a história de Ernie Lévy, cuja "verdadeira história" começa na Idade Média.

O primeiro acontecimento é o pogrom seguido de suicídio coletivo na cidade britânica de York, que dá origem à lenda dos justos com a salvação milagrosa do filho do Rabi Yom Tov do meio dos mortos e o último se dá numa das câmaras de gás de Auschwitz. A linhagem dos justos, que começa em York e termina em Auschwitz é a coluna vertebral do romance e articula toda a narrativa em torno de si. Assim, o que aconteceu na Idade Média vai percorrer o tempo e o espaço europeu e chegar até aos campos de extermínio nazistas como a luz projetada de uma estrela viaja pelo universo milhares de anos para ser percebida pela retina de nossos olhos. Deste ponto de vista, Auschwitz é o fim de uma história que, realmente, começou muito antes.

Assim, Schwarz-Bart faz uma ligação orgânica, tanto histórica quanto romanesca entre a Idade Média e a Segunda Guerra Mundial (KAUFMANN, 1987, p. 32). Esta ligação é feita pela linhagem dos justos que tem o primeiro morto em uma fogueira depois de uma Disputa entre judeus e os doutores da Igreja e o último, depois de asfixiado numa câmara de gás, é queimado num dos fornos de Auschwitz. A morte de Ernie é mais que o cumprimento de um destino pessoal, mas o encerramento de um destino coletivo de uma civilização aniquilada, o judaísmo do leste europeu. A morte de Ernie, o último dos justos, "morto seis milhões de vezes" (SCHWARZ-BART, 1986, p. 347) é simbólica de seu povo assim como a de Yom Tov Lévy, o primeiro. Ambos são a encarnação extrema do destino judaico de sua época e é nessa ligação entre o começo e fim que o romance se torna escatológico. Isso não significa que Auschwitz esteja ligado às Cruzadas ou é delas resultado, cada época perseguiu os judeus ao seu modo, por isso que cada personagem é perseguido ao modo de sua época, durante a Idade Média o algoz é a Igreja, encarnada nas figuras do Bispo de York xula;

À parte das relações entre datas e acontecimentos, o que se percebe sobre a história no romance é a inscrição de um movimento que sempre impele as personagens

³⁵"*Les événements bruts ne sont clairs qu'en apparence. Leur réalité n'est que la vérité réfractée d'une source ancienne de même que la lumière des étoiles n'est que le reflet, projeté dans le temps et l'espace, d'un astre déjà mort*"

a se moverem como se elas fossem empurradas por algo para algum lugar, que sabemos de antemão, é Auschwitz. Schwarz-Bart acredita que a Shoah fechou uma fase da história judaica, a fase teológica e o nascimento do estado de Israel marca o nascimento de uma nova fase.

Auschwitz é o ponto para onde toda a narrativa caminha, da mesma forma que todos os rios correm para o mar e todos os trens para uma estação final. Todos os episódios da história judaica são escritos sob a sombra que Auschwitz lança sobre todos os outros períodos que o precederam, mas, mesmo assim, se alimenta deles³⁶. Os campos de extermínio nazistas são percebidos no romance, mesmo não tendo sido retratados por ele, como o ápice de um processo que começou muitos séculos antes e que permite ver-se, em germe, em cada um deles. Ao refletir Auschwitz em cada tragédia da história judaica reconfigurada em seu texto, Schwarz-Bart cria um romance irreversível onde a violência, encarnada, na maioria das vezes, em instituições muito bem organizadas (a Igreja, o rei, o III Reich, Vichy) assume uma forma gradativa que encontra seu ápice destruidor nas câmaras de gás. Desta forma, o holocausto da torre de York³⁷, à primeira vista um anacronismo, é apresentado como um fio que se estende, ora esgarçado, ora rompido, mas sempre emendado até as câmaras de gás dos campos de concentração nazistas.

³⁶ A Shoah só foi possível no séc. XX, mas, o tratamento dado aos judeus e o lugar a eles reservado na sociedade europeia desde a Idade Média, não só contribuíram como se encontram na base do antissemitismo moderno. A construção do judeu como "o outro" e a mudança que ela sofreu se arrastam por séculos e cada época com suas peculiaridades separa os judeus de seus vizinhos. Um outro genocídio, acontecido algumas décadas depois da Shoah pode lançar algumas luzes sobre como se cria o "outro" e como isto pode ter resultados catastróficos: a construção em Ruanda, através de um discurso racial de dois grupos distintos que culminará no genocídio dos tutsis levado a cabo pelos hutus. A distinção racial entre os dois grupos não existia até o domínio belga da região, iniciado logo após o fim da I Guerra Mundial, que, junto com a Igreja, criaram as distinções entre os dois grupos e, depois do fim do domínio colonial belga, ela foi instrumentalizada pelos governantes hutus contra a população tutsi, que passou a ser chamada de "baratas" e sofreram vários massacres até o ano de 1994, quando cerca de 800.000 tutsis foram exterminados. Sobre a diferenciação criada pelos belgas e pela Igreja e instrumentalizada pelas elites hutus, cf. Coquio, 2004; Sémelin, 2009 que trata dos usos políticos dos genocídios. Sobre o tratamento dado aos judeus desde a Idade Média até a Shoah, cf. Hilberg, 1985, principalmente o primeiro capítulo que traz um paralelo entre as leis de exceção dos séculos precedentes que foram retomadas pelos nazistas.

³⁷ Esse fato (anecdote no original) não oferece nada de extraordinário em si. Aos olhos dos judeus, o holocausto da torre não passa de um modesto episódio de uma história sobrecarregada de mártires. (Schwarz-Bart, 1988. p. 5) acreditamos que Schwarz-Bart brinca com o sentido da palavra "anecdote" tanto literal quanto corrente. Esse pequeno trecho do início do romance pode ser lido como um fato pitoresco, curioso como também pode, segundo a acepção literal da palavra anecdote, se lido como um fato histórico curioso cuja narração pode esclarecer o desenrolar da história.

A onipresença da violência

Toda a narrativa é transpassada pela violência. Poderíamos dizer que todo o romance é pura violência em todas as esferas: religiosa, estatal, simbólica, física, moral etc. Poderíamos dizer ainda que a violência extrapola o romance e pode ser percebida em sua recepção e nas questões do "affaire Schwarz-Bart".

É inegável que o massacre de York, as fogueiras da Inquisição ou a deportação constituem passagens extremamente violentas, mas o tema da violência está presente de maneira muito menos aparente e em situações nas quais ela é dificilmente reconhecida. Um movimento que é central no romance, a saída dos Levy de Zémyock é marcado pela brutalidade de um pogrom que desencadeia a migração para Berlim. O pogrom é violento, mas o movimento migratório também o é por si só. Em um curto artigo, o estudioso da migração Carlos Vainer (1998) sustenta que, apesar do que afirmam as teorias liberais, a movimentação de populações não acontece porque os indivíduos são livres para se deslocarem, mas sim, pelo fato de não encontrarem condições de permanência em seus lugares de origem, ou daí serem expulsos e de não poderem se locomover livremente uma vez que as fronteiras se encontram fechadas, o que faz dos movimentos migratórios violentos por princípio. Sobre essa questão, em artigo dedicado ao recente fluxo migratório da África para a Itália, Gonçalves afirma

Violência e migração aparecem historicamente como verdadeiras irmãs siamesas. De fato, ao longo dos séculos, toda violência, aberta ou subterrânea, declarada ou silenciosa, contém potenciais deslocamentos humanos. Estes, embora diferenciados no tempo e no espaço, desencadeiam enormes fluxos migratórios. Em numerosos casos, tais movimentos de massa constituem o lado visível de uma violência estrutural e invisível. Uma espécie de termômetro das turbulências ocultas em curso. Se isso é evidente, por exemplo, nas formas de violência marcadas pelo subdesenvolvimento, a pobreza, a miséria e o desemprego (África, Ásia, América Latina, Caribe, Leste Europeu), o é com muito maior razão nas regiões de conflitos armados por motivos políticos, ideológicos ou religiosos (Oriente Médio, Norte da África, Paquistão, Iraque, Afeganistão). Neste caso, o preconceito e a discriminação, a intolerância e a xenofobia provocam fluxos de migração cada vez mais intensos, complexos e dramáticos. (GONÇALVES, 2013)

Dentro dessa visão de movimento de massas, podemos dizer que no *Último dos Justos* a situação dos judeus que chegam a Berlim, vindos do leste e são alojados em

uma antiga sinagoga adaptada, onde as paredes são desenhadas no chão com giz não oferecendo nenhum conforto ou privacidade é o retrato de uma violência sutil, mas atordoadora, que é a situação dos recém-chegados ao mundo urbano que Berlim representa.

No romance, o que se sucede à Noite dos Cristais é a fuga da Alemanha pelo porto de Hamburgo. Nesta passagem, a violência da migração aparece na forma mais completa: um acontecimento extremamente violento, um pogrom, faz com que os judeus queiram deixar a Alemanha; no outro lado da viagem, eles encontram as portas e os portos fechados

[...] as dezenas de milhares de judeus que afluíram a esse porto [Hamburgo] tiveram como obstáculo a palavra de ordem das democracias: nada de visto. Um punhado deles lançou-se ao oceano; por razões humanitárias não foram afundados, porém foi-lhes permitido morrer ancorados em Londres, Marselha, Nova Iorque e Tel-Aviv, e Málaga e Cingapura, e Valparaíso e todas as âncoras que eles desejaram. (p. 251)

Os Lévy embarcam no navio *Saint Louis*³⁸ que

[...] como uma arca dos tempos modernos fez duas vezes a volta da terra sem ver nascer uma flor para suas mulheres, um sorriso para seus filhos, uma lágrima para seus velhos. Os corações democratas se fecharam. Após uma bela viagem, todo o grupo voltou para Hamburgo, a fim de acabar seus dias na terra natal. Assim, jamais houve um embargo tão admiravelmente observado. E viva a democracia exclamaram as democracias. Mas, imediatamente: abaixo a demobolchoplutojudeonegromongolo... cracia! Brutalmente respondeu o cabo que indignado faz "negociar" cem mil judeus imediatamente, a começar por aqueles do *Saint-Louis*. Shoking, shooooking, ulula o editorialista do *Times*; e com a intenção de dar início a esse regime não constitucional segundo as regras do *cant* internacional, a Real Esquadra botou a pique por oito braços um pequeno navio de crianças judias que se aventurou no limite das águas do Britannic Mandat of Palestin; *mas após as advertências de praxe*. (p. 252)

³⁸ O cruzeiro Saint Louis fazia a linha Hamburgo/América e, em 1939, foi palco de um dos mais dramáticos episódios de fuga de judeus da Alemanha no pré-guerra. Com mais ou menos 900 refugiados, o navio foi impedido de atracar em Cuba, EUA e Canadá, que negaram aos judeus vistos de entrada, sendo obrigado a retornar para a Alemanha com todos os passageiros. Para evitar que os refugiados voltassem para a Alemanha, seu capitão Gustav Schröder, pensou em afundar o navio nas costas da Inglaterra. França, Inglaterra, Bélgica e Holanda aceitaram receber os refugiados do Saint Louis.

A situação encontrada pelos Lévy em sua fuga reflete não só a violência sofrida pelos judeus durante o nazismo, mas os toma como exemplo de uma situação que extrapola a guerra e pode ser encontrada tanto antes quanto depois dela: massas humanas continuam se deslocando dentro de um cenário extremamente violento onde pessoas são obrigadas a deixar seus lugares de origem e vêm-se sem destino tendo negada a entrada em outros países ou tendo que neles viver de maneira "ilegal" ou, em caso de guerra, são impedidas de chegar ao destino. Dentro dessas situações tão abundantes, a própria existência de fronteiras é uma violência. Assim como os judeus do *Saint-Louis*, e tantos outros, ainda hoje a mesma situação pode ser verificada em várias partes do globo, como, por exemplo, os africanos que chegam à costa sul da Itália fugindo da situação miserável e dos constantes massacres e encontram em Lampedusa, Siracusa e Sicília centros para refugiados onde vivem em condições precárias, sendo que muitos barcos e canoas usadas por esses refugiados naufragam na viagem³⁹.

A violência por tudo: a exploração dos campos estendida ao mundo livre.

Além dos movimentos migratórios, outro aspecto da sociedade moderna retratado pelo romance como sendo uma relação de violência é o trabalho. A primeira aparição no romance de relações laborais está exatamente no momento em que Zémyock começa a se aproximar do mundo moderno, quando Mardoqueu, avô de Ernie, consegue emprego na colheita da batata em uma fazenda distante onde, para conseguir trabalhar e levar seu salário, dez quilos de batata, é obrigado a lutar com um de seus companheiros coletores (pgs. 33, 34, 35). A partir desse momento, sempre que uma relação de trabalho aparece no romance ela é sempre configurada como exploração retratada como uma forma de violência, como, por exemplo, o menino Benjamin que "[...] era um pontudo cuja ponta da alma se dirige com prazer contra si próprio" (p. 59), e que foi, aos oito anos, ser aprendiz de alfaiate para "na falta de trazer um salário, fazia a economia de uma boca no almoço" (pg. 59). Benjamin que

foi entregue tão cedo ao capricho de um patrão, a ponta se aguçou: ele sofreu.

³⁹ Imigrantes em situações de clandestinidade e precariedade são encontradas hoje por todo o mundo, basta olhar para os mexicanos nos EUA, os bolivianos em São Paulo ou os árabes na Europa.

Embora se aplicasse no trabalho, a imobilidade o tornava nervoso, mal se continha, e todos os espíritos animais que se entregavam a uma dança incessante em seu corpo o faziam estremecer, a todo instante, sobre o banquinho que o mantinha prisioneiro. (p. 60, grifo nosso)

Benjamin é a personagem que mais sofre as situações penosas das relações de trabalho. Como sua educação religiosa foi negligenciada por seu pai, o que não fez dele um erudito da Torah, ele é obrigado a ter uma profissão e vai aprendê-la sendo explorado primeiro em uma alfaiataria de Zémyock e depois em Bialystok para onde vai a fim de concluir seu aprendizado. As condições de trabalho na oficina do Sr. Ruznek mostram uma situação de sofrimento e exploração. Com uma jornada extenuante, exercendo várias funções, Benjamin trabalhava em um ambiente fétido e poluído onde

[...] permaneceu dois anos. Trabalhava-se durante quinze horas a fio numa pequena peça imersa em constante vapor de ferro de passar. Cinco suores compunham ali um surpreendente buquê de perfumes. Benjamin era ao mesmo tempo oficial e aprendiz, menino de compras, carregador, ama-seca e mesmo cozinheiro ocasionalmente, quando a esposa obesa do patrão se sentia muito prostrada. (p. 62)

Na mesma oficina trabalhava o Sr. Goldfaden, um homem velho, "[...] um solteirão que o patrão ameaçava despedir depois que seus braços enfraquecidos mal aguentavam o peso do enorme ferro" (p. 63). Desse personagem pode-se depreender uma relação mercantil entre patrão e empregado, onde este é útil até o momento em que pode ser usado, uma vez estabelecida a impossibilidade de exploração, ele é descartado. A situação de descartabilidade de homens como se fossem peças explicita uma forma de violência presente nas relações laborais que transforma homens em coisas, como podemos ver no diálogo entre Benjamin e o Sr. Goldfaden:

— perdoe-me, Sr. Goldfaden, mas, eu posso perguntar-lhe o que fará no dia em que não puder mais levantar ferro de passar?
O oficial⁴⁰ colocou o ferro sobre o tripé, e o rosto flácido como um *soufflé*, por causa dos quarenta anos de fumaceira, tomou uma expressão desagradável:
— O que farei? Articulou lentamente. Com a permissão de Deus, meu filho, eu morrerei de fome! (p. 63)

⁴⁰ *Presseur*, no original.

E tal como uma peça defeituosa, ele é substituído quando perde a utilidade:

O Sr. Goldfaden se tornava cada vez mais desastrado. Na ausência do patrão, levantava agora o ferro com as duas mãos. Enfim, deixou-o cair, com uma labareda acre de tecido e madeira seca. O incêndio deixou somente uma mancha negra sobre o assoalho, mas, no dia seguinte, não vendo voltar o velho operário, Benjamin enfrentou o sombrio mutismo do Sr. Ruznek.

À tarde, apresentou-se um jovem com braços tão magros quanto os do Sr. Goldfaden, mas que parecia decidido a não largar o ferro. (p. 64)

Situação parecida é a de Mardoqueu que resolve procurar trabalho na Alemanha depois de deixar Zémyock para se juntar ao seu filho Benjamin, único que sobreviveu ao pogrom. Velho e judeu numa Alemanha devastada pela crise econômica, ele é descartado como mão-de-obra, encarnando em si as situações precárias de ser velho, imigrante e judeu e que não possuía nenhuma habilidade especial

O derradeiro fio que ligava Mardoqueu à existência cotidiana viu-se rompido, perfidamente, pelos pequenos dedos ágeis e delicados de Benjamim.

Desde sua chegada a Stillenstadt, Mardoqueu tentara procurar um emprego porque ele não queria ser, dizia num tom singular, um peso para o filho. Ele tinha o hábito - não é verdade? - de ganhar seu pão.

Mas o desemprego que grassava na Alemanha não oferecia nenhuma oportunidade a um velho, estrangeiro e judeu, ainda por cima; após humilhantes tentativas, e se vendo rejeitado, à margem da vida, esbarrou um dia na loja do filho, enchendo-a com sua estorvante carcaça. Queria aprender a pregar botões, a passar a ferro, a tirar alinhavos etc. - tarefas para um aprendiz de 10 anos. (p. 107).

Robert Antelme, em um texto intitulado *Pauvre – Proletaire – Deporté*⁴¹ que trata do despertar do proletariado e das relações entre pobres e ricos, que ele coloca em paralelo com as relações entre deportados e SS e com o regime de exploração existente nos campos de concentração que, por sua vez, não era mais que uma "nítida imagem do inferno mais ou menos velado no qual vivem ainda muitos povos" (ANTELME, 1996, p. 30. tradução nossa)⁴². Esse texto que, segundo Dionys Mascolo deve ser lido como um apêndice político de *A Espécie Humana* (MASCOLO, 1987, p. 85) supõe uma continuidade entre o campo de concentração e o mundo que seria percebida nas

⁴¹ Publicado originalmente em 1948, na revista *Jeunesse de l'Église*, em um número intitulado *Le temps du pauvre*.

⁴² *Image nette de l'enfer plus ou moins voilé dans lequel vivent encore tant de peuples.*

condições dos trabalhadores e na relação de exploração que se estabelece entre patrão e empregado. Tal continuidade entre o campo e o mundo pode ser percebida no comentário de Agamben sobre o testemunho de Miklos Nyiszli sobre uma partida de futebol entre os *Sonderkommando*⁴³ e os SS que foi um intervalo nas ações do seu grupo, enquanto os fornos continuavam funcionando. Agamben não vê, assim como Nyiszli que aquela partida foi um intervalo de humanidade em meio ao horror, mas sim, que o momento de normalidade que ela foi é o "verdadeiro horror do campo" (AGAMBEN, 2008, p. 35) e continua "[...] talvez pensar que os massacres tenham terminado – mesmo que cá ou lá se repitam, não muito longe de nós. Mas aquela partida nunca terminou, é como se continuasse ainda, ininterruptamente" (idem, ibidem).

Tanto Mardoqueu quanto Benjamin representam trabalhadores que não possuem nada além de sua força de trabalho, proletários no sentido mais básico do termo, e que têm que se sujeitar a situações penosas para poderem sobreviver. A luta de Mardoqueu na colheita de batatas não é pela brasa da fogueira, nem pelos dez quilos de batata do seu salário, mas é uma luta pela sobrevivência, tanto no sentido de manter-se vivo e fazer viver os seus, quanto no de não morrer e conservar sua integridade física, e Benjamin tem que suportar o sofrimento do seu trabalho e o "capricho de um patrão" para também poder sobreviver, assim como os deportados eram obrigados a lutar por todos os meios e, da mesma forma que o Sr. Goldfaden foi descartado quando não pôde mais segurar o ferro de passar e abandonado a morrer de fome, eles eram enviados para a morte quando não eram mais úteis ou quando não tinham mais forças.

Mesmo não tendo sido deportado, Schwarz-Bart pesquisou vários testemunhos de sobreviventes disponíveis na França nos anos de 1950, lendo inclusive os textos de Antelme. Pode-se perceber uma certa afinidade entre os dos dois autores no que se relaciona ao trabalho. Em *A Espécie Humana* (2013) Antelme relata o trabalho no *kommando*⁴⁴ de Gandersheim como sendo tão penoso e desumanizante que os detentos,

⁴³ *Sonderkommando* (comando especial), engloba várias significações. A primeira designa as equipes de detentos encarregados de tarefas ligadas ao extermínio dos judeus: despir e levar as roupas dos deportados, retirar os corpos das câmaras de gás, os levar aos crematórios onde retiravam os dentes de ouro e raspavam as cabeças para pegar os cabelos, proceder a cremação e, depois disso, pulverizar as cinzas e espalhá-las. Devido às suas tarefas, eles eram isolados dos outros detentos para proteger o segredo. Designava também os comandos que faziam parte dos *einsatzgruppen* e ainda, poderia designar os centros de extermínio imediato. Cf. Bovy, 2007; Hilberg, 1988;

⁴⁴ *Umkommando* era unidade de trabalho forçado, fisicamente autônoma de um campo de concentração e também um grupo de detentos encarregados de efetuar um tipo de trabalho (drenagem, eletricidade, crematório etc).

principalmente os que não possuíam alguma habilidade especial (torneiro, pedreiro, desenhista etc) são por ele retratados através de uma comparação com animais de carga. Trabalhando doze horas por dia nos campos e minas, os detentos se transformam em mulas ou cavalos transportando sem descanso pesadas cargas, sua força física era explorada como se fossem animais "Não sabíamos fazer nada como os cavalos, trabalhávamos do lado de fora carregando vigas e tábuas para montar as barracas nas quais o Kommando deveria mais tarde alojar-se" (ANTELME, 2013, p. 46). A comparação a bestas de carga não é usada somente na exploração da força física dos detentos, mas seus corpos se transformam lentamente desvelando uma assimilação literal a animais: "[...] fico com as pernas de fora; estão roxas, ásperas, sem forma; os joelhos enormes como os dos cavalos" (idem, p. 303). O trabalho forçado, extenuante, infligido aos detentos afeta não só o seu estado de espírito, mas também sua fisionomia e a relação com a linguagem chegando a obedecerem aos comandos dos SS como fazem os animais de carga, que respondem ao comando de seu dono através de um estímulo condicionado que os faz avançar: "*Komme*, disse Pé-chato. *Komme*, só isso; e eu o segui. Um pequeno sinal e, quase em voz baixa, *Komme*, dirigido a mim; isso me punha em funcionamento." (idem, p. 159).

O trabalho sempre teve uma conotação de sofrimento. Ele é percebido como castigo, tortura, fadiga, maldição, punição etc. Quando Adão é expulso do Paraíso, depois de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele é condenado a trabalhar:

[...] maldita é a terra por tua causa; com fadiga comerás dela todos os dias de tua vida. Espinho e abrolho produzirá para ti e comerás a erva do campo. Com suor do teu rosto comerás pão; até teu voltar para a terra, pois dela foste tomado; porquanto tu és pó, e ao pó hás de tornar (Gn. 3:17 – 19)

A palavra trabalho se origina do nome de um instrumento de tortura, o *tripalium*, que, originalmente, servia para amarrar animais e escravos, estes para serem castigados, aqueles para serem cuidados ou ferrados. Durante a Idade Média o termo passa a designar tortura e trabalho. Em latim existem três palavras para designar trabalho: *labor*, que tem um sentido mais próximo do de trabalho como fadiga e sofrimento, é o que os escravos faziam, trabalho braçal; *opera*: trabalho manual, ofício;

não tem a carga pejorativa de labor, está ligado à habilidade e *opus*: trabalho no sentido mais abstrato; trabalho criador ligado à elite e aos artistas. Mesmo o texto bíblico diferencia o trabalho de construção do mundo efetuado por Deus⁴⁵, que teria um sentido parecido ao de *opus*, e o que o homem teria que fazer depois da expulsão⁴⁶. Os gregos também diferenciavam trabalho braçal e trabalho criativo. Então, a divisão entre vários tipos de ação que acabaram recebendo o mesmo nome de trabalho existe desde muito tempo e a percepção do trabalho como tortura ou castigo é atemporal.

Segundo Agamben, o campo de concentração se tornou o paradigma oculto do espaço político na modernidade e se encontra, desta maneira, disfarçado e apresentando inúmeras variações, mas nunca ausente das democracias liberais (2004). Não pretendemos aqui fazer uma discussão sobre a expansão do estado de exceção que os campos nazistas ilustram, mas essa percepção de Agamben ilustra de maneira poderosa tanto a visão de Antelme de que o lager "transbordou" e se encontra por tudo. A expansão do estado de exceção que se constitui como regra, ou para Agamben, paradigma da modernidade, pode ser encontrada já nas Teses Sobre o Conceito de História, de Walter Benjamin, notadamente da tese VIII, onde podemos ler "[...] a tradição dos oprimidos nos ensina que o 'estado de exceção' no qual vivemos é a regra" (BENJAMIN apud LÖWY, 2005, p 83), de onde o autor italiano tira esta noção paradigmática que o campo representa. Sabemos que Benjamin não conheceu os campos de concentração nazistas (salvo um curto período no campo de Vernuche, perto de Nevers) e não teve tempo de saber o que se passava neles, uma vez que suicidou-se ainda em 1940, fugindo, mas, através de um olhar da História pelo ponto de vista dos oprimidos, ele percebe que a regra é a opressão dos povos pelas elites desde tempos imemoriais⁴⁷.

Nos campos de concentração ser selecionado ou ser considerado apto ao trabalho salvava, pelo menos por um tempo, a vida dos detentos; vários campos receberam instalações de grandes indústrias que exploravam o trabalho dos prisioneiros; os campos de extermínio foram concebidos, construídos e funcionavam dentro de uma lógica fabril que os aproximava à esteira da linha de produção de uma fábrica: plataforma de desembarques deportados, vestiário onde eles se despiam, câmara de

⁴⁵ מלאכתו (m'lachto).

⁴⁶ עבודה (avodá).

⁴⁷ Sobre o estado de exceção em Benjamin, cf. Löwy, 2005; Seligmann-Silva, 2009; Agamben, 2011.

gás onde eles eram mortos, fornos crematórios onde eles eram queimados. Tudo controlado, contado, com aproveitamento máximo do tempo, de material e de energia, de maneira racional, mecânica, enfim, uma verdadeira indústria da morte⁴⁸.

As indústrias se tornaram o centro dos campos (WORMSER, 1955) e se aproveitavam da exploração da mão de obra dos detentos. Tal mão de obra fornecida pelos deportados "[...] era destinada a ser explorada, de baixo custo, praticamente inesgotável e não demandando nenhum cuidado, pois ela devia morrer" (idem, p 140, tradução nossa)⁴⁹. Por seu caráter descartável, os detentos dos campos de concentração eram perfeitos para as atividades de guerra secretas do Reich, como a construção dos V.1 e V.2⁵⁰, que tomou medidas "[...] para que o segredo da fabricação não atravessasse os limites da usina: quanto mais detentos facilmente substituíveis morressem, menos o segredo corria risco de ser revelado" (idem, ibidem)⁵¹.

Inesgotável, substituível, descartável, este é o status do trabalho dentro dos campos. *Arbeit macht frei*, divisa inscrita em ferro em um dos portões de Auschwitz⁵², o trabalho liberta, deve ser lida como a antítese da situação na qual vivem os detentos dos campos. O trabalho dentro deles não levava à liberdade, mas sim, era uma das formas de aniquilar os deportados. Quando Antelme sai de Buchenwald, ele percebe que o mundo fora de lá mantém uma estrutura parecida com o campo, mais diluída, menos atroz e intensa, mas parecida e é na situação dos trabalhadores explorados nas usinas do mundo livre que ele enxerga essa continuidade, "[...] descobrimos ou reconhecemos que não há diferença de natureza entre o regime "normal" e aquele dos campos." (ANTELME, 1996, p. 32, Tradução nossa)⁵³. É no trabalho extenuante, na jornada infinita, na constante ameaça de desemprego, nas difíceis condições de vida dos trabalhadores que ele percebe a continuidade do campo sobre o mundo, pois o campo não inventou o

⁴⁸ Sobre esse assunto, cf. Bartov, 1996; Hilberg, 1985; Wormiser-Migot, 1968

⁴⁹ [...] *était corvéable à merci, peu coûteuse pratiquement inépouissable et ne nécessitant nul ménagement puisqu'elle devait mourir.*

⁵⁰ *Vergeltungswaffe 1* (V1) era uma bomba voadora desenvolvida pelo exército alemão e usada contra alvos britânicos e belgas durante a segunda guerra. *Vergeltungswaffe 2* (V2) era um míssil balístico usado nas últimas fases da guerra também contra alvos belgas e britânicos. A tecnologia desenvolvida pelos nazistas na produção do V2 tornou possível o desenvolvimento de foguetes espaciais tanto americanos quanto soviéticos, sendo a base da corrida espacial.

⁵¹ *Le secret de fabrication ne franchît pas le seuil de l'usine: plus il mourait de détenus aisément remplaçables, moins le secret risquait d'être violé.*

⁵² Os campos de concentração de Sachsenhausen, Theresienstadt e Dachau tinham a mesma inscrição em suas entradas principais.

⁵³ *on a découvert ou reconnu qu'il n'y a pas de différence de nature entre le régime "normal" d'exploitation de l'homme et celui des camps.*

novo⁵⁴, ele se serviu do que já existia e continuou existindo depois da libertação: a exploração do homem pelo homem.

Em *A Espécie Humana* (2013), homens são reduzidos a animais de carga que obedecem ao comando do kapo, num reflexo condicionado como faz esse tipo de animal. Em o *Último dos Justos*, o pequeno Benjamin está preso ao banquinho que o mantinha prisioneiro, como acontece aos animais como o asno ou o cavalo que, quando completamente domados e amansados não precisam de amarras fortes em algo pesado ou fixo, basta que a corda que os prende seja enganchada em algo como uma vassoura ou um banquinho ou qualquer outro objeto que, devido à força desse tipo de animal, poderia ser facilmente por ele arrastado. O método de adestramento mais comum desses animais é a fustigação, o que os move ou os impede o movimento é a chibata, mesmo quando ela está ausente. A vida nos campos de concentração nos dá subsídios suficientes para entendermos porque os detentos se sujeitavam. O quê, então, levaria o pequeno Benjamin a se prender ao banquinho? E o que sujeitaria os trabalhadores das usinas se não a mesma força que transformava os homens em bestas em Auschwitz ou Mauthausen, mas que apresenta-se, como afirma Agamben, disfarçada e sob inúmeras variações?

Ao apresentar a cidade de Stillenstadt, Schwarz-Bart demonstra o caráter ambíguo percebido tanto por Antelme quanto por Agamben sobre a situação de um mundo que convive com o extremo ao mesmo tempo que se aliena dele

Stillenstadt era uma dessas encantadoras cidades alemãs de antigamente. Com suas milhares de casinhas de boneca, de telhados rosa, enfeitadas com vasos de flores, ela parecia uma secreção material do velho sentimentalismo germânico que penetrava e ligava intimamente todas as coisas, da mesma maneira que, por um fio invisível, a baba da andorinha mantém unidos os raminhos que compõem seu ninho. Mas em Stillenstadt não havia nada de aéreo. Simplesmente pousada sobre a planície, ela ficava na bifurcação de um rio que se divisava bem na entrada da cidade. O braço principal do rio alimentava fábricas de calçados, dispostas ao longo de suas margens, bem como as de tinta industrial, onde, sobretudo mulheres definhavam lentamente; muito estreito e frágil, o braço secundário serpenteava delicadamente através do campo. O Schlosse - era seu

⁵⁴ Não nos referimos aqui à "Solução Final", mas somente às condições de trabalho existentes dentro dos campos e a exploração do trabalho forçado atestadas por todos os sobreviventes que deixaram seus testemunhos.

nome - só servia para a pesca e os prazeres do verão. (p. 94, grifo nosso)

E é no trabalho nas usinas onde "mulheres definham lentamente" em oposição ao frágil e estreito braço do rio que serve ao lazer que a ambiguidade aparece: a mesma cidade que vai pescar e brincar às margens de um braço de rio estreito e frágil é a mesma onde pessoas são exploradas na indústria alimentada pelo braço principal do mesmo rio e é a mesma cidade que vê a crescente de violência contra seus judeus. Essa ambiguidade transpassa o romance, aparecendo sutilmente em *Zémyock* e *Stillensdat*, desaparecendo em *Berlim* e reaparecendo em *Paris*. Na *Berlim*do romance não existe ambiguidade pois não existe prazer, ela é toda opressão.

Uma coincidência histórica se mostra muito fortuita para esta exposição, a origem do campo de concentração de Auschwitz que fora construído para abrigar um centro para migrantes, dado o volume de pessoas que lá chegavam em busca de um trabalho. Somente no ano de 1910, esses migrantes somaram 320.000 (WIEVIORKA, A, 2005). *Oswiecim*, que nessa época pertencia ao Reino da Áustria, era uma cidade fronteira que recebia muitos dos migrantes que pretendiam as grandes cidades como Viena e *Berlim*, o que preocupava a administração da região que decidiu construir nos subúrbios da cidade um centro para migrantes que era composto por um conjunto de prédios de tijolos-à-vista e algumas barracas que tinham capacidade de abrigar 12.000 pessoas. Esse centro era uma pequena cidade, com um teatro, uma igreja, correios e delegacia, todos provisórios, como as pessoas que por lá passavam. Depois da I Guerra, com o ressurgimento da Polônia enquanto país, a cidade de *Oswiecim* deixou de ser fronteira e seu centro de migrantes foi transformado em caserna até a invasão pelos nazistas que usaram o antigo centro como campo de passagem para os prisioneiros poloneses. Em Junho de 1940 o centro torna-se um campo de concentração de Auschwitz para receber prisioneiros poloneses que abarrotavam as prisões da Silésia. Por questões logísticas, Auschwitz se tornou o maior campo de concentração e extermínio criado pelos nazistas.

As origens do campo se ligam aos movimentos humanos que o romance aborda e à violência que eles encerram: migração e trabalho, pobreza e opressão. Originalmente constituído para receber e conter trabalhadores pobres que fugiam da miséria na qual

viviam e que rumavam para as grandes cidades da Alemanha e da Áustria, o campo é transformado aos poucos, mas em um curto período de tempo, em campo de concentração e extermínio. Um campo pensado para trabalhadores pobres em migração, em busca de trabalho que se transforma ele mesmo em usina onde pessoas são forçadas ao trabalho tanto na fabricação de borracha sintética no complexo da IG-Farben do campo III, como nas câmaras de gás e fornos crematórios. Dentro dos campos, como fora deles o trabalho é uma maldição através da qual se vive até que se morra.

Schwarz-Bart se volta, em seus romances posteriores ao *Último dos Justos* para a questão da escravidão dos negros na América não por acaso, a situação desses deportados em comboios marítimos onde, pelo menos, a metade morria no transporte, e a metade que sobrevivia era explorada nas plantações de cana-de-açúcar, café, algodão ou em minas até o esgotamento de suas forças, mas por enxergar entre estas duas situações aparentemente distantes similaridades tão assustadoras que poderiam endossar a percepção de Agamben e outros que o campo de concentração está em tudo, mas não só depois de sua criação, mas antes mesmo dela: homens, mulheres e crianças (os velhos eram mortos *in loco*) caçadas e enfiadas em porões asfixiantes de navios que viajariam por semanas até chegarem aos mercados de escravos do novo mundo onde eram selecionados e enviados para fazendas onde seriam destituídos de toda humanidade, animalizados, brutalizados, forçados a trabalharem até o fim de suas forças. Nessas fazendas, a morte pairava sobre a cabeça desses seres, alguns dentre eles eram selecionados para servirem de vigias dos demais, a menor falta poderia significar a morte.

Para Schwarz-Bart entender a gênese de Auschwitz só é possível se tomarmos em conta o que aconteceu nas colônias, pois os dois se ligam à mesma exceção: no mesmo mundo que instituiu a liberdade e igualdade entre todos os homens desde seu nascimento existem seres humanos dos quais a liberdade foi retirada e a igualdade negada⁵⁵. Os negros foram escravizados por mais de três séculos pelos mesmos países que promulgaram e aceitaram a liberdade e igualdade como pedra angular de suas existências e estes mesmos países perseguiram e negaram aos judeus o direito à igualdade.

⁵⁵ A escravidão só foi abolida definitivamente na França em 27 de Abril de 1848.

As migrações forçadas, os pogroms, os massacres, as guerras e suas consequências, principalmente a Shoah, assim como outras formas de violência que marcaram o séc. XX são abordadas por Schwarz-Bart e compõem seu primeiro romance da mesma forma que a violência da situação colonial do mundo extra europeu (África, Ásia e América foram reduzidas a colônias pelas potências europeias), principalmente a cometida por séculos contra os negros africanos que foram, por sua vez, reduzidos a escravos, bens móveis de seus senhores, ferramentas, são abordadas em seus romances seguintes, dos quais a escravidão nas Américas é objeto. Mas é só no seu último romance, *l'Étoile du Matin*(2006) que estes dois acontecimentos se encontram. No prólogo desse romance, tanto a Shoah quanto a escravidão dos negros são aproximadas e a Terra se transforma, ao mesmo tempo numa extensão do Gueto de Varsóvia e em um navio negroiro.

A Terra fora destruída por desastres atômicos. A superpopulação, a escassez de água e alimentos fez com que alguns humanos partissem para colonizar outras galáxias. Antes do fim do planeta, tal qual aconteceu tanto no Gueto de Varsóvia quanto nos campos de concentração, vários arquivos foram enterrados, o que permitiu a muitos humanos que encontraram o caminho de volta conhecer sobre seus antepassados.

Mas é em duas passagens curtas que Escravidão e Shoah se encontram:

Tinha-se chegados à imortalidade. Uma nostalgia havia tomado os humanos e alguns reconstituíram a vida de outrora, reinventando as religiões e os anexos obscuros, a família mononuclear, as festas, os sacrifícios, a morte. Outros reencontraram o caminho da antiga terra e cavavam as profundezas do solo à procura dos arquivos enterrados pouco antes da Catástrofe (SCHWARTZ-BART, 2009, p. 18. Tradução e grifo nossos)⁵⁶

Como o massacre em questão (a Shoah) não tinha nenhuma razão perceptível, ele era de uma gratuidade perfeita, o que distinguiu na lembrança de gerações sucessivas até o fim da terra. E um tipo de eco sutil ficou entre os que haviam deixado o navio no bom momento, para colonizar a galáxia (idem, p. 19. Tradução e grifo nossos)⁵⁷.

⁵⁶On avait accédé à l'immortalité. Une nostalgie s'était emparée des humains, et quelques-uns avaient reconstitué la vie d'autrefois, réinventant les religions et les attachements obscurs, la famille mononucléaire, les fêtes, les sacrifices, la mort. D'autres avaient retrouvé le chemin de l'ancienne terre et fouillaient dans le profondeurs du sol, à la recherche des archives enterrées peut avant la Catastrophe.

⁵⁷Tandis que le massacre en question n'avait aucune raison perceptible; il était d'une gratuité parfaite, ce qui l'avait distingué au souvenir des générations successives jusqu'à la fin de la terre. Et une sorte d'écho ténu en était demeuré parmi ceux qui avaient quitté le navire au bon moment, pour coloniser la galaxie.

Shoah, em hebraico (שואה), significa catástrofe, *catastrophe* em francês, grafado com letra inicial maiúscula e cujo sentido é limitado pelo artigo preposto, o que nos leva a duas vias interpretativas: a primeira, um acontecimento como este, a extinção da vida na Terra não poderia ser escrito de outra forma, principalmente por um cronista do futuro que se volta para o passado da humanidade. Esta interpretação é boa, porém insuficiente por não contemplar um detalhe: os arquivos enterrados. Em que situação pessoas enterrariam seus escritos, para quê, para quem?

Schwartz-Bart não apresenta em seus romances uma visão muito otimista do futuro e nesse sentido encontramos a segunda via interpretativa: o mundo se tornou em um grande campo, mas isto está dito em filigrana. Uma outra passagem pode nos ajudar

O planeta foi pouco a pouco coberto de dejetos nucleares, e, com a superpopulação, a falta de água, de ar, começou-se a varrer a África de todos seus habitantes, "população sem interesse econômico"; então, em seguida, bombas jorraram de todos os lugares, e foi o fim de toda a vida terrestre, até o menor dos menores insetos, até a mais ínfima folha de capim. Estávamos no ano 3000 (idem, p. 17, tradução nossa)⁵⁸

Encontramos nesses trechos várias referências às situações dos campos relatadas por seus sobreviventes: superpopulação, falta de água e falta de ar (que se liga a sensação de asfixia relatada pelos sobreviventes que passaram pelos guetos). Além de uma população que é varrida de seu território tal qual aconteceu durante a conquista do "espaço vital alemão" durante a guerra. Dentro desta descrição, a chuva de bombas que destrói a Terra, os arquivos enterrados nos remetem principalmente ao Gueto de Varsóvia, mas também aos campos de concentração onde muitos relatos e documentos foram enterrados pelos detentos. Os arquivos que os humanos do futuro vêm procurar fazem alusão direta aos arquivos do *Oneg Shabat*, recolhidos e enterrados no Gueto de Varsóvia por Emanuel Ringelblum, assim como a chuva de bombas que destrói a vida na Terra pode ser relacionada ao bombardeamento do mesmo gueto durante a revolta que tomou conta dele em 1943.

⁵⁸ *La planète s'était peu à peu couverte de déchets nucléaires, et, avec la surpopulation, le manque d'eau, d'air, on avait commencé à balayer l'Afrique de tous ses habitants, "population sans intérêt économique"; puis, dans la foulée, des bombes jaillirent de toutes parts, et ce fut la fin de toute vie terrestre, jusqu'au moindre petit insecte, jusqu'au plus infime brin d'herbe. Nous étions en l'an 3000.*

Ao inscrever em seu último romance uma visão tão pessimista do futuro onde, antes do fim a Terra é transformada num imenso gueto ou campo, Schwarz-Bart reafirma a posição de que o "mal" que criou Auschwitz continua. O prólogo de *L'étoile duMatin* pode ser lido como uma ponte entre este romance e o *Último dos Justos*, quando os homens das estrelas voltam para a Terra para escavar os restos nossa extinta civilização e escutar a memória dos mortos insepultos de inúmeros massacres que fazem parte de nossa história.

O outro lado dos livros de história: sem reis, sem santos, sem heróis. Só gente comum

Schwarz-Bart cria um romance de ruínas. A tragédia é apresentada como a herança que cada geração deixa para a próxima transformando-a em um tipo de "tradição da tragédia". Nesse aspecto, como diria Walter Benjamin sobre o trabalho do materialista histórico (BENJAMIN apud LÖWY, 2005), o autor faz um trabalho de "escovar a contrapelo" a história da Europa mostrando um ponto de vista que raramente fora contemplado até a época de escritura do romance e que só vai ser investigado algumas décadas mais tarde com a valorização da memória como constituinte do discurso histórico.

Schwarz-Bart nega em seu romance a ideologia do progresso exatamente quando situa seus personagens na "corveia anônima", não heroicos, nem agentes de grandes feitos, nem portadores de grandes qualidades que são inerentes aos grandes personagens históricos. A escolha deliberada desse tipo de personagem, que dá sustentação a sua visão da história judaica é feita em contraponto com a tradição de sempre contar os feitos de homens excelentes como reis, grandes amantes, grandes criminosos, santos, rabinos milagrosos, heróis de guerra, bravos guerreiros, enfim, homens extraordinários.

A ruptura se dá na escolha dos personagens, dos cenários, da caracterização de cada passagem, mas ela só funciona quando as partes do romance são isoladas, como no caso dos primeiros Justos, a peregrinação de Haim, Zémyock, a migração de Benjamin e seu estabelecimento em Stillenstadt e a história de Ernie.

Dentro dessa perspectiva, o romance nos leva em duas direções distintas e contraditórias: faz uma ruptura com a ideia de história como avanço e continuidade exatamente por compor cada episódio como uma ruptura que aponta para uma descontinuidade, como, por exemplo, o pogrom de Zémyock que força a narrativa a encontrar outra saída para os personagens.

Fazendo isso, Schwarz-Bart, faz uma crítica da visão da história como progresso, mostrando exatamente o "efeito colateral" deste, como o empobrecimento dos camponeses da Polônia, o desemprego e miséria na Berlim dos anos 1920, as migrações forçadas, as guerras, a Shoah, etc. é aqui que entramos na segunda direção que nos leva o *Último Dos Justos*: o romance faz a crítica dessa visão da história, mas, ele é escrito dentro desta lógica. Uma vez que Auschwitz é colocado como destino certo para a saga dos Lévy, o autor cria uma continuidade, uma progressão de catástrofes que se acumulam e que, assim como a história pode ser lida como uma marcha permanente em direção ao progresso, levam necessariamente a uma catástrofe maior. Com isso, Schwarz-Bart cria uma visão da história que, ao invés, de progresso engendra a catástrofe. Cada imagem criada por Schwarz-Bart pode ser lida como o negativo de uma passagem histórica.

O esplendor das catedrais góticas, a vida honrada da nobreza, a coragem dos cavaleiros, a fé dos cruzados que marchavam para libertar a Terra Santa dos mouros e a santidade da Igreja e seus homens e mulheres exemplares que caracterizam o imaginário da vida medieval, principalmente depois da apropriação feita pelos românticos, recebe no romance de Schwarz-Bart um contraponto que privilegia uma outra face dessa sociedade: a vassalagem e servidão na qual a maior parte das pessoas vivia durante o período, a truculência dos cavaleiros e cruzados que pilhavam cidades e massacravam os judeus por onde passavam rumo a Jerusalém, e a perseguição religiosa imposta aos "hereges" institucionalizada no Santo Ofício da Inquisição, concebido e realizado pela Igreja e seus santos homens e, principalmente, a perseguição aos judeus, vítimas de expulsões, massacres, extorsões, disputas, entre outras formas de opressão.

O mesmo contraponto é observado nas fases subsequentes da narrativa, como por exemplo, enquanto o texto entra no mundo místico e religioso do chassidismo polonês com o seguidor do Baal Shem Tov, Haim Levy, o dançarino de Deus, em meados do séc. XVIII, na Europa Ocidental o Iluminismo remodela o pensamento

dando ênfase à razão e influenciando a vida política do Ocidente, mas, manteve-se um movimento das elites. Zémyock e seus justos, suas superstições, sua religiosidade é uma amostra de uma Europa que demorou a se "iluminar" e não era exclusividade dos países do Leste, em toda a Europa uma grande parte da massa da população não foi influenciada pelas ideias e ideais iluministas.

CAPÍTULO II

Os Lévy e seu mundo

A espera inútil

Para contar a história de Ernie Lévy, a verdadeira, o narrador faz uma longa digressão. Mas, por que voltar tão longe no tempo para chegar, onde todos já sabem desde o início, em Auschwitz? O que Schwarz-Bart faz é "destecer a história" para retardar seu desfecho, como o faz Penélope que, esperando por Ulisses, tece durante o dia a mortalha de seu sogro que, quando terminada obrigaria que ela escolhesse um novo marido, e a destece durante a noite (HOMERO, 2011).

Schwarz-Bart lança a narração de sua história para a Idade Média e seus personagens vão navegar em um mar de sangue e horror até atracarem na ilha de paz e tranquilidade chamada Zémyock. Nessa ilha onde os salmos e os cantos da sinagoga ocupam o lugar das sereias, a narrativa vai se demorar por gerações (e 50 páginas do livro) enquanto longe dali o mundo continua seu curso e profundas modificações que o transformam radicalmente: Revolução Francesa, industrialização, guerras, revoltas, revolta de Paris de 1848, a Comuna de 1871, caso Dreyfus, Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa, etc. A permanência dos Levy nessa ilha se prolonga até não ser mais possível; até que o mundo exterior a "descobre", dela toma posse e a coloca no mapa das "tempestades humanas", o que força a dinastia dos Justos a retomar seu caminho rumo ao desfecho trágico da história de Ernie⁵⁹.

O caminho leva o jovem Benjamin, pai de Ernie, para a Berlim da década de 1920, que acabara de ver sufocada uma tentativa de revolução, que vivia uma profunda crise econômica, superinflação, desemprego que faz com que ele, ajudado pelo jovem

⁵⁹ É interessante ressaltar a semelhança entre Zémyock e a Macondo, de Cem Anos de solidão, de Gabriel Garcia Márques. Ambas estão afastadas do mundo enquanto o mundo continua suas mudanças. O Isolamento de Macondo é tão intenso que nem os mortos conseguem encontra-la e, em ambos os casos, o contato com o mundo exterior é o elemento que vai corroer a estrutura dessas cidades marcando sua decadência e fim.

da Galícia, tome outro desvio, para outra ilha, desta vez no interior da Alemanha. Stillenstadt, onde nasce e passa a infância Ernie e onde os Levy vivem tranquilamente até a ascensão do nazismo, que os obriga a tomar novamente seu caminho e outro desvio, desta vez para Paris, de onde, inevitavelmente, são levados ao seu destino, Auschwitz. Ernie, depois da deportação de sua família, faz um outro longo desvio pelo sul da França onde vive em uma fazenda escondendo que é judeu, mas, depois de uma dolorosa epifania, toma o rumo de Paris e, finalmente, se entrega em Drancy para dali ser deportado.

Penélope usa o subterfúgio do tecer e destecer exatamente para adiar a escolha de um novo marido e rei de Ítaca, o que poria um ponto final na história de Ulisses. Para evitar também um ponto final, mas de sua própria história e vida, Sheherazade aumenta e não conclui a história de seus personagens na esperança de, com isso, sobreviver (LIVRO DAS MIL E UMA NOITES, 2001). Tanto uma quanto outra têm êxito e os truques por elas usados mostram-se eficientes: Ulisses retorna, mata todos os pretendentes, salvando assim seu trono e seu casamento e Sheherazade convence o rei Xariar a poupar-lhe a vida (Idem).

Ambas atrasam o desfecho de uma tarefa para, com isso, serem salvas, mas, o que o narrador pretende no périplo dos Lévy não é salvar nada, afinal, o desfecho já é conhecido e inevitável. O que se percebe é um constante "atrasar" a narrativa para evitar seu final que pode servir tanto para prender o interlocutor/leitor que espera saber da estória de Ernie propriamente dita quanto para explicitar a espera que algo aconteça para interromper o destino trágico da dinastia de Justos. A espera pode ser percebida em passagens onde as personagens divagam sobre a vinda do Messias ou sobre o mundo vindouro ou o profético Reino de Israel restaurado. O elemento messiânico introduzido por Schwarz-Bart revela tanto a imutabilidade da situação judaica, como se percebe na fala do Rabi Salomão Lévy (o primeiro dos Justos) durante a disputa com os padres da Sorbonne,

— Se é verdade - murmura com voz sufocada, se é verdade que o Messias de quem falam nossos velhos profetas já veio, como explicais, então, o estado do mundo atual?

Em seguida, tossindo de angústia, o timbre reduzido a um fio:

—Nobres senhores, os profetas disseram, no entanto que, com a vinda do Messias, choros e gemidos desapareceriam do mundo, eh... Não é? Que leões e cordeiros pastariam juntos, que o cego seria curado e o

coxo saltaria como... um cervo! E também que todos os povos quebrariam suas espadas, oh, sim, para que no lugar delas pudessem correr as relhas da charrua eh... não é?

Enfim, sorrindo tristemente para o rei Luís:

— Ah, que iriam dizer, senhor, se fôsseis esquecer como se conduz uma guerra? (SCHWARZ-BART, 1988, p. 4)

Cuja consequência foi a obrigação do sermão, o uso de distintivos, e queima em praça pública dos livros do Talmud e do corpo vivo do Rabi Salomão. Quanto alento que a esperança de um outro mundo, o Reino dos Céus, proporciona ao povo cansado e angustiado por sua situação, como mostra a cena do vagão em que Ernie consola algumas crianças

Depois, levantou os braços do corpo inanimado do menino e o colocou, com infinita suavidade, sobre a pilha cada vez maior de homens, mulheres e crianças judias que os solavancos do trem sacolejavam em seus sonos derradeiros.

— Era meu irmão - disse uma meninazinha um tanto hesitante, sem saber que atitude lhe convinha melhor diante de Ernie.

Ele se assentou junto dela e, colocando-a sobre os joelhos:

— Ele também despertará dentro em pouco, com todos os outros, quando chegarmos ao reino de Israel. Lá, todas as crianças vão encontrar seus pais, e todo mundo se alegrará. Porque o país para onde estamos indo é o nosso reino, fique sabendo disso. Lá, o sol jamais se deita, e você poderá comer de tudo que lhe vier ao espírito. Lá, uma alegria eterna coroará suas cabeças; a felicidade e a alegria estarão juntas, e a dor e os gemidos desaparecerão...

— Lá - interrompeu uma criança com uma voz feliz, repetindo cada palavra com certo ritmo, como se já houvesse dito, pensado ou ouvido isso inúmeras vezes -, lá, estaremos aquecidos dia e noite.

— Sim - disse Ernie, é assim que nós estaremos.

— Lá — disse uma segunda voz na sombra —, não haverá nem alemães, nem vagões, nenhuma de todas essas coisas que fazem sofrer.

A espera pelo Messias, sua chegada iminente e, ao mesmo tempo, incerta, nem próxima nem distante que pode acontecer a qualquer segundo e cuja chegada interromperá o curso da História e instaurará o Reino do Céu na Terra, está colocada por um narrador que, como mostra Seligmann-Silva sobre o indivíduo moderno, na apresentação do livro *O Tempo messiânico: Tempo histórico e tempo vivido* (2009) do filósofo francês Gérard Bensussan,

[...] que vive na sua “prontidão angustiosa”, *Angstbereitschaft*, cercado de situações traumáticas que lhe roubam a capacidade de

construir a experiência, este mesmo indivíduo anseia por uma reversão radical deste tempo catastrófico, via abertura para a verdadeira catástrofe: a chegada do inteiramente outro. (SELIGMANN, 2008, p. 26).

Apesar da esperança de redenção compartilhada por todas as personagens do romance, também é tratada de maneira irônica exatamente por ser uma espera longa, de gerações, profundamente arraigada na cultura judaica, é levada a sério e muito respeitada por ser a única esperança de salvação para Israel no exílio e é também ridicularizada por ser a espera atenta por alguém que não deu nem a mínima pista de quando vai chegar. Na noite anterior à Noite dos Cristais (1938), enquanto todos esperam pelos acontecimentos que se preparam, ainda ignorantes da dimensão que eles teriam, depois de lembrarem o pogrom de Proskurov de 1919, quando os judeus gritaram por sete noites para espantar os cossacos da Guarda Branca, apreensivos pelo destino, tem lugar uma cena cômica e dramática, de uma comicidade típica do humor de potência⁶⁰

— Ah, querido papai - disse então Benjamim, compungido -, se tudo isso fosse a vontade de Deus, quem não se alegraria? Mas eu acho que somos a presa de malvados, simplesmente uma presa. E me diga, amado papaizinho, o frango se rejubila de servir à glorificação do Senhor? Não, isso você não ignora; o frango se entristece e... com razão, por ter nascido frango, sido degolado como frango e degustado como frango. É essa a minha opinião sobre a questão judaica.

— O Messias... - começou Mardoqueu sem convicção.

— Ah! O Messias - disse Judite mordazmente, a cabeça oscilante e os olhos cheios de sonho. - Sim, sim, você tem razão, meu amigo, o Messias deve estar pronto para descer. Quem sabe? Hoje, amanhã. Precisamos tanto de ajuda, se ele não vier, quem vai nos ajudar? Querem saber de uma coisa, meus pombinhos, sinto qualquer coisa no ar...

— Talvez ele esteja por trás da porta - disse a Srta. Blumenthal. Maquinalmente, todos os Levy se voltaram para o Messias. (SCHWARZ-BART, 1988, p. 248)

2.1 A lenda dos justos

A saga dos Lévy tem início, como já dito acima, no episódio da torre de York, em 1185, onde o Rabi Yom Tov Lévy é encarregado de matar com uma adaga a toda a comunidade que escolhera morrer a se batizar. Seu filho caçula, Salomão Lévy, foi

⁶⁰ Ver nota 31, pg. 39.

salvo milagrosamente e, em recompensa à “agonia solitária” de seu pai (SCHWARZ-BART, 1986, p. 6), Deus deu à sua descendência a honra de ter um dos trinta e seis justos a cada geração.

Salomão Lévy começa a dinastia de justos que vai atravessar toda a história da Europa até o ano de 1943, quando o último de seus descendentes, Ernie Lévy, é morto nas câmaras de gás e desaparece nos fornos crematórios de Auschwitz. Schwarz-Bart usa para compor seu romance um elemento muito popular da cultura judaica, principalmente da cultura yidish, os lamed-vav (lamed-vavinik ou lamed-vovink), que seriam trinta e seis pessoas justas das quais depende a sustentação do mundo.

A figura do justo ou tzadik (צדיק), em hebraico, está presente na tradição judaica desde tempos muito antigos. Ele aparece em um versículo dos Provérbios de Salomão⁶¹ e a tradição talmúdica conhece diversas declarações sobre essa figura que corresponderia em dignidade aos patriarcas (SCHOLEM, 1994, p. 48). Segundo a tradição bíblica e talmúdica, Noé teria sido o primeiro tzadik, e só por isso a humanidade não fora totalmente destruída durante o dilúvio e o “plano histórico” foi salvo através de seus filhos e de sua arca. A Cabala – tradição mística judaica - reserva um lugar especial para esse personagem, dedicando-lhes inúmeros tratados e lendas.

Apesar do caráter excepcional da cultura judaica, que se espalhou por uma vasta extensão geográfica, absorveu várias línguas e se influenciou por várias culturas muito distintas umas das outras, o que resultou em comunidades tão diferentes entre si como os povos no meio dos quais habitavam, como, por exemplo, os sefaradim, de origem ibérica e os ashkenazim, de origem franco-eslavo-germânica⁶². Essas diferenças se manifestam nos costumes, na forma de observância do judaísmo, nas línguas usadas por essas comunidades (o ladino para os sefaradim e o yidish para os ashkenazim), etc., mas, a figura do tzadik está presente em todas elas.

Segundo o misticismo judaico existiriam dois tipos de tzadkim: os nistarim (נסתרים), ocultos ou incógnitos e os mefursamim (מפורסמים), revelados ou conhecidos. Os dois grupos têm os mesmos atributos: observância da lei, bondade, piedade e beatitude, mas os nistarim vivem em um grau moral mais elevado por serem

⁶¹Provérbios 4:18.

⁶² Existe ainda um terceiro grande grupo cultural de judeus, os Mizrahim, originários dos países do oriente médio, principalmente do Iêmen, Irã, Iraque, Síria e dos países do Cáucaso. Fortemente arabizados linguisticamente e culturalmente, foram com dificuldades integrados ao Estado de Israel depois de serem expulsos de seus países de origem durante os anos de 1950 e 1960.

desconhecidos e com isso evitam a vaidade, que é inerente à vida pública (idem, ibidem, p 52). Qualquer um pode ser um tzadik nistar e, geralmente, as lendas que envolvem esse tipo de personagem falam sempre de sapateiros, shochet (abatedor ritual), mendigos e até mesmo bandidos que se esforçam para continuar na obscuridade e, muitas vezes, seus atos são contraditórios à sua condição de justo exatamente para mantê-la em segredo. Sempre que um nistar é descoberto ele morre ou muda de cidade.

De acordo com a tradição cabalística e talmúdica, o mundo só se mantém por causa dos tzadikim, são eles que permitem a existência e Deus criou o mundo somente por causa deles. Quando Abraão intercede junto a Deus por Sodoma⁶³, ele pede para que a cidade não seja destruída se ali se encontrassem dez justos, no que concorda Deus. Somente a existências desses justos poderia ter salvo Sodoma e o Vale do Kikar de serem destruídos (KAUFMANN, 1976, p. 276). Então, sempre é necessário um número de justos, nistarim ou mefursamim para que o mundo continue e se um morre imediatamente outro toma seu lugar, pois o equilíbrio do universo deles depende.

Em *O Último dos Justos*, o tipo de tzadikim escolhido pelo autor é um tipo especial, como já dito, os lamed-vav, que, segundo o narrador

Em nada se distinguem dos simples mortais; muitas vezes, eles próprios se ignoram. Mas, se acontecesse faltar um só deles, o sofrimento dos homens envenenaria até a alma das criancinhas e a humanidade sufocaria num grito. Porque os lamed-vav são o coração multiplicado do mundo e neles se derramam todas as nossas dores, como num receptáculo... os mais lastimáveis são os lamed-vav desconhecidos deles próprios. Para esses, o espetáculo do mundo é um indizível inferno. (SCHWARZ-BART, 1986, p. 5-6)

Nesta pequena passagem, temos uma amálgama onde se misturam pelo menos quatro representações dos justos: o justo oculto (tzadik nistar); o justo conhecido (tzadik mefursam); o lamed-vav e o justo sofredor.

Os Tzadikim Chassidim

Uma figura de justo usada por Schwarz-Bart para compor seus personagens é um tipo de líder espiritual do chassidismo⁶⁴ tardio, o tzadik. Essa figura central do

⁶³ Gênesis 19-20

⁶⁴ O chassidismo é um movimento do judaísmo ortodoxo que existiu em toda a história judaica e promove a espiritualidade. A vertente mais conhecida surgiu no séc. XVIII, com o Rabi Israel ben Eliezer, o Baal Shem Tov (Mestre do Bom Nome), em oposição ao judaísmo legalista e que promove a espiritualidade

movimento chassídico, quando este se torna uma organização religiosa de massas, consistia em um líder religioso/espiritual de uma comunidade, muito influente e “[...] cuja paixão pelo poder atua mesmo entre aqueles profundos teóricos do tzadikismo, que desenvolveram a doutrina do tzadik” (SCHOLEM, 1972, p 338). Esses Tzadikim conseguiram em suas comunidades e no movimento chassídico, além de um poder imenso, o status de “Messias não messiânico” (idem, p. 339). Eles constituíam verdadeiras cortes e estabeleceram dinastias, quando um deles morria, não raro, aconteciam disputas pelo título e pelos bens, (que muitas vezes não eram poucos) dignas de romances palacianos. Algumas dessas dinastias ainda hoje são atuantes no chassidismo, como a Lubavitch, muito ativa em muitas comunidades judaicas, a Ger, que está na base do partido Agudat Israel e a Satmar, conhecida por sua forte oposição ao sionismo.

Os tzadikim, além da liderança espiritual, foram personagens de uma infinidade de lendas e histórias que serviram para divulgar as doutrinas do chassidismo entre os judeus, principalmente da Polônia, Lituânia e Rússia. Essas histórias apareceram sempre na forma de anedotas e novelas que “deviam evitar não só o que é psicologia, mas também tudo o que é adorno” (BUBER, 1967, p 15), para cumprir sua função. Além de personagens, eles foram grandes contadores de histórias, e, principalmente, anedotas, na denominação de Martin Buber “como relato de um único incidente que aclara um destino” (idem, ibidem, p. 15). Contar histórias sobre os tzadikim era um dos aspectos vitais do movimento chassídico.

Nessas histórias e anedotas são relatados milagres, feitos e frases dos tzadikim, mas também aspectos cotidianos da vida desses líderes, que misturam o espiritual ao mundano. A partir dessas lendas, Schwarz-Bart criou todo um conjunto de personagens, os Justos de Zémyock, que mistura os elementos mais elevados e espirituais do chassidismo com o mais profano e vulgar do tzadikismo. A narração da morte de Haim Lévy, primeiro tzadik de Zémyock, coloca na mesma cena um justo agonizante e sua corte apressada pela indicação do sucessor, e que o culpa por ter uma morte tão branda para um justo (SCHWARZ-BART, p. 28). Logo após revelar quem seria seu sucessor, o idiota da vila, ele olha para todos os que estão em volta e, de seu leito de morte, profere

através da internalização do misticismo judaico. (cf. Gershon Scholem, *As Grandes Correntes da Mística Judaica*) É essa vertente do chassidismo que vai servir de influência para Schwarz-Bart.

sua última frase como quem encerra uma anedota chassídica “Sabem? Deus se diverte” (idem, ibidem).

Esses mestres e as lendas contadas por eles e sobre eles influenciaram sobremaneira Schwarz-Bart na composição de suas personagens e foi da configuração hereditária que elas assumiram enquanto líderes que ele tirou, usando de ácida ironia às vezes, um aspecto chave de seu romance, a saber, a transmissão hereditária da honra de ser um lamed-vav. A criação de uma dinastia de justos, que não são somente chassidim, dá ao romance uma sustentação como vértice de um telhado amparado por colunas, é onde a narrativa se torna firme e sólida (KAUFMANN, 1976, p. 257). É esse aspecto da lenda criada por Schwarz-Bart que permite à narrativa atravessar um período tão extenso como faz o Último dos Justos. Neste ponto, é a transmissão hereditária que dá a Schwarz-Bart a condição de demonstrar em seu romance que a história judaica, desde a Idade Média até a II Guerra Mundial, foi pautada pela mesma violência. Através da passagem de pai para filho da condição de justo sofredor é que o romance consegue tecer em suas linhas as condições cotidianas da vida judaica que acabarão no extremo do genocídio nazista

Os Lamed-Vav Tzadikim

Conforme exposto, os Tzadikim influenciaram Schwarz-Bart profundamente na criação de seus justos, mas eles não são uma dinastia chassídica, eles são Lamed-Vavnik⁶⁵. Este tipo de tzadik “não se distingue dos simples mortais” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 5) qualquer um pode sê-lo, um balconista do supermercado, o flanelinha, o vizinho ou a bibliotecária. Segundo a tradição eles seriam trinta e seis e em suas costas está o destino do mundo.

Essa lenda é muito conhecida do folclore judaico, mas, ao contrário da ideia de tzadikim, que é comum a todo o judaísmo, os lamed-vavniks são restritos ao folclore dos judeus ashkenazitas da Europa Oriental. Diferentemente do apresentado no romance, essa lenda não é muito antiga, seu registro escrito não ultrapassa o séc. XVIII, não sendo encontrada na literatura edificante da Idade Média, nem nos textos rabínicos

⁶⁵ Plural de lamed-vav (למַד-וויניך) em yidish.

posteriores. Apesar de não comprovada ela pode ser anterior a esses períodos, sendo transmitida oralmente ou escrita em textos que não sobreviveram até nossos dias (SCHOLEM, 1994, p. 50).

Uma ideia central do judaísmo, a conservação do mundo, estrutura a lenda dos 36 justos ocultos. Tal ideia vem do conceito de que o homem participa ativamente da Criação, Deus cria o mundo, mas a sua continuação só é possível pela ação humana. Tradicionalmente, existe um equilíbrio na criação, e, a cada instante tudo é posto em questão pela conduta humana. Por isso existem os justos, para garantir que o mundo continue, pois eles são os pilares que o sustentam⁶⁶.

Esta ideia de participação humana na criação pode ser apreendida de vários comentários sobre a Torah ou de outros livros, onde encontramos ensinamentos de sábios e rabinos sobre as ações do homem sobre as quais o mundo repousaria, como no capítulo I do Tratado Pirkê Avot (Ética dos Pais) “Simeão, o justo, um dos membros da grande Sinagoga dizia que o mundo se mantinha sobre três bases: a Lei Divina, o culto e a caridade”, ou no tratado talmúdico Shabat 119b, onde “Rabbi dizia: o mundo repousa sobre o respiro das crianças da escola (que estudam a Torah)”.

Portanto, o justo desempenha um papel importante no “drama cósmico” da existência (KAUFMANN, 1976). Schwarz-Bart conserva a ideia do drama ao escolher uma criança como herói (tanto Ernie Lévy, o último justo, como Salomão, o primeiro, são crianças e, a partir deles que toda a narrativa se desenvolve), é a criança e o justo, sendo ambos os símbolos da pureza e inocência, que fazem a “balança pender para o lado do bem” (idem, p. 265). Segundo a tradição, os lamed-vavniks são nistarim, ou seja, ocultos, e ocultos de si mesmos. Schwarz-Bart dá à lenda uma nova versão, os seus lamed-vavniks não são ocultos, eles sabem o que são, essa condição lhes é passada de pai para filho. Esta audaciosa “remodelação” da lenda rendeu a ele acusações de desconhecimento da cultura judaica que ele tenta reproduzir em seu romance.

Impelido pelo lançamento de *O Último dos Justos* e pelo sucesso por ele alcançado, Gershom Scholem escreveu um artigo sobre a lenda dos Lamed-vav e nele afirma a “dimensão extremamente criativa” (1994, p. 47) que Schwarz-Bart dá a lenda e

⁶⁶ Tratado de Yomah, 38b. Esta ideia está presente em inúmeros textos do Talmud e Cabala como o tratado Yomah 38b, no Sêfer Há Bahir etc. Em sua tese de doutorado sobre o Último dos Justos, Francine Kaufmann explora a trajetória da lenda dos lamed-vavniks e da apropriação que Schwarz-Bart faz dela. Todas as citações de tratados talmúdicos ou textos cabalísticos aqui expostos foram tirados de seu estudo, com a exceção do Pirkê Avot (פרקי אבות).

faz uma análise do seu aparecimento na cultura judaica exaltando sua popularidade e explicitando a falta de estudos sobre algo tão popular do folclore e entre os escritores judeus do sec. XIX. Scholem aponta que “[...] como romancista, Schwarz-Bart não está preso às convenções dos eruditos e pode dar livre curso à imaginação especulativa” (idem, ibidem). A falta de estudos sobre o tema também é indicada por Francine Kaufmann (1976) que aponta o texto de Scholem como um dos únicos estudos sobre o assunto.

Com tamanha falta de estudos, Schwarz-Bart não encontrou referências sobre os lamed-vavniks em outros lugares que em notas de edição e notas de rodapé de outras obras e o que muitos alegaram ser desconhecimento, Scholem chamou de livre curso à imaginação.

O Justo Sofredor

Ao apresentar a lenda, o narrador do romance discorre sobre os tipos de tzadikim, mas não afirma que os Lévy eram nistarim, mas apenas diz que de todos os justos ocultos eram os mais dignos de misericórdia, pois “Para esses, o espetáculo do mundo é um indizível inferno” (p. 6). A lenda dos Lamed-vavniks de *O Último dos Justos* não é uma transposição integral da lenda do folclore onde “[...] longe de serem conhecidos como receptáculos da dor, se caracterizam por seus poderes secretos, seus méritos ocultos, sua humildade, sua sabedoria” (KAUFMANN, 1976, p. 292)⁶⁷, o sofrimento não faz parte da lenda.

Este elemento novo que Schwarz-Bart adiciona à lenda popular foi fonte de muitas interpretações cristianizantes do romance que viam no sofrimento do herói um paralelo à Paixão de Cristo (idem, p. 295). Tal aproximação causou reações contrárias ao livro em muitos intelectuais judeus na época de seu lançamento. Segundo Kaufmann, essas reações foram suscitadas por uma mudança na percepção que os judeus tinham de si mesmos: os judeus de hoje refutam o sofrimento (idem, p. 291).

Mas o sofrimento que Schwarz-Bart incrusta em seus personagens não é estrangeiro ao povo judeu. Ele tentou em seu romance traduzir a alma de uma

⁶⁷ “Loin d’être connus comme réceptacles de la douleur, se caractérisent par leurs pouvoirs secrets, leurs mérites cachés, leur humilité, leurs connaissances”

civilização que desapareceu, a dos judeus da Europa oriental, mas para isso ele voltou mais longe no tempo para inserir na história toda a história das comunidades judaicas da Europa que foram perseguidas desde as Cruzadas. Seu romance é escrito em resposta às inquietações dos internos dos orfanatos judaicos onde trabalhou que se sentiam envergonhados por seus pais, avós e vizinhos terem sido mortos como cordeiros no abatedouro. Ele escolheu não escrever sobre os heróis e seus atos grandiosos, mas sim, sobre o judeu comum, desarmado cuja dignidade deveria ser restaurada.

O mito dos Lamed-vav só pode ser compreendido se sobrepormos os dois destinos que se apresentam já no prólogo do romance: a história das comunidades judaicas da Europa desde as Cruzadas e a da família Lévy, escolhida para abrigar um justo por geração. A vida dos Lévy seria exemplar da do seu povo “o que acontece aos Lévy, lhes acontece tanto como judeus, quanto como Lamed-vav” (KAUFMANN, 1976, p. 294) ⁶⁸.

Algumas passagens do Talmud apontam para a noção do justo como receptáculo de sofrimento ou "para-raios"⁶⁹ como em

[...] da mesma forma que as montanhas dominam o abismo para que ele não se eleve e esvazie o mundo, os justos retêm as catástrofes para que elas não se abatam sobre o mundo (Bereshit Rabba XXXIII) ⁷⁰,

Ou este trecho que aponta o sofrimento físico de um justo como benéfico para a comunidade:

Rabi Yosef Bar Avin dizia: durante os treze anos que Rabbi sofreu dos dentes, nenhuma mulher grávida fez um aborto espontâneo e todos os nascimentos foram abençoados. (Bereshit Rabba XXXIII) ⁷¹.

Estes textos confirmam a ideia longamente desenvolvida de que a presença dos justos é benéfica para o conjunto da humanidade, além de apresentar a noção de

⁶⁸. “Ce qui arrive aux Lévy leur arrive en tant que Juifs et en tant que Lamed-waf” . tradução nossa.

⁶⁹ Francine Kaufmann usa a expressão “juste paratonnerre” (justo para-raios) para evitar a expressão bode expiatório, p 296.

⁷⁰ Traduzido do hebraico por Kaufmann, 1976. “De même que les montagnes dominant l’abîme afin qu’il ne s’élève pas et n’évahisse le monde, de même les Justes retiennent les catastrophe afin qu’elles ne s’abattent sur le monde » tradução nossa.

⁷¹ Também traduzido do hebraico por Kaufmann, 1976. “Rabbi Yosef bar Avin disait: Durant les treize ans où Rabbi souffrit des dents, aucune femme enceinte n’a fait de fausse couche et toutes les naissances furent bénie » tradução nossa.

“sofrimento para-raios” (KAUFMANN, 1976, p. 296), que se abateria sobre uma pessoa, um justo, para que a comunidade fosse poupada.

Uma das estratégias usadas pelos rabinos e sábios para conseguir tirar lições dos textos sagrados é fazê-lo interpretando a proximidade de dois episódios da Bíblia. Os episódios da Vaca Vermelha e da morte de Mirian renderam aos talmudistas uma lição sobre expiação e vida dos justos, como explica Kaufmann, respaldada pelo tratado Moed Katan XXVIII⁷². A partir deste método foi elaborado o princípio de “sofrimento para-raios”. O livro de Números narra a morte de Mirian (a irmã de Moisés) imediatamente após a promulgação das leis concernentes à vaca vermelha (cujas cinzas permitiam a purificação do pecador)⁷³ (idem, ibidem, p 926). Dessa forma, as ideias de sofrimento e expiação mostram-se não estranhas ao judaísmo. Então, Schwarz-Bart não traz para a sua lenda um elemento estrangeiro e completamente estranho ao povo que ele quis recompor em seu romance. O sofrimento que ele adiciona à lenda dos Lamed-vavniks, embora não sendo constitutiva da lenda original, não anula sua presença na ideia de tzadikim.

Mesmo dentro do chassidismo, pelo seu papel de mestre e conselheiro, o tzadik divide com seu povo, espiritualmente, seu sofrimento, ele o toma sobre si. É abundante o número de anedotas chassídicas que têm por personagem um tzadik que sofre. Sobre esse tema, Arnold Mandel recolheu uma emblemática sobre o fundador do Chassidismo:

Assim falam que o Becht podia, quando ele rezava, estremecer os mundos inferiores e superiores: ele se enrolava em seu tallit⁷⁴ e por longas horas, se carregava com o sofrimento e a morte de seu povo. No dia em que um Mitnagd⁷⁵ se irritou de ver o Becht prolongar sua prece, ele ergueu um canto do tallit: “imediatamente ele perdeu a consciência e foi preciso reanimá-lo”. Sob o xale, o rosto do Becht era o de um “cadáver sem alma”. Os olhos estavam petrificados, mas as lágrimas escorriam. O corpo estava imóvel, sem movimento, nem ondas, parecido ao de um golem.⁷⁶ (MANDEL, 1963, p. 133-134)⁷⁷

⁷² Moed Katan é um tratado do Sêder Moed, que trata dos primeiros e últimos dias das festas de Pessach e Sucot e das festividades menores do judaísmo. O trecho que respalda Kaufmann é “A vaca vermelha produz a expiação dos pecados, o que se iguala à morte de um justo.”

⁷³ Cf. Números cap. XIX e XX.

⁷⁴ Tipo de xale usado pelos homens judeus durante as orações.

⁷⁵ Judeus ortodoxos que se opunham ao chassidismo.

⁷⁶ Golem é um ser sem alma, feito em argila e animado através de palavras mágicas, completamente subordinado ao seu criador.

Outras anedotas versam sobre tzadikim que foram cobertos de chagas e tumores por terem tomado sobre si o peso de expiar as faltas de Israel⁷⁸. Mesmo parecendo uma influência do cristianismo, e mesmo o sofrimento dos tzadikim ter um aspecto redencionista que o transforma em mediador indispensável à saúde do povo, ao contrário do cristianismo, que tem no sofrimento e na morte de Jesus um lugar fundamental na redenção dos cristãos, os chassidim nunca colocaram esse sofrimento em primeiro plano (KAUFMANN, 1976, p. 302).

André Schwarz-Bart cria uma história para tentar resgatar a dignidade de um povo arrastado para a morte e transformado em cinzas pelo nazismo. A cultura yidish, da qual ele é herdeiro, foi completamente destruída pela Shoah, não deixando mais que histórias e todo o espaço que ela ocupou foi destruído, nenhum shtetl⁷⁹ foi poupado. Para dar conta de inscrever tamanha violência em seu romance, ele inscreve um período muito maior de tempo, não deixando de fora de sua narrativa nem um momento da história dos judeus na Europa desde o início dos massacres realizados pelos primeiros cruzados e das perseguições incentivadas pelas autoridades da Igreja. Sua narrativa cobre a Inquisição, as perseguições dos príncipes alemães, os pogroms, as distinções, expulsões e conversões forçadas.

Toda a história dos judeus é contada através da história de uma família, os Lévy, que receberam o privilégio de ter um dos trinta e seis Lamed-Vav a cada geração. Para sustentar o edifício de seu romance e dar unidade à narrativa e, ao mesmo tempo, dar voz a todos os que nunca puderam contar suas histórias e que têm em comum a história de perseguições e sofrimentos, Schwarz-Bart amalgama vários elementos da cultura judaica e cria um novo mito, misturando lenda popular, um tipo de líder religioso e um aspecto que não está ligado a eles comumente, o sofrimento. Ele cria um novo mito, particular, cuja única ligação com o mito inspirador é a sustentação do mundo. O aspecto hereditário do “privilégio” une todas as partes do romance e todas as

⁷⁷ “Ainsi on rapporte que le Becht pouvait lorsqu’il priait, bouleverser les mondes inférieurs et supérieurs : il s’enveloppait dans son talith et durant de longues heures, se chargeait de la souffrance et de la mort de son peuple. Un jour qu’un Mithnaguèd s’irritait de voir le Becht prolonger sa prière, il souleva un coin du talith : « Aussitôt il perdit connaissance et il fallu le ranimer ». Sous le châle, le visage du Becht était celui d’un « cadavre sans âme ». Les yeux étaient pétrifiés, mais de larmes ruisselait. Le corps était immobile, sans mouvement, ni ondes, semblable à celui d’un golem » tradução nossa.

⁷⁸ Cf. Martin Buber

⁷⁹ Vilarejo ou subúrbio comum nos países da Europa Oriental que tinham população predominantemente judaica. Foi nesses vilarejos que a cultura yidish se desenvolveu.

fases da história judaica a que eles se relacionam. Dessa forma, a cadeia de sucessão de justos liga inevitavelmente o primeiro massacre narrado no livro, o da torre de York ao último e maior massacre dos judeus, o ocorrido nos campos de extermínio nazistas. Schwarz-Bart coloca através de seu mito particular toda a judeidade europeia num trem que parte da Idade Média com destino à plataforma de desembarque de Auschwitz.

2.2 O Mundo Apagado

Como colocado por Arnold Mandel, a aldeia judaica do leste europeu é a antítese do gueto da Europa Ocidental. Ela é aberta “as planície e a montanha, a floresta, o rio e o charco estão na porta” (MANDEL, 1974, p. 31), seus judeus vivem em contato com a natureza, lá existe um mercado e, por consequência, uma praça do mercado onde acontece uma movimentação de mercadorias e de pessoas. O gueto, por sua vez, está no meio da cidade cristã, “[...] seus habitantes são espremidos e fechados. Eles vivem em ruelas estreitas, escuras e não têm qualquer contato com a natureza.” (idem). O intercâmbio entre os *shtetlech* (plural de *shtetl*) tanto comercial como cultural não se verifica entre os guetos, pelo fato de o primeiro ser aberto e o segundo encerrado em muros com portões fechados pelas autoridades cristãs. Toda esta movimentação se reflete nas figuras do caixeiro viajante, do vagabundo, dos médicos, sábios e rabinos itinerantes tão comuns na literatura yidish.

A introdução do *shtetl* como cenário no romance *O Último dos Justos* se dá por um vagabundo, Haim Lévy que, fugindo do estigma de ser um dos justos, acaba em uma pequena aldeia do interior da Polônia “tão tranquila, tão afastada do mundo que ali até mesmo um justo só podia morrer em seu leito.” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 25). Esta aldeia, que representa todos os *shtetlech*, ficcionalmente estabelecida na Zona de Habitação Judaica é onde os justos se confundem com os *tzadikim* do chassidismo, é lá que eles ganham a forma de judeus chassídicos e é de lá que eles saem para a era moderna, ganhando a Alemanha e depois a França.

Zémyock é um *shtetl* como qualquer outro da Pale⁸⁰, afastado, isolado e atrasado, que se mantém distante da modernidade e apegado a padrões de vida quase medievais em pleno séc. XX. Quando Haim Lévy lá chega, durante uma tempestade no ano de 1792, depois de ter perambulado por anos entre a Polônia, Lituânia e Ucrânia à procura de um mestre e fugindo do estigma de ser um dos descendentes do rabi Yom Tov de York. Haim Lévy vive suas peregrinações na mesma época em que surge o Chassidismo e a figura do Baal Shem Tov, ao redor de quem ele passa cinco anos “dançando entre os doentes” (SCHWARZ-BART, 1988, p. 20), ele próprio é um chassid e sua chegada a Zémyock é também a chegada do chassidismo.

Assim como os Lévy ligam o romance à História dos judeus, Zémyock o liga à dimensão geográfica da vida judaica na Europa, sem a qual, não é possível perceber a dimensão da destruição humana alcançada pela Shoah. Assim como os Lévy são arquétipos dos judeus, Zémyock o é do espaço por eles ocupado. Ele é um “*arquishtetl*” que pode ser todos e quaisquer *shtetlech*, por isso só pode existir na ficção. Tanto o burgo de Zémyock quanto o Cantão de Moydin só existem na tipografia do romance que é sobreposta à real quando o narrador localiza tal região na Província de Bialystock, na divisa entre as atuais Polônia e Ucrânia.

A gradação “pequeno burgo de Zémyock, cantão de Moydin, província de Bialystok” (idem, p. 25, grifo nosso) colabora com a impressão tanto de pequenez quanto de distância desses *shtetl*. Ela indica ainda uma saída do mundo real, firmemente plantado na província de Bialystok, da qual o narrador vai se afastando gradativamente e penetrando num mundo fabuloso, como a Alice de Lewis Carroll caindo na toca do coelho (CARROL, 2002) ou Dante se surpreendendo numa selva escura, impedido de voltar por três feras, tendo apenas como opção, assim como Alice, seguir a partir dali (ALIGHIERI, s/d). A chegada de Haim Levy, encontrado desmaiado na porta de uma casa judia durante uma tempestade também colabora com a ideia de “saída do mundo real”, o personagem acorda em um lugar estranho depois de se perder e perder a consciência, tal qual Gulliver ou Dante. A tempestade também funciona como um marco, não é possível voltar, os caminhos de retorno estão intransitáveis.

A introdução deste cenário se dá através dos termos vagos “uma noite, ao longo do inverno de 1792” que acentuam a indeterminação do lugar, o que tem o

⁸⁰ Pale, nome dado ao conjunto de distritos onde os judeus receberam permissão de residência durante o império czarista.

mesmo efeito do “era uma vez” introdutório dos contos infantis que leva o leitor, como afirma Vladimir Propp em *As Raízes do conto Maravilhoso* (2002) a uma atmosfera especial onde reina a tranquilidade épica⁸¹ que é, na verdade, uma impressão ilusória já que não tardará se desenrolarão acontecimentos tensos e vibrantes (PROPP, 2002, p. 29).

Haim Lévy chega à Zémyock durante uma tempestade de neve que lhe congelam as pernas que são amputadas na altura dos joelhos o impedindo de deixar o lugar – impedimento muito mais dramático que o do poeta da Divina comédia – e, depois de um curto período de sossego, sua condição de lamed-vav é revelada e, a partir disso, ele continuará o martírio de seus antepassados. É a partir daí que a coroa da glória de ser um dos lamed-vav será passada para seus descendentes, que descenderão todos os círculos do inferno até a plataforma de Auschwitz.

A insignificância de Zémyock e seu afastamento do mundo é reafirmada várias vezes durante o espaço de tempo em que ela é o cenário da narrativa. A passagem mais emblemática desse status é a expectativa frustrada da morte de Haim Lévy quando do nascimento de seu primeiro filho

As tempestades humanas, dizem, às vezes tomam caminhos traçados pelo comércio e pela indústria: mas Zémyock estava encolhida num vale ao abrigo dos olhares, os povos vicinais passavam além das colinas, e como não existia nem senhor nem cura a menos de uma légua ao redor, os camponeses vivam em termos humanos com aqueles judeus artesãos lapidadores de cristal. Desde tempos imemoriais, mais de cem anos talvez, os fiéis aqui morriam suavemente, entre dois lençóis, temendo apenas a cólera, a peste e o santo nome de Deus. (SCHWARZ-BART, 1988, p. 25, grifo nosso).

O episódio da chegada de Haim Lévy a Zémyock introduz no romance algo novo, uma situação que somente um lugar isolado do mundo poderia proporcionar: a violência característica dos povos circunvizinhos fica suspensa e a causa de tal situação é a distância tanto do poder eclesiástico quanto senhorial. Este estado de coisas só começará a mudar quando Mardoqueu Lévy, avô do herói do romance, sai do vilarejo e volta a ter contato como mundo externo. Mesmo a moratória da violência não impede o

⁸¹O que Propp chama de tranquilidade épica nada mais é que uma ilusão de tranquilidade necessária como efeito estético para contrastar aos acontecimentos tensos e vibrantes que se seguirão na narrativa.

sofrimento dos lamed-vav, ele apenas não depende de elementos externos aos judeus. Por si só ele é fonte de um infinito martírio.

A única informação que conserva alguma certeza é o inverno de 1792 que coloca a narrativa, não gratuitamente, no período de expansão tanto do Chassidismo quanto da Haskalá. Estes dois movimentos surgem quase simultaneamente dentro do judaísmo na segunda metade do séc. XVIII e o influenciarão de maneira decisiva em sua transformação durante o séc. XIX. A Haskalá⁸² (do hebraico, conhecimento, educação, cultura) foi um movimento fortemente influenciado pelo Iluminismo, daí ser também conhecido como Iluminismo Judaico, de cunho racional-nacionalista, propagou entre os judeus da Europa Central e oriental a modernização dos costumes, tentando “tirar” os judeus do obscurantismo medieval no qual eles viviam e inseri-los no mundo racional e iluminado dos povos que os circundavam. A Haskalá foi um dos elementos responsáveis pela modernização e secularização de uma parte dos judeus da Europa Ocidental e está, junto com a emancipação dos judeus, na base do assimilacionismo judaico verificado, principalmente, no séc. XIX. De cunho também nacionalista, incentivou o uso do hebraico como língua literária e a formação de uma literatura nacional judaica. Seu nacionalismo, depois dos pogroms de 1881⁸³, inspirou o nascimento do movimento sionista e marcaram também seu fim. A modernização e ocidentalização da vida judaica proposta pelo movimento da Haskalá, colaborou com o surgimento de uma tendência à plena assimilação cultural, que foi, pouco a pouco, sufocando-a, intensificando uma condição que já havia começado com a percepção que o seu projeto de reforma da vida judaica não acarretaria a emancipação dos judeus.

Do lado oposto do racionalismo da Haskalá, temos o pietismo religioso do Chassidismo. Dentro da narrativa do *Último Dos Justos*, este tem um papel muito mais relevante, uma vez que os judeus que, a partir da entrada de Zémyock no cenário do romance, têm suas vidas narradas são simples polidores de cristal a quem a pobreza toca intimamente e que se mantêm imersos na condição de judeus piedosos fechados na religiosidade estrita que se impõe pela condição de judeu chassídico. O judeu assimilado e desenraizado aparece no romance como fruto da violência dos pogroms do início do séc. XX que forçam os judeus a migrarem em massa para Alemanha e França,

⁸² Sobre a Haskalá falaremos com mais profundidade no capítulo 2.2.2 As Luzes oficiais e as luzes do romance – Zémyock

⁸³ Cf. Poliakov, 2007, p. 81-92.

na Europa ou a cruzarem o Atlântico e se estabelecerem no Novo Mundo. Este judeu que é expulso do seu mundo pela violência de seus vizinhos e se moderniza “à força” e só o faz em contato com o mundo urbano e civilizado representado por Berlim é resumido no personagem Yankel, o jovem da Galícia, único sobrevivente de seu *shtetl* e oficiante do *kadish*⁸⁴ de todos os seus familiares e vizinhos, os quais ele enterra, vê o céu se quebrar (SCHWARZ-BART, 1988, p. 86) e se torna um ladrão-comerciante.

2.3 O Herói Schwarzbartiano.

Tanto o Chassidismo quanto a Haskalá são elementos constituintes da vida cultural, social e religiosa das comunidades de toda a Europa oriental e Alemanha, que se expressavam em yidish, o Judaísmo Ashkenazita. Este mundo que se comunicava em um dialeto alemão e manteve, além da unidade linguística, uma ritual que permitiu que eles constituíssem um ramo do judaísmo, que produziu uma cultura dotada de uma vivacidade ímpar, com uma literatura das mais ricas, tanto profana quanto religiosa, deu ao mundo um sem número de artistas e cientistas, e ao judaísmo um movimento místico-religioso, o movimento Chassídico, que influenciou todo o judaísmo moderno. A Haskalá e seu nacionalismo, além de devolver ao hebraico bíblico seu esplendor literário, que ele conheceu outrora no auge do judaísmo Sefaradita, deram as bases para que fosse possível o movimento sionista e a ideia de um estado judeu na Palestina, que se materializou na criação do moderno Estado de Israel.

Este mundo unido pela religião e por um dialeto, e, mesmo dentro de sua multiplicidade, por uma cultura, e que tem sua unidade coletiva mínima no *shtetl*, com seus personagens, história, lendas e organização social não vive mais além da lembrança de seus antigos habitantes, que já são poucos, e não deixaria marcas muito profundas se não fossem os registros destes sobreviventes e a literatura deixada pelos escritores e rabinos que permitem olhar para este povo e conhecê-lo em toda sua riqueza.

O mundo yidish foi destruído em toda sua extensão pelo nazismo. Suas cidades e sinagogas foram queimadas, suas vilas foram queimadas, seus livros foram queimados. Seus habitantes foram abatidos em massa, à bala ou enfiados em vagões de

⁸⁴ Kadish, (do hebraico קדיש santificação) é uma oração recitada pelos enlutados em honra aos mortos apesar dela não conter nenhuma alusão à morte.

transporte de gado e enviados aos campos de concentração e extermínio onde foram despidos, desumanizados, explorados, asfixiados em câmaras de gás e seus corpos queimados em fornos crematórios, tudo isso com a frieza que só os números podem ter e a eficiência e organização que só uma fábrica pode conseguir. Talvez uma metáfora outra, diferente da feita com animais sacrificados seria mais adequada à destruição desse povo, talvez uma mais industrial, como pedras arrancadas de uma pedreira, transportadas para uma fábrica e reduzidas a pó pelo fogo ou uma floresta derrubada e levada a carvoarias onde são separadas de acordo com a utilidade ou arbitrariedade de quem as separa; umas vão direto ao forno, outras vão servir de escoras ou lixadas até virarem ripas finas e frágeis, mas todas acabarão como cinzas.

André Schwarz-Bart é um contumaz criador de metáforas, às vezes nada sutis e muito corrosivas. A ironia é seu fuzil. Algumas são amargas, outras espetaculares como “os cristãos tomam a cruz pela outra ponta, fazem dela uma espada com a qual nos ferem” (SCHWARZ-BART, 1988, p 300). A própria figura do justo por ele criada pode ser, não sem esforço, tida por uma grande metáfora da condição judaica na Europa desde a Idade Média que oscila entre expulsões, espoliações e massacres.

Embora tenha estendido sua narrativa até a época das Cruzadas, e refeito o caminho do infortúnio judaico até o início da Idade Moderna, seu foco principal em *O Último dos Justos* é o judaísmo Ashkenazita do leste europeu, principalmente da Polônia, onde ele assenta seu *shtetl*, de onde vem seu herói (cuja verdadeira história começa bem antes) e a maior parte dos perseguidos e assassinados pelo nazismo, em cuja ascensão e desfecho se desenrola a maior parte da narrativa. No caminho que vai do holocausto da Torre de York (p. 4,5,6-7) aos fornos crematórios de Auschwitz (p.344,345,346-347) se encontra Zémyock e ela representa o mundo destruído pela Shoah.

Schwarz-Bart recria em seu romance o *shtetl*, a unidade mínima e exemplar do mundo yidish, em todas suas configurações e sua recriação pode ser respaldada por escritos posteriores ao seu romance, como os trabalhos de Arnold Mandel (1974) e Jacó Guinsburg (1996), por exemplo, no que diz respeito à liberdade espacial proporcionada pela proximidade com a natureza e pela falta de muros como os dos guetos ocidentais. A citação de Mandel no começo do capítulo sobre a dimensão do espaço que o judeu do

shtetl gozava, encontra eco em várias passagens do capítulo sobre Zémyock, no romance

Quando havia sol, [Haim Lévy] proibia que se abrisse a porta para qualquer um que tivesse a barba de talmudista, e, se arrastando até à janela, aspirava o ar, longamente, saudoso. Nesses dias, uma vigilância discreta era exercida em torno da casa, porque os meninos da vizinhança costumavam introduzir-se até o quarto do Justo. Vinham em busca de seu travesseiro, sob o qual os esperava um bocado de uvas secas, nozes, amêndoas e confeitos que o Justo mendigava dos seus admiradores. Mas, em troca, o velho entabulava com as crianças discussões infinitas sobre a chuva, o bom tempo, a qualidade da neve, o aveludado das cerejas comidas na árvore.

— Ah! Vocês me devolvem as pernas! Exclamava, às vezes em meio a uma discussão espalhafatosa.

E suspirando contente:

— Minhas pernas, sim, *e talvez muito mais ainda...*
(SCHWARZ-BART, 1988, p. 24)

Os dois Justos que sucedem a Haim Lévy, seu quinto filho, que é chamado apenas por Irmão Animal, “um pagão, um retardado, um autêntico *schliemazel*”⁸⁵ (idem, p. 27) e seu neto, Josuah Levy, único amigo de Irmão Animal, vivem da terra, “plantando legumes estúpidos que nasciam por si sós” (idem, p. 26) e Mardoqueu Levy, avô do herói do romance, ganha as fazendas de batata da região “no dia em que o tradicional arenque dos pobres faltava à mesa” (idem, p. 32) e, depois, as rotas de comércio, transitando por várias cidades como caixeiro-viajante. Esta tranquilidade que reinou principalmente entre o mandato Catarina II e Alexandre III, quando os judeus puderam ter uma vida quase sem alardes na Pale, a dimensão espacial de que gozavam no leste, e que tanto faltava aos guetos do ocidente inscrevem na recriação operada por Schwarz-Bart na vida pacata de Zémyock e em sua distância do mundo.

Como o romance tem bases na história e narra um longo período da história de um povo, a era chassídica do judaísmo oriental é representada por Zémyock e é a primeira a ser estendida, não condensada como as fases anteriores, como das Cruzadas ou do período da Inquisição espanhola, que beiram a anedota. Zémyock é construída sem deixar de lado as ligações com a história da Europa, mesmo que ela não seja citada. O episódio se situa no período que vai de 1792, com a chegada de Haim Levy, a 1917,

⁸⁵ Palavra yidish de difícil tradução designa uma pessoa que recebeu sucessivos golpes de má sorte.

com o exílio de Benjamin Levy depois de um pogrom e as mudanças que aconteciam no mundo aparecem, mas pela ótica de quem está isolado na aldeia.

Seu *shtetl* apresenta um colorido e vivacidade encontrada em grandes autores ídiches como Peretz ou Bashevis-Singer, com seus rabinos piedosos, mulheres casamenteiras, alunos de yeshivah aplicados ou sonhadores, comerciantes honestos ou fraudulentos, etc. Um aspecto diferencia Zémyock: a ausência quase total de contato com o mundo cristão europeu. A Europa passa longe e o mundo muda em torno de Zémyock. A industrialização da Polônia é inscrita no avanço da fábrica que acaba com os trabalhos exercidos pelos judeus, principalmente os manuais o que força a fuga de seus jovens que vão remeter dinheiro da França, Alemanha ou Estados Unidos, fazendo com que “[...] cerca de um terço dos judeus acabou por viver essencialmente à custa do “correio”, isto é: das ordens de pagamento dos seus “remetentes” no estrangeiro” (SCHWARZ-BART, 1986, p. 31). Em Zémyock, a escassez de trabalho para os lapidadores de cristal força a saída de Mardoqueu Levy a procurar trabalho nas fazendas de batata da região, quando “o tradicional arenque dos pobres falta à mesa” (idem, p. 33).

A saída de Mardoqueu marca a gradual ancoragem de Zémyock no mundo real e moderno, uma vez que ele só encontra trabalho depois de muitos dias e em uma fazenda bem afastada. Ora, a distância percorrida por Haim quando ele chega a Zémyock é percorrida agora por Mardoqueu, mas fazendo o caminho inverso. O encontro de Mardoqueu com os coletores de batata é o primeiro contato de Zémyock com o mundo que a rodeava e este contato foi violento: Mardoqueu “teve” que brigar com um polonês para poder continuar trabalhando.

O segundo contato com a Europa se dá por um pogrom e marca a saída dos Levy de Zémyock, do *shtetl*, quando um grupo de cossacos ataca o vilarejo, matando quase toda a família de Mardoqueu, cujo filho caçula e único sobrevivente, decide migrar para a Alemanha. Os Levy entram em Zémyock, no *shtetl*, no mundo marcado pela cultura yidish por causa de uma tempestade de neve que congela as pernas de Haim, e uma tempestade muito mais devastadora os tira desse mundo, a tempestade humana.

É sempre a violência que move os Lévy no romance. É fugindo de perseguições que seus personagens peregrinam pela Europa até encontrarem uma ilha

de paz e tranquilidade que só pode existir porque se afasta, se isola, se esconde entre montanhas, longe de padres e senhores, ou seja, é só se apartando da Europa (mesmo que dentro dela) que os Levy conseguem levar uma vida prosaica, "temendo apenas a cólera, a peste e o santo nome de Deus" (p. 25).

A passagem por Zémyock é importante por dois motivos: o primeiro é a transformação dos justos em realmente justos ocultos, depois da nomeação do Irmão Animal, personagem ao qual nem nome é dado, como sucessor de Haim na dinastia dos justos e que, por sua vez, nomeia seu sobrinho "sonhador" cujo nome ele não se lembra, o nomeando como "sabem, aquele que tem meu cão amarelo?" (p. 30)

A partir de então, ficou-se sabendo que a coroa de glória podia "cair" em qualquer cabeça; assembleias foram convocadas, uma pressão impiedosa foi exercida sobre o Justo em função; a vida de Josuah Levy foi mais que um longo calvário. Ele prometeu à sua segunda esposa, "tão jovem, ai de mim", designar um filho da sua carne; e, ao fim de tudo, lhe escapa na agonia o nome de um sobrinho qualquer. Não se sabe mais. Não se sabe de nada. Os infelizes Levy procuram em vão sob quais sinais se fundamenta a escolha de Deus. É preciso abismar-se em orações? Ou trabalhar no campo? Amar os animais? Os homens? Realizar atos importantes? Ou levar a miserável, mas tão doce existência de Zémyock?... Quem será o Eleito? (idem, grifo nosso)

Se qualquer um pode ser um justo e se não há sinais que o distingam dos outros homens, sempre restará a dúvida se o justo é realmente o justo da geração ou se ele está escondido o sendo em segredo, talvez, sem mesmo ter consciência de sua situação. O irônico, e esta é mais uma ironia do romance, é que a vida dos dois justos dos quais se duvidava passou a ser um martírio justamente depois de receberem a "coroa da glória" o que os configura como verdadeiros justos.

O segundo motivo é que em Zémyock os Levy se tornam judeus ashkenazitas, falantes de yidish e pertencentes à comunidade cultural dos judeus da Europa Oriental. É esta passagem que permite a ligação dos personagens ao destino dos judeus cuja dignidade Schwarz-Bart pretende resgatar com seu romance. É apenas a partir de Zémyock que se pode chegar a Auschwitz, mas não sem antes fazer um desvio pela Alemanha e pela França, para voltar para a Polônia.

Cada cidade por onde os Levy passam é emblemática de uma situação vivida pelos judeus no entre guerra.

2.3.1 – Grande Berlim e os novos Berlinenses

Como já explicitado, a História do ocidente é base de toda a narrativa do *O Último Dos Justos*. Mesmo se afastando às vezes, a narrativa nunca corta os fios que as ligam. Conforme vai ganhando mais profundidade, deixando a forma de escrita semelhante ao conto ídiche ou à crônica medieval, à medida que ela vai se aproximando da escrita tipicamente romanesca e seus personagens vão ganhando maior amplidão, ela passa a não ser mais suficiente para abarcar todos os indivíduos do grupo ao qual ela se refere, os judeus da Europa dos últimos oito séculos, isso pela forma mesma do romance.

O que marca definitivamente a mudança no estilo da narrativa e a ancora no mundo individualizado da modernidade burguesa é a entrada de Berlim como cenário e a aparição de uma personagem que, saída da mesma Polônia judaica, chega à capital alemã fugindo dos pogroms do início do séc. XX, e representa um papel essencial sintetizando em si a transformação forçada do judeu tradicional com seus costumes e modo vida em homem moderno, desenraizado, forçado a abandonar, à força de extrema violência seus costumes, sua língua, suas roupas, suas casas. Este personagem, Yankel, o jovem da Galícia, aparece na narrativa num momento crucial, quando Benjamin, pai de Ernie, chega à Berlim depois de um pogrom em Zémyock.

Berlim é apresentada como a antítese do shtetl: grande, abarrotada de gente, cheia de carros, um lugar hostil, barulhento com "pessoas verdadeiramente terríveis, piores que os carros" (idem p. 83). Não é gratuitamente que ela entra na narrativa logo após a destruição de Zémyock por um pogrom: a grande cidade e seus habitantes hostis representam o mundo que precisa aniquilar o pequeno e harmônico povoado que, como já dito, condensa em si todo o judaísmo polonês que começa a ser destruído pela pobreza e pela violência.

Zémyock ficou escondida e protegida do mundo por mais de um século, mas, com a chegada da indústria, as tempestades humanas⁸⁶ arrastaram seus habitantes para

⁸⁶ Citação na página 76.

longe. No final do século XIX e princípios do XX a Polônia passa por transformações profundas, seus campos são mecanizados o que força os camponeses a migrarem para as cidades que se industrializavam ou deixar o país, indo para a Europa ocidental ou para a América (WENCZENOVICZ, 2007). Este momento da história do ocidente (industrialização tardia de alguns países, êxodo rural, inchamento das cidades, profunda crise econômica, migrações em massa etc.) é representado pela saída de Mardoqueu para trabalhar nas plantações de batata da região e pelo trabalho de lapidadores de cristal que os habitantes de sua aldeia exerciam. Seguido ao empobrecimento dos pequenos vilarejos poloneses, vieram o pogroms que foram constantes até o fim da Segunda Guerra.

A passagem em que Berlim é cenário, a Berlim em profunda crise econômica e social, a Berlim da República de Weimar e do movimento Spartakus⁸⁷, é tão curta que não ocupa nem uma dezena de páginas, mas não por acidente que ela está localizada exatamente no momento em que a violência contra os judeus reaparece no livro depois do "intervalo" de Zémyock, ela está neste ponto da narrativa para reestabelecer o contato dos Lévy com o mundo hostil, mas agora, moderno que se encontra além das planícies de Zémyock.

Tanto Yankel quanto Berlim aparecem no romance por um curto período de algumas páginas, mas, tal aparição é fundamental para o desenrolar da narrativa. Berlim aparece como transição entre dois mundos: o polonês do shtetl, arcaico e rural preso a tradições ancestrais e o mundo moderno e urbano da Europa capitalista que a capital alemã muito bem ilustra. Nesta Berlim "que não tinha começo nem fim" (SCHWARZ-BART, 1988, p. 77) é que o jovem Benjamin, saído do menor e mais afastado vilarejo judaico da Polônia vai se encontrar com a modernidade e, em menos de vinte e quatro horas já quer dela fugir.

⁸⁷ A Liga Espartakus (Spartakusbund), foi um movimento revolucionário marxista, que se organizou na Alemanha durante a I Guerra Mundial e anos subsequentes. Fundada em 1915 por Rosa Luxemburgo, Clara Zetkin e Karl Liebknecht, entre outros, teve na Revolução de 1918 seu período mais ativo, quando tentou instaurar a revolução socialista na Alemanha. Seu nome faz alusão a Spartacus, líder da maior rebelião escrava da Roma Antiga.

Em dezembro de 1918, a Liga, juntamente com outros agrupamentos, aderiu à Comintern e tornou-se o Partido Comunista da Alemanha (Kommunistische Partei Deutschlands, ou KPD). A Liga e o KPD tornaram-se famosos por seus confrontos com a polícia e outras ações de militância direta. Em 1º de janeiro de 1919, o KPD tentou iniciar uma revolução comunista em Berlim, apesar dos protestos contrários de Luxemburgo e Liebknecht. A insurreição foi brutalmente reprimida pelo governo da recém-proclamada República de Weimar, e Luxemburgo e Liebknecht foram assassinados.

Da mesma forma que Hayim é impedido de deixar Zémyock, Benjamin não pode deixar Berlim, não por ter suas pernas amputadas, mas por não ter outra opção de fuga.

Numa recriação inversa do acampamento de Israel liberto do Egito que Bilam (Balaão) contrariando o rei Balak, abençoa com a célebre frase "Quão belas são tuas tendas, ó Jacob, e tuas moradas, ó Israel" (Números, 24:5) ao ver a forma engenhosa que as tendas eram colocadas para que ninguém pudesse ver o que se passava na tenda do vizinho, Benjamin é instalado numa sinagoga desativada que serve de albergue para refugiados dos pogroms do Leste

[...] famílias inteiras viviam em uma grande saladivida a giz em apartamentos. Cortando a sala em duas, uma passagem de cinquenta centímetros permitia aos locatários ganharem a saída. Cada um fingia ignorar a existência do vizinho. Transpor uma linha de giz era invadir a divisória de uma vida privada. (Idem)

É neste "acampamento sem benção" que aparece Yankel, um jovem que sai da penumbra para falar com o recém-chegado.

Yankel é uma personagem devastada, cindida entre o passado em seu shtetl, "o sonho" e o presente, entre kafkiano e dantesco, em Berlim. Ele vive também um processo de transformação, de morte de um menino que não leva ao nascimento de um homem, mas de um morto que caminha. O jovem da Galícia e Benjamin são espelhos um do outro: ambos são judeus chassidim; ambos são poloneses; ambos viviam em um shtetl e ambos chegaram à Berlim depois de um pogrom. Yankel é o primeiro a reparar em Benjamin quando da entrada deste no albergue, pois ele ainda era o que Yankel fora e não consegue mais ser: um judeu piedoso vestido com um caftã e ostentando suas peiot. O primeiro contato dos dois é uma negação da tradição judaica feita por Yankel

— Todos estão esperando um apartamento, disse-lhe, no primeiro dia de sua chegada um jovem plantado à beira do caminho de giz. Eles acreditam nisso!

[...]

— E você, o que espera? Disse Benjamin sorrindo.

— Eu espero o Messias, mas ele não tem pressa. Tem toda a eternidade, não? Salve.

Foi assim o primeiro encontro de Benjamin com o pobre jovem da Galícia que ele devia rever nas semanas seguintes, eternamente

deitado, ou então assentado à beira da cama, a cabeça mergulhada num sonho, suas mãos trêmulas como a de um velho. Benjamin suspeitava que ele estivesse morrendo de fome. (idem, p. 78)

A ironia amarga que Yankel usa para falar com o jovem Benjamin sobre os outros habitantes do "albergue", judeus refugiados como eles, e da espera pelo Messias é reflexo da luta que a personagem trava consigo para deixar de ser esse ser de outro mundo que tem que viver agora em uma realidade que não aceita sua vida de outrora. Mesmo aparecendo por um curto período na narrativa, Yankel é um dos personagens mais perturbadores do romance exatamente pela transição que ele representa. Atormentado pela impossibilidade de retorno que, aliás, se impõe a todos os personagens de Schwarz-Bart, ele se vê obrigado a matar o jovem do shtetl para dar lugar ao morto-vivo que Berlim exigia como habitante.

A luta interna de Yankel para abandonar seu mundo passado e já destruído se explicita na forma como ele trata Benjamin desde a entrada deste na sinagoga albergue: ora com amizade, ora com desprezo. Como já dito, a figura de Benjamin é o reflexo do passado que Yankel quer destruir em si, mas, ao mesmo tempo é a lembrança de um tempo bom e que foi violentamente interrompido. Benjamin mantém-se inocente, Yankel teve sua inocência roubada pelo pogrom de sua vila. Benjamin se mantém tão inocente que não percebe que Yankel é o que ele pode se tornar e é o jovem da Galícia que impede que isso aconteça salvando seu amigo do inferno de Berlim.

O processo de assimilação de Yankel é pautado por algumas questões como, por exemplo, quando, depois de contar a Benjamin que havia enterrado todos os habitantes de sua aldeia e feito para cada um todas as rezas e quando tudo terminara como se sentia estranho

[...] Fui no cemitério. Despertei e peguei pedras que comecei a atirar contra o céu. E a um dado momento, o céu partiu-se. Entende?

[...] Partido como um simples espelho, e todos os cacos espalhados no chão! Disse para mim então: Yankel, se Deus está em pedaços, o que pode significar ser judeu? (idem pg. 58)

O que deve fazer um judeu que não é mais judeu?

[...] Um judeu que não é mais judeu, o que deve fazer ele para não cair mais de quatro? (idem, p. 86)

As questões que Yankel se põe estabelecem uma gradação para sua assimilação. O estopim é o pogrom, um evento de violência tão grande que impede qualquer retorno e se impõe como ponto de partida forçado. Primeiro vem a revolta contra Deus, e sem Deus (o céu quebrado) não há sentido em ser judeu; se não há mais sentido em ser judeu, como viver? Depois de enterrar sua aldeia e se sentir desamparado, ainda vestido com seus trajes judaicos, ele entra em uma passeata de comunistas que o expulsam e o pisoteiam sem sequer vê-lo. Sem lugar no mundo novo, resta ao judeu viver se rastejando ou esgueirando pelos cantos, desviando dos "outros" e dos postes, como fazia Benjamin com um "bom passinho bem judeu" (ide, p. 82).

Yankel encontra, com muita amargura, uma saída para sua última questão, como não viver de quatro: "[...] quer fazer de mim um novilho, então, muito bem, me tornarei um carnicheiro!" (idem p. 86). Algum tempo depois Yankel volta à Sinagoga albergue vestido como um burguês e um pouco mais gordo, ele tornara-se um comerciante.

A transformação do jovem judeu atormentado em burguês que "rouba honestamente segundo as leis do comércio" (idem, p. 89) apresentada como degradação, pode ser extrapolada para além da passagem em questão, e para além da personagem. O mundo se degrada de Zémyock para Berlim, do mundo quase mítico e sagrado dos judeus poloneses e seus shtetlechs para as grandes cidades da Europa, representadas primeiro por Berlim e depois por Paris. A comparação do comerciante burguês com um ladrão, do lucro com roubo e a ambiguidade que existe entre o trabalho de Yankel e o crime, explicita algo que está subjacente na narrativa desde a saída de Mardoqueu para trabalhar nas fazendas vizinhas de Zémyock e a fuga dos jovens deste vilarejo para a América ou Europa ocidental. O que é explicitado é o movimento que empurra os judeus do leste para a Alemanha, França ou Américas, que embarca os japoneses e italianos para o interior de São Paulo. Esta força que move as peças na modernidade, criando guerras, genocídios, matando índios, escravizando negros e bolivianos é personificada na decadência de um judeu piedoso que se torna burguês numa grande capital europeia ao mesmo tempo em que as cidades e vilas onde da mesma Europa, mas que vivem em um outro tempo são esvaziadas e destruídas, esta força é o progresso.

Sem possibilidade de redenção e completamente entregue ao novo mundo que Berlim representa, mas incapaz de destruir completamente o judeu dentro de si, como podemos comprovar no seu testemunho sobre o pogrom de sua aldeia "[...] há ainda em mim um pequeno [...] Benjamin que bate asa! Aiii, ele não quer morrer; aiii, veja como ele se debate." (idem, p. 87), Yankel salva Benjamin dando a este uma pequena fortuna "legalmente roubada" e o aconselhando a ir para a província e mandar vir sua família pois "[...] em Berlim, se você só tem dois pés como raiz, a vida não sobe mais até o coração" (idem p. 89). Depois de sua dádiva, Yankel sai com seu passo vacilante e desaparece para sempre.

Além de Yankel, outras personagens aparecem transfiguradas pela grande Berlim. São os empregados do Sr. Flambaum, colegas de trabalho de Benjamin, que

[...] tinham uma postura depreciativa da antiga vida que levavam na Polônia "todos refugiados de *pogroms*, traziam todos alguma marca do naufrágio; mas reinava no ateliê uma atmosfera de zombaria ferina, de depreciação irônica da antiga vida da Polônia e da Rússia; um espírito demoníaco soprava neles, mudando a água clara em sangue, matando as raízes deleitáveis do bem, fazendo brotar chuva e granizo sobre qualquer pensamento judeu brotado da alma. Benjamin estendia uma mão e acreditava ver surgir uma garra. (idem, p. 79 grifo do autor)

Um deles, Lembke Davidowicz, depois de insultar e humilhar Benjamin por este ainda ser um "rabininho angélico e delicioso" (p. 80) ao perceber que o jovem havia espetado uma agulha no polegar, proferiu, constrangido: "já nos esquecemos de tudo? Já nos tornamos perfeitos cavalheiros alemães?" (idem). Essas personagens aparecem como uma crítica ao assimilacionismo dos judeus alemães e dos judeus que chegam à Alemanha vindos do Leste. A transformação desses judeus que abandonam aos poucos suas tradições chegando ao ponto de negá-las e ridicularizá-las é mostrada como uma degradação desses homens, que viviam em um estrato mais elevado da criação, mais próximos de Deus, e que desceram todos os degraus da espiritualidade até chegarem ao chão mundano e violento da modernidade que exige que tudo, por mais sólido e permanente que seja, se desmanche no ar e que profana qualquer centelha do sagrado. Nestes termos, a ida de Zémyock para Berlim significa a descida ao mundo que, secularizado, toma o lugar do inferno, da mesma forma que no jogo de amarelinha das

crianças judias de Varsóvia, ele é substituído pelo pogrom (SCHWARZ-BART, 1986, p. 76).

Mais ainda que a denúncia e crítica da assimilação, essas personagens podem ser lidas, assim como Berlim, como um exemplo da transformação que o mundo moderno, condensado na grande cidade, exige. Todos os traços devem ser apagados; todo o passado deve ser esquecido; qualquer diferença deve ser aniquilada: não é permitida qualquer exceção, a única escolha é se tornar Berlinense ou, "perfeitos cavalheiros alemães". A pressão exercida pela grande cidade sobre seus habitantes e a adequação que ela deles exige, o abandono de qualquer individualidade e diferença e, por que não, a recusa de qualquer alteridade são sentidas no texto pela recusa de Benjamin em se assimilar e os desconfortos que isso lhe causa: a dificuldade de andar pelas ruas com seu "bom passinho judeu", a ridicularização que ele sofre por parte de seus colegas de trabalho, a reação de espanto que os outros têm ao vê-lo ainda nas roupas antigas e com suas peiot pendendo das têmporas, a sensação de carregar um peso, a impressão que todos o olham.

O aniquilamento das marcas, de qualquer traço distintivo, a adequação impostos pela modernidade (e o empobrecimento que isso tudo acarreta) foram percebidos e muito bem matizados no poema de Brecht que abre a coletânea *De um Guia para os habitantes da cidade* (2003), *Apague os Rastros*, que expressa o mal-estar da massa desconfortável no espaço urbano, a angústia dos que eram obrigados a sobreviver na metrópole como se fossem exilados ou perseguidos (KONDER, 1996).

Apague os rastros
Separe-se de seus amigos na estação
De manhã vá à cidade com o casaco abotoado
Procure alojamento, e quando seu camarada bater:
Não, oh, não abra a porta
Mas sim
Apague os rastros!
Se encontrar seus pais na cidade de Hamburgo
ou em qualquer outro lugar
Passe por eles como um estranho, vire na esquina, não os reconheça
Abaixe sobre o rosto o chapéu que eles lhe deram
Não, oh, não mostre o rosto
Mas sim

Apague os rastros!
Sempre que você disser algo, não diga duas vezes.
Encontrando o seu pensamento em outra pessoa:
negue-o.

Quem não escreveu sua assinatura, quem não
deixou retrato
Quem não estava presente, quem nada falou
Como poderão apanhá-lo!
Apague os rastros!
Cuide, quando pensar em morrer
Para que não haja sepultura traindo onde jaz
Com uma nítida inscrição que o denuncie
E o ano de sua morte que o entregue!
Mais uma vez:
Apague os rastros!
(Assim me foi ensinado).
(BRECHT, 2003)

Este mesmo desconforto descrito por Brecht é encarnado por Benjamin Lévy. Willi Bolle, em sua *Introdução à Poesia de Brecht* (1987) aponta a percepção que este autor tem da grande cidade, como um lugar inumano, onde o utilitarismo e a competição são as únicas formas de relacionamento possíveis. "A metrópole contemporânea aparece aos seus olhos, antes de mais nada, como uma grande praça mercantil, onde se negocia o ser humano" (BOLLE, 1987, p. 61). Não só Berlim, mas Paris também é envolta na mesma atmosfera angustiante, mas intensificada pela ocupação nazista.

Neste processo de esfacelamento é que se encontra o jovem da Galícia, Yankel, que se vê solitário, desconsolado, completamente anônimo (ele não tem nenhum sobrenome) e desenraizado vivendo em um mundo que impede qualquer possibilidade de retorno aos valores seguros de sua antiga existência. O processo de "modernização" tanto de Yankel quanto dos empregados da oficina do Sr. Flambaum é assentado na destruição de qualquer traço ou vestígio da antiga vida que eles tinham, violentamente extinta e cuja marca é apenas uma cicatriz a ser escondida.

Mais uma vez, não por acaso que Berlim foi escolhida para abrigar a transição do mundo arcaico do shtetl para o mundo moderno em que os Lévy são obrigados a viver. Ela marca a transição para um mundo que tentará aniquilar completamente os judeus. É em Berlim que o nazismo chega ao poder e é de Berlim que todas as ordens serão dadas; cada comboio de vagões, cada frasco de veneno, cada bala. Todo o horror do nazismo começa em Berlim, nada mais lógico ela dar as boas vindas ao novo mundo.

Stillenstadt

Stillenstadt se apresenta como uma cidade provinciana, também fictícia e, assim como Zémyock, localizada no romance em uma região real, a Renânia, mas banhada por um rio também fictício, o Schlosse. Esta cidade também funciona como um cenário genérico, poderia ser qualquer cidadezinha alemã do entre guerras.

Quando Benjamin Levy chega à pequena estação de Stillenstadt ele tem contato com um novo tipo de judeu: assimilado, profundamente alemão, mas, ainda judeu, ou " 'judeus de sábado' como eles próprios se intitulavam com pesar" (p. 97) muito diferentes dos judeus poloneses tradicionais apegados às suas tradições e religiosidade e muito diferentes dos judeus "novos Berlinenses" que renegam seu judaísmo e sua judaicidade.

Em Stillenstadt, os judeus vivem uma vida tranquila ao lado dos alemães cristãos, sem sobressaltos ou grandes manifestações antissemitas. Os únicos infortúnios para os judeus locais é a apostasia de alguns dos membros da comunidade, que se apresenta como o esforço último de assimilação e integração à sociedade alemã. A existência desses convertidos chega a Benjamin como um escândalo, dito em tom de confidência,

Ao fim de seis meses, eles lhe revelaram, como se se tratasse de um delito vergonhoso, que inúmeros judeus convertidos ao catolicismo grassavam na cidade. Eles moravam no bairro nobre, naquelas construções brancas de seis andares que cintilavam atrás da igreja. Foram pintados como maus, perversos, mais patriotas do que os milicos, detestando muito especialmente os imigrantes da Polônia e da Ucrânia, aos quais se referiam como "horda asiática, escória da terra, metecos etc."; e quando lhe apontaram um deles atravessando pausadamente a rua, tão pesado e impenetrável quanto um alemão, Benjamim não pôde conter um arrepio. (idem, ibidem)

A presença desses judeus na cidade representa uma faceta da vida judaica da Europa Central dos séculos XIX e XX que é fruto tanto da Haskalah quanto da emancipação dos judeus promovida na França e na Alemanha. Em um artigo intitulado O Shtetl: Aspectos e Valores, Jacó Guinsburg responsabiliza pelo declínio da cultura judaica do leste o engessamento das tradições chassídicas, o oportunismo do tzadikismo, a infiltração das relações sociais capitalistas e o advento da modernidade representados pela chegada da estrada de ferro, da eletricidade e do telégrafo e aponta o Iluminismo Judaico como responsável principal de tal declínio, fazendo um jogo

interessante entre o agente da Haskalá e o conquistador português do Novo Mundo que oferecia espelhos aos índios e o pecado original

No entanto, cumpre reafirmar: foi a Haskalá o agente do diabo. No desejo de aparar a barba do judeu, de vestir-lhe uma fatiota "Berlinense" e de pôr-lhe Rousseau debaixo do braço, fez-se seu tentador. Buscando-o nos interstícios da vida social e econômica apresentou-lhe um espelho – convexo, sem dúvida... – e disse-lhe: "Veja como você é disforme. É preciso mudar". E quando o homem do shtetl atentou e "viu", o seu mundo estava desfeito. A Divina Presença o abandonara e, com ela, sua graça. Assim, depois de comer da Árvore do Conhecimento, ele praticou o ato reflexo e se viu na infinita solidão de um cotidiano hostil e brutal, submetido a um "processo" absurdo, kafkiano. (GUINSBURG, 1990. p. 88)

O processo modernização e adequação do judeu ao mundo moderno, urbano e industrial, que se encontra retratado tanto nos últimos momentos de Zémyock com a fome e migração, na Berlim obscura e hostil que não reservava lugar para o outro exigindo sua adequação aparece em Stillestadt na figura do judeu convertido como extremo e nos "judeus de sábado", profundamente assimilados como meio-termo. Aliás, a pequena cidade provinciana se apresenta ainda como meio-termo entre a opressora Berlim e a mítica Zémyock, pelo menos até a ascensão do nazismo.

Um caso especial de apostasia é retratado no romance, o de Heinrich Meyer, funcionário da administração municipal, habitante da mesma rua que Benjamin, a Riggerstrasse, cuja figura oscila entre arrogância e vergonha

[...] olhos sagazes faiscando na sua cabeça inclinada. Mas, dependendo do dia, o queixo do apóstata se projetava para a frente, como uma proa; ou então pendia humildemente sobre o peito. Toda a sua postura era a de um incorruptível burguês alemão, moroso e, bem-posto em sua roupa austera, de corte militar, ostensivamente abotoada por cima do estômago. (idem, ibidem).

Este mesmo judeu se apresenta à congregação vestido de luto, roupa rasgada, cinzas na cabeça⁸⁸ implorando para ser novamente aceito e por um castigo que expiasse sua falta com seus correligionários, que, por sua vez, recorrem ao jovem judeu polonês, representante, aos seus olhos, de um judaísmo mais tradicional, puro, sobre como agirem com o apóstata. Numa retomada da cena da sinagoga de Zémyock, quando Haim

⁸⁸ É um ato de contrição no judaísmo rasgar as roupas e cobrir a cabeça de poeira ou cinzas.

Levy se revela um justo, Benjamin se vê sozinho com sua ignorância religiosa, resultado do abandono paterno de sua educação e, depois de propor que não castigassem Heinrich Meyer, que se volta contra a congregação proferindo vitupérios e abandonando em seguida a cidade, se torna um judeu de sábado, abandonando assim todo o passado dos Levy e seus justos.

Seguindo a este episódio, Benjamin "excluído das boas mesas" (p. 101) manda vir seus pais, o que põe um ponto final aos Levy de Zémyock.

A cidade de Stillenstadt é apresentada como um lugar ambíguo desde sua primeira descrição. A encantadora cidade de antigamente que parecia a materialização do velho sentimentalismo alemão, dá lugar, no mesmo parágrafo, a uma cidade dividida em dois braços do mesmo rio onde o mais forte abastece usinas e fábricas onde "sobretudo mulheres definhavam lentamente" (p. 94) e o mais estreito "serpenteava delicadamente através do campo. O Schlosse - era seu nome - só servia para a pesca e os prazeres do verão" (idem). Apenas ao segundo braço é dado nome, o primeiro, o que banha a região industrial da cidade não é nomeado. A ambiguidade que se apresenta na divisão do rio estará presente em todo o resto do romance, mas em Stillenstadt ela é mais perceptível, mesmo sendo sutil, porque é neste cenário que se verá a ascensão do nazismo, o início das perseguições contra os judeus e o paulatino silêncio que acompanha o aumento das hostilidades em uma cidade que vivia em paz com seus judeus.

A cidade mostra a corrosão das relações entre alemães e judeus que encontra seu auge na Noite dos Cristais e a consequente fuga dos Lévy para a França. O silêncio está inscrito no nome escolhido para esta cidade, Stille, em alemão é silêncio. O silêncio e a ambiguidade de tratamento dado aos judeus, compaixão ou ódio/desprezo, são exemplificados na cena em que Ernie e seu irmão mais novo, vão para a sinagoga fugindo dos nazistas que marchavam pela cidade. No caminho, ao passarem por um bairro alemão eles encontram duas mulheres para quem pede informações.

[...] puxando Jacob atrás de si, levantou a boina e perguntou, com sua melhor pronúncia alemã, "se o ginásio era por ali"...
- Ah, é bem em frente – disse, surpresa, a mulherzinha.

Depois, olhando melhor para Ernie, ela colocou o queixo no cabo da vassoura e sorriu um pouco com a boca, mas muito mais com seus pequenos olhos claros:

- Vocês têm razão, meus meninos - disse compreensiva -; é melhor tomar esse caminho porque a rua principal tornou-se perigosa para "vocês" agora que "eles" não param de desfilar por lá. Mas, escutem, seria talvez ainda mais prudente não ir de maneira alguma à sinagoga de vocês...

De repente, uma segunda dona-de-casa saiu do corredor:

- Ah, esses aí... Não é bom falar com eles! - exclamou. Depois, voltando-se para os dois meninos, acrescentou intencionalmente: Cocoricó, vocês judeus, a coisa vai ficar preta hoje!

E, voltando-se para trás, ela colocou as mãos sobre seu avental bojudo e riu satisfeita. Imediatamente, muitas caras curiosas de meninos apareceram, cercando o pequeno grupo. Ernie e Jacob já se afastavam precipitadamente. Ouviram gritos agudos e o som de uma corrida atrás de alguém... Apertando cada vez mais a mão de Jacob, Ernie começou a correr com todas as suas forças. Na esquina, espantado por não terem sido pegos, ele se voltou e viu de longe o grupo de meninos que riam às gargalhadas com gestos alegres. Uma pequena silhueta atravessou a calçada, a vassoura em uma das mãos e um menino na outra. Chegando à calçada, a silhueta esbofeteou a criança e a arrastou para uma casa. (p. 135).

Esta pequena passagem encerra em si a ambiguidade do tratamento dado aos judeus, numa sequência tensa que acaba com uma demonstração, também ambígua, em frente à sinagoga onde, de um lado estavam os nazistas, do outro os judeus e entre eles, com suas janelas abertas, alguns alemães. A dona de casa que se compadece dos dois meninos e os alemães que abriram suas janelas e começaram a gritar contra os nazistas, assim como a outra dona de casa que tem uma atitude de escárnio e satisfação com a situação dos judeus (o fato de serem duas crianças seus alvos a torna mais ignóbil), os alemães que fecharam em seguida suas janelas e os nazistas em frente à sinagoga, compõem um quadro que, tendo em vista que os cenários e os personagens criados por Schwarz-Bart podem ser lidos como exemplares, coloca não só a Alemanha, mas toda a comunidade internacional representada por uma cidade que se cala, dentro do jogo ambíguo de ver e calar que tem resultados catastróficos.

Esta cidade exemplar vai se calando conforme o nazismo avança, também impõe o silêncio. Em um livro dedicado ao uso político dos genocídios, o sociólogo francês Jacques Sémelin (2009) expõe como ocorre o silenciamento das vozes dissidentes quando um discurso de segregação avança no seio de sociedades que foram

palco de massacres, genocídios ou limpezas étnicas. Conforme o discurso segregador se impõe sobre grandes parcelas da população, os indivíduos que não compartilham dele começam a se calar para não serem excluídos do convívio com seus próximos, seja no trabalho, na igreja, na escola ou até mesmo na família, passando, muitas vezes a comungarem do mesmo discurso. Num segundo momento, as vozes que se levantam são caladas tanto pela persuasão social quanto pela força do estado.

Na passagem das janelas, é possível encontrar todos os elementos apontados por Sémelin (idem): a força persuasora representada pelos camisas pardas⁸⁹, os alemães que fecham suas janelas, os que se calam ou são convencidos; os que ficam nas janelas, mas quietos e o Sr. Kremer, que não fecha a janela e que, dedo em riste, se opõe abertamente contra os nazistas a favor dos judeus.

Stillenstadt não apenas uma cidade onde as pessoas se calam, mas ela também obriga ao silêncio. A decadência do Sr. Kremer, professor humanista, idealista e pacifista acontece ao mesmo tempo em que o nazismo se instala na sociedade alemã. Como defensor das crianças judias da escola da cidade, patrocinador da amizade entre a jovem Ilse Bruckner e o herói do romance Ernie Lévy, que se encontravam semanalmente para um chá em sua casa (e que passaram a ser seu único círculo), ele é apresentado como a resistência e desaparece da cidade durante a madrugada sendo enviado para um campo de concentração.

O Sr. Kremer aparece como um personagem lúcido que consegue entrever na atitude das crianças de sua escola que algo as consumiria. Depois da promulgação das leis de Nuremberg, os alunos judeus passaram a ser "convidados" nas escolas e na escola de Stillenstadt eles eram agredidos diariamente tanto pelos professores que "por maior comodidade" (p. 190) aplicavam neles castigos físicos, quanto pelos *pimpfe* e pelos alunos "apolíticos" (p. 191). Foi uma visão que ele teve, logo depois de se tornar o defensor dos judeus durante o intervalo que faz dele uma personagem clarividente da situação que começava a tomar conta da Alemanha

"Todas essas cabeças estão cheias de vida, pensou o velho professor, no entanto, uma ameaça bem peculiar pesa sobre as quatro cabecinhas judias..." E quando comparava o destino dos quatro com o

⁸⁹ Sturmabteilung, conhecida pela sigla SA foi uma divisão paramilitar do partido nacional-socialista e que existiu até 1934. Seu chefe foi Ernst Röhm que assassinado a mando de Hitler no expurgo realizado no partido nazista, que ficou conhecido como "A noite dos longos punhais".

dos outros alunos, o Sr. Kremer teve bruscamente a estranha sensação de que um monstro inominável, uma espécie de polvo instalado na sala de aula, os devorava indistintamente. (SCHWARZ-BART, 1986, p. 193)

Schwarz-Bart constrói Stillenstadt como um cenário onde o nazismo não encontra opositores, em primeira instância, o que permite sua fácil instalação. Em Berlim, Benjamin Levy tem contato com um sutil antissemitismo identificado no olhar dos passantes das ruas apinhadas de gente e no peso que ele sente em carregar suas peiot⁹⁰, sua barba e seu caftã negro e que em Stillenstadt continua sutil e perceptível na desconfiança que os operários sentem em seu ateliê quando Benjamin se esforça para parecer alemão. Mas, pequenos acontecimentos, como a agressão a Ernie por outras crianças durante uma encenação da Paixão, onde o garoto representa Judas, no romance, anteciparam a ascensão de Adolf Hitler, fazem parte dos princípios das agressões que acontecerão e que não vão encontrar resistência.

Os comunistas, sendo pouco numerosos em Stillenstadt, e os democratas quase não se manifestando, resultou, naturalmente, que a seção local do Partido Nazista dirigiu rapidamente as baterias da sua propaganda contra as poucas famílias judias que “grassavam” na cidade. (idem, p. 128)

Toda a escalada de acontecimentos antissemitas, desde a primeira agressão a Ernie em 1933, até a Noite dos Cristais, em 1938 se dá paulatinamente, crescendo como crescem as crianças que, no romance, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da desestruturação social que o nazismo causa. Elas são as primeiras vítimas e os primeiros agressores. Ernie é agredido por ser judeu em uma brincadeira que foge ao controle dos garotos da sua rua; a agressão do SA na frente da sinagoga que, com um tapa, joga Ernie junto da Senhora Tuszynski; o episódio da mercearia quando Ernie é acusado de ser pervertido pela merceeira unicamente por ele ser judeu. Em todas estas agressões o fator determinante é a vítima ser judia, mas, salvo o episódio

⁹⁰ Peiot, plural da palavra hebraica pe'a, que significa borda. São os cachos de cabelo que os judeus ortodoxos e iemenitas usam na frente das orelhas como forma de cumprirem o mandamento bíblico contido em Vayicrá (Levítico) 19:27 "não cortareis o cabelo de vossa cabeça em redondo e não raspareis (com navalha) a vossa barba" e como forma de cumprir a mitsvá (preceito) n° 44.

da sinagoga, não existe ainda uma violência voltada exclusivamente pelo fato delas serem judias.

A degeneração das relações entre judeus alemães na década de 1930 são apresentadas primeiro nas relações entre as crianças como se elas conseguissem traduzir o clima tenso que se instala no mundo dos adultos e que ainda não é por eles percebido. Enquanto o antissemitismo é evidenciado pelos grandes como uma desconfiança em relação aos judeus Ernie é agredido pelo grupo que encena a Paixão e seu irmão mais velho, Moritz, tem que disputar com os meninos o tempo todo; enquanto todos os estereótipos e lendas sobre os judeus são resgatados pela propaganda nazista, Ernie é acusado de depravação por tentar explicar para a filha da merceira o que é uma calçadeira; quando as Leis de Nuremberg excluem os judeus alemães da vida pública os alunos "apolíticos" comandados pelos *pimpfe* atacam o grupo de alunos judeus durante o recreio sob o olhar displicente dos professores, quando a virulência do antissemitismo alemão começa a atingir graus extremos, Ernie, como tantos outros estudantes judeus do período, tenta suicídio depois de ter sido agredido por um grupo da Juventude hitlerista.

É interessante observar como Schwartz-Bart emparelha o crescimento do nazismo ao crescimento da geração de crianças que vive sua ascensão: ao passo que os garotos crescem e se tornam mais fortes, mais forte e violento em relação aos judeus se torna o nazismo. Os meninos se tornam *pimpfe*, depois entram para a juventude hitlerista e, na Noite dos Cristais eles são SS. O autor caracteriza os nazistas de Stillenstadt como sendo covardes desde os primórdios: os ataques são sempre feitos por grupos contra indivíduos sozinhos ou contra grupos menores que não contam com proteção, começando no pátio da escola, passando para o portão da sinagoga e encontrando seu ápice no pogrom da Noite dos Cristais. O que acontece em Stillenstadt é a naturalização da violência que caracteriza os processos genocidas⁹¹ levado a cabo por um Estado que coopta uma parcela da população e silencia outra na criação e desenvolvimento de um discurso discriminatório que transforma uma minoria em algo a ser extirpado.

Schwartz-Bart apresenta mais uma gradação em seu romance, a da ascensão do nazismo e a escalada da violência contra os judeus, mas ele o faz para tentar mostrar que os acontecimentos passam por um desenvolvimento e que uma explosão de

⁹¹ Sobre processo genocidário Cf. Sémelin, 2009, Feierstein, 2005.

violência tão grande como a Noite dos Cristais não acontece de uma só vez, o ambiente, o clima e, principalmente o espírito das pessoas é preparado para ele, caso contrário não haveria espaço para seu acontecimento ou suas repercussões seriam muito negativas para seus perpetradores, então, mostrar o crescimento do nazismo em paralelo com o crescimento de uma geração serve para tentar dar conta do tempo que é preciso para que algo grandioso e nefasto possa acontecer.

A saída de Stillenstadt se dá no dia 11 de Novembro de 1938, direto para o campo de Buchenwald, de lá para o Saint Louis, e depois, França.

A França

O último destino possível para os Lévy depois da expulsão da Alemanha e da recusa de todos os outros países em receber os judeus alemães é a França. Eles encontram um país aparentemente amigável, aonde eles conseguem trabalhar como operários. A sua chegada, eles são instalados em uma casa nos arredores de Paris, que é dividida com outras famílias na mesma situação, mas, as paredes não são de giz como da sinagoga adaptada de Berlim, que recebe o jovem Benjamin que, por sua vez, também fugia de um pogrom. Os primeiros momentos na França servem como um interstício entre a situação dos judeus na Alemanha e o que aconteceu aos judeus depois de declarada a guerra. O intervalo de tranquilidade no qual os Lévy viveram em seus primeiros meses na França acaba com a chegada da guerra e a situação de indesejáveis dos judeus estrangeiros começa a se delinear quando todos os viajantes franceses do *tacot*⁹² que fazia a linha Montmorency/Paris, operários como Benjamin, Moritz e Ernie Lévy, recebem máscaras de gás para se protegerem de um eventual ataque alemão e as mesmas máscaras foram negadas aos estrangeiros. A França recebe melhor os refugiados judeus da Alemanha, mas não guarda para eles um destino diferente do planejado pelos alemães.

Na tentativa de garantir que sua família ficasse na França, Ernie se alista no exército e vai compor, por ser alemão e judeu, o Regimento de infantaria Estrangeira, como padioleiro. Participa de várias batalhas até o momento em que recebe uma carta de um vizinho dizendo que sua família tinha sido presa pela polícia francesa, "apenas

⁹² Trem que fazia a ligação entre Paris e algumas cidades vizinhas.

para manter a ordem e a lei" (p. 262). Algum tempo depois ele recebe uma carta do pai, internado com resto da família no campo de Gurs, que

[...] era descrito com muita reserva, mas Ernie, acertadamente, deduziu por essa carta que o que era costume na França muitas vezes nada ficava devendo às melhores tradições alemãs. Sentiu-se também inteiramente de acordo com a observação final do Sr. Levy: É impossível ser judeu (idem, grifo nosso)

Neste mesmo dia, a França é invadida e Ernie foge para o sul. Depois de uma peregrinação pela Zona Livre, quando Ernie se torna um "cão". Entra então, um novo cenário no romance: uma França provinciana que, aparentemente, continua sua vida rural e pacata como se não estivesse acontecendo uma guerra a alguns quilômetros dela, uma França sem sobressaltos.

Ernie vive em uma fazenda, comendo carne crua e vivendo como um cristão: frequentando a missa aos domingos, mesmo que aquilo não tenha nenhum significado para ele, mantendo um caso com uma mulher adúltera cujo marido está preso e se dedicando a alguns pecados capitais como a luxúria, a gula e a preguiça.

A entrada de Ernie nessa França provinciana e afastada das torrentes dos acontecimentos da guerra se dá de maneira parecida à de seu antepassado Haim, primeiro Lévy a chegar a Zémyock: enquanto este chega com uma tempestade de neve, na qual perde as pernas,

Ernie se arrastou durante todo o inverno de 1942 ao longo do vale do Reno, enfrentando o curso de um mistral furioso naquela estação, cujos sopros uivantes à noite se confundiam estranhamente com o vento acre e sombrio, cheio de bramidos, que lhe varria o cérebro ferido. (p. 276)

É certo que o interior da França, nem o vilarejo nem a fazenda onde Ernie vai morar oferecem a este judeu solitário e errante o sossego e sofrimentos típicos de Zémyock. Mas, podemos dizer que esta passagem do romance é dotada de uma tranquilidade que, retomando Propp, é ilusória. A vida de cão de Ernie é um intervalo calmo, sem sobressaltos, pacata, apesar da guerra.

Neste período, Ernie não pensa em nada que não seja o que for mais imediato para sua sobrevivência: comer e ter onde dormir, não importando o quê nem onde, é indiferente para ele se lhe é servido carne crua ou restos de prato ou se ele dorme na

cama da Sr.^a. Trochu ou no celeiro, para onde ela o mande depois de descobrir que ele era um israelita. Sua vida se desenrola exatamente como a de um cão, pois Ernie Lévy morreu quando sua família foi internada no campo de Gurs "porque Ernie exilado de Levy é uma planta sem luz" (p. 268)

Ele torna-se um canalha, vivendo às custas da Sr.^a Trochu

[...] instalado, limpo, nutrido, considerado em toda a aldeia e respeitado na alcova, era o que se pode chamar, em nossas paragens –e desde a mais longínqua Antiguidade –, um feliz mortal. Melhor ainda, sua apaixonada doadora, temendo um esgotamento, cuidou, num raciocínio muito seu, de poupá-lo dos trabalhos de semear, cavar, plantar, cotar, ceifar, arrancar a batata etc.; da preocupação com as bebidas frescas; e até o incomodo de deixar a alcova. (p. 277)

Sem pensar em nada, a todo custo ele queria "impedir qualquer infiltração de luz no buraco" (p. 276). O cenário pacato, calmo que vive tranquilo apesar da guerra é completamente adequado ao interior de Ernie, que estava morto por dentro, e toda sua luta para ser um cão, é uma luta desesperada para não lembrar que todos os seus são desaparecidos e, sobre esta luz o próprio cenário muda: ele é calmo, mas a guerra não deixa de afetá-lo, há falta de homens para trabalhar os campos por causa dos *stalags*⁹³ (p. 276); o marido da Sr.^a. Trochu é um prisioneiro de guerra, etc.

Ernie consegue viver sem pensar em seu passado e sua família, sendo muito feliz em bloquear todos os traumas vividos na Alemanha e, principalmente, o trauma de ter perdido de uma só vez toda sua família mesmo depois de ter se alistado no exército francês e ter lutado pela França unicamente para tentar salvá-los, mas agora eles estão mortos e ele, vivo, ele que é um *lamed-vav*. Bloquear o seu passado e seu mortos é também uma forma de não pensar que, apesar de todos seus esforços, ele falhou em salvar sua família e, para continuar vivendo, Ernie Lévy morre e dá lugar ao cão Ernie.

A morte de Ernie é o esquecimento de tudo, pelo menos a tentativa, mas, viver como cão é para ele tanto uma forma de se esquivar quanto de distanciamento emocional, tal como ocorre com pessoas que sofreram algum trauma, é uma forma de não reviver lembranças traumáticas. Ele consegue viver sem se lembrar, reprimindo, com sucesso por algum tempo seu passado. Encontramos no Ernie cão vários pontos em

⁹³ Abreviatura de *Stammlager* que, por sua vez, é a forma curta de *Kriegsgefangenen-Mannschafts-Stammlager* (campo comum de prisioneiros de guerra) onde os soldados e oficiais de baixa patente eram presos pelos alemães durante a Segunda Guerra.

comum com as descrições dos mecanismos de defesa, como a negação, a repressão, a fantasia, o isolamento, que foram formulados e reformulados por Freud e depois por sua filha Anna Freud.

Ernie reprime todas as suas lembranças traumáticas: o caso da calçadeira, o ataque dos *pimpfes*, as três palmas de Ilse, a tentativa de suicídio, entre outros, o desaparecimento da família e a violência ajuntada pela participação em algumas batalhas. Ele fantasia que é um cão e isso lhe permite continuar vivendo, é uma armadura que o protege de seus sentimentos e dores. E como ser judeu está diretamente relacionado a tudo que lhe aconteceu, ele nega sua identidade e reprime tudo que tem de judeu em si. Como por Anna Freud (1990), os mecanismos de defesa não são totalmente eficazes no afastamento dos conflitos que os acionam e, mais cedo ou mais tarde, eles emergem.

Um evento anódino põe fim ao período de dissociação: o olhar do ferreiro do vilarejo que voltara do cativo, que o empalideceu. Ernie se vê reconhecido no olhar desse homem e isso o atrai, então, passa a frequentá-lo e um acordo tácito se estabelece entre os dois de não fazerem perguntas. Nunca se tornam íntimos, mas dividem alguns pastis⁹⁴ e nunca falam do passado. Ernie, que começava, a partir do olhar do ferreiro desatar a armadura de cão e

[...] às vezes, numa dilacerante lucidez, saía do seu delírio para descobrir aquele mundo desconhecido a seus olhos, aquela França inesperada, simples como um pão gostoso. E embora tivesse obscuramente um certo medo de afrouxar, com aquela convivência, as cadeias que pesavam em seu espírito, não podia se proibir de retornar ao perigoso manancial de luz.

Sair de uma fantasia é doloroso e receber de um só golpe todo o passado reprimido é lancinante. A personagem do ferreiro, à qual não é dado nome, é responsável por romper a tranquilidade épica de mais esse "era uma vez" do romance. Ele tem a função de trazer à tona todos os conflitos de Ernie e, ao mesmo tempo, ressuscitá-lo para o mundo, mas, quem começa a romper o dique de suas dores é o próprio Ernie, de outra forma, não seria possível desarmar os mecanismos de defesa. É o relacionamento com o ferreiro que afrouxa a armadura de cão de Ernie, o fato de saber

⁹⁴ Pastis, é uma bebida alcoólica aromatizada com anis que é servida diluída em água. Pode também ser uma situação embaraçosa. No romance, a palavra serve às duas acepções, pois os dois homens viviam uma situação embaraçosa e também bebiam.

que ele sabe de sua judeidade, que o ferreiro reconhece no olhar de Ernie e este, por sua vez, a reconhece no olhar do ferreiro. Então, quando ele se sente preparado, por ver naquele homem um esteio, mas ainda com medo, ele sai de seu isolamento e começa com uma pergunta a enfrentar seus fantasmas

- Escute - disse ele um dia a seu amigo ferreiro -, tenho a impressão de que me conhece muito vagamente. Já na primeira vez...

O ferreiro hesitou um pouco.

- Meu jovem, meu jovem - murmurou ele suavemente, sem levantar os olhos da bigorna -, acredite, não conhecia você. Mas vi imediatamente que é judeu.

- Mas eu não sou!... - exclamou Ernie apavorado.

O homem largou o martelo sobre a bigorna, chegou perto do jovem judeu e cobriu-lhe os ombros com as mãos pesadas.

- Então, eu me pareço mesmo - disse Ernie com uma voz singular, uma voz lenta e musical que saía da sua garganta com a facilidade comovente de uma melodia lembrada.

E o ferreiro lhe falou:

- Não sei com quem se parece um judeu, para mim só existe o homem; junto conosco no Stalag 17 havia alguns deles, mas só pensei nisso mais tarde, depois que os alemães vieram buscá-los. Até que um dia, voltando da prisão, circulei pela região parisiense, por causa da mulher de um camarada que morrera e que morava em Drancy. Era de manhã bem cedo, motociclistas alemães nos mandaram subir nas calçadas e vimos passar, em disparada, ônibus repletos de crianças judias com estrelas por toda parte. Elas estavam transidas de medo, nos olhavam e olhavam. Com as mãos, arranhavam suavemente as vidraças, como querendo sair. Não pude distinguir nenhum rosto nitidamente, mas todas tinham olhos como jamais vira antes e como espero nunca mais rever em minha vida. E quando eu o vi pela primeira vez, meu amigo, não foi quando estávamos jogando bocha, mas foi na igreja, na missa de domingo. Eu não podia ver seu rosto muito bem, compreende, mas reconheci logo seus olhos.

A partir deste momento, Ernie começa o dismantelamento de sua fantasia de cão, e sem interrupção recupera sua identidade judaica, começa o luto por sua família morta, se cobre de terra para se humilhar perante Deus e chora todas as suas dores que estavam contidas desde as três palminhas de êxtase dadas por Ilse quando ele era surrado pelos *pimpfes*. Todo o turbilhão que Ernie sentiu se resume no último trecho do capítulo

Então, permaneceu imóvel e seco. Depois, abaixou-se e apanhou uma pedra, e com a dor que sentiu quando ela lhe abriu a bochecha, uma lágrima por fim escapou-lhe dos olhos. Depois duas, depois três. E enquanto ele pousava seu rosto na terra, reencontrando no fundo dele, com curtos soluços, a fonte de lágrimas que acreditava seca depois dos

três pequenos aplausos de Ilse, e enquanto que Ernie Levy se sentia morrer e reviver e reviver e morrer, seu coração, suavemente, abriu-se à luz de um tempo passado.

Todo o período que Ernie passou no sul da França, morto e vivendo como um cão, pode ser lido como fases do luto, mesmo que impossível, da personagem que, por ser um dos *lamed-vav*, que são receptáculos da dor do mundo, não pode se furtar ao sofrimento, mas tamanho sofrimento, o de perder, de um só golpe todos os seus e estar em vias de perder seu próprio povo, pode ser demasiado até mesmo para um dos trinta e seis justos, então, a peregrinação pelo sul, a morte e vida de cão preparam Ernie para os próximos episódios de sua vida.

Uma obscura cidade luz.

Paris no romance se resume ao bairro do Marais, um dos poucos a serem poupados das reformas empreendidas por Hausmann entre 1852 e 1870, prefeito da cidade durante o reinado de Napoleão III, que transformaram uma cidade ainda medieval na Paris, cidade luz. Grandes avenidas retas e largas ligam todos os cantos da cidade e, também, as várias casernas espalhadas por ela. Depois da Revolução de Julho de 1830, os distúrbios de 1832 e da Revolução de 1848, as velhas vielas da capital francesa se tornaram muito perigosas por propiciarem a fácil construção de barricadas. A Comuna de Paris, em 1871 é a prova disso. Mas, além das avenidas e dos prédios típicos do estilo hausmanniano, a reforma da cidade serviu para dividi-la entre ricos, que passaram a habitar os *arrondissements* a oeste da cidade, principalmente o 16º, e pobres, que passaram a habitar os *arrondissements* a leste, principalmente o 18º, 19º e 20º. O centro da cidade ficou para os escritórios e comércio, mas o Marais, continuou sendo um bairro pobre e decadente cravado no coração da, então, luminosa Paris.

Levas de judeus ashkenazitas se instalam neste preservado bairro a partir do final do séc. XIX, principalmente nos entornos da *Rue des Rosiers*. Várias sinagogas são construídas e, com o aumento das perseguições e da miséria no leste, o Marais se torna um grande agrupamento judaico no centro de Paris, quase um shtetl. É por suas ruas estreitas e escuras que Ernie vai habitar durante sua curta estada em Paris.

Schwarz-Bart descreve no primeiro parágrafo do capítulo como era o bairro e, principalmente, as pessoas na Paris sob ocupação

O velho bairro do Marais, outrora morada de marquesas, é provavelmente o mais arruinado de Paris: era ali também que os judeus tinham seu gueto. Em todas as vitrinas, estrelas de seis pontas alertavam o passante cristão. Essas estrelas eram igualmente exibidas no peito de transeuntes furtivos, que se esgueiravam como sombras ao longo dos muros; mas estas eram feitas com pedaços de tecido amarelo, tinham as dimensões de uma estrela-do-mar e eram costuradas no lado do coração, com a inscrição no centro da marca de fabricação humana: Judeu. Os distintivos das crianças, notou Ernie, eram do mesmo tamanho que os dos adultos e pareciam devorar os frágeis tórax, as seis pontas cravadas como garras. Um sentimento de incredulidade despontava diante daquele gado miúdo; Ernie, a princípio, achou que eles difundiam apenas um ligeiro halo de pavor. Depois, passou a acreditar mais em seus olhos. (p. 285-286)

Paris é descrita como uma cidade sombria, onde pessoas se esgueiram pela rua com medo e de onde as pessoas desaparecem. Quatro personagens desta parte do romance são especialmente tristes: os quatro velhos que moram na sede da Associação Parisiense dos ex-Moradores de Zémyock. Eles não têm nome, são chamados pelo cargo que ocupam na Associação, o Presidente, o vice-presidente, o secretário-geral e o tesoureiro. Eles vivem em um quarto no sexto andar de um prédio decadente e desolado, onde se alternavam em uma cama e um colchão para poderem dormir. Eram, provavelmente, os últimos judeus de Zémyock ainda vivos e, mesmo estando vendo o que acontecia aos judeus se mantinham ferrenhamente atados aos hábitos e à religião, não deixando de frequentar a sinagoga em nenhum dos ofícios diários. Além da solidão, esses velhos representam uma certa lucidez dos acontecimentos e do destino dos judeus traçado pelos nazistas. Eles passam o dia esperando que algum oficial venha busca-los e cada um deles tem uma trouxa feita para quando isso ocorrer. O triste desses velhos é que a única expectativa que eles têm é a deportação. Eles representam no romance a morte de qualquer esperança, o sentimento total de abandono, eles são judeus chassídicos que não têm mais confiança nem na vinda do Messias. Eles são a imagem do judeu totalmente arrasado pela perseguição, cansado de fugir, abandonado por todos e cujas forças se esgotaram inclusive para acreditar em alguma salvação e, principalmente, para resistir. A esses velhos de alma abatida e destruída, só resta

esperar que os alemães os façam se juntar aos seus já mortos. A eles, se junta Ernie e sua trouxa para a deportação.

Os franceses aparecem muito pouco no período e não são descritos de maneira muito simpática. Na saída das sinagogas estão sempre alguns rapazes para tripudiar sobre os judeus que saem de suas orações, portando um distintivo flor-de-lis e "bastão nas mãos e um sarcasmo elegante nos lábios" e proferindo gritos de guerra (p. 294). Outro rápido e interessante retrato dos franceses é o da zeladora do Presidente, que morava em outro apartamento antes da guerra e onde decidiu ficar quando seu filho decidiu fugir "A zeladora primeiro tomou as máquinas, depois, as louças, depois, o apartamento. Mas ela não me denunciou..." (p. 294). Em outro trecho a mesma cena se repete

Lá fora, um grupo de jovens elegantes se divertia. Um deles tentava puxar a barba de um velho devoto, o qual, receoso de que lhe arrancassem o livro de orações, se defendia desesperadamente. "Montjoie Saint-Denis!⁹⁵", exclamou o jovem, cheio de rancor; e imediatamente um bando alegre correu em seu socorro aos gritos de "Pour Dieu et mon droit!"⁹⁶.

Ao afastar-se da visão daquelas façanhas, Ernie percebeu, num canto, uma jovem com a estrela-de-davi debatendo-se em desespero, prisioneira de dois "patriotas" franceses que a acariciavam rindo... (p. 296).

Este pequeno trecho coloca em evidência duas situações históricas nas quais a França sofreu o mesmo tipo de violência sendo invadida por tropas estrangeiras e vendo seu território dividido entre uma parte ocupada e outra livre, em linhas gerais, claro, mantendo a salvo todas as diferenças históricas dos dois momentos aproximados neste trecho, a saber, a Guerra dos Cem Anos, que durou de 1337 a 1453, quando o Reino da França foi invadido por forças do Reino da Inglaterra, que chegou a dominar uma grande parte do território francês, inclusive a cidade de Paris e a Segunda Guerra Mundial, na qual a França foi invadida pelas tropas da Alemanha e viu seu território dividido em uma zona ocupada e outra livre.

O uso de dois gritos de guerra, um do exército francês e outro, apesar de ser também em francês, foi o grito de guerra dos ingleses durante a batalha de Crécy, na

⁹⁵ Grito de guerra do exército francês até o séc. XVI. Saint-Denis é o santo padroeiro da França.

⁹⁶ Grito de guerra dos ingleses durante a batalha de Crécy, em 1346, na qual o rei da Inglaterra Eduardo III reivindicava seu direito ao trono francês. Esta batalha deu início à Guerra dos Cem Anos. A frase é também, e desde Henrique V (1413-1422), Divisa do brasão de armas do Reino Unido

qual o rei da Inglaterra Eduardo III reivindica o direito ao trono francês. Ambos foram usados em lados opostos durante a Guerra dos Cem Anos, eles iniciavam as batalhas entre invasor e invadido, entre opressor e oprimido, mas, na França da Segunda Guerra Mundial eles não só estão do mesmo lado como os gritos que antes os opunham é usado como apelo em "momento de perigo".

Neste pequeno trecho vemos a forma sutil como Schwarz-Bart pode criar uma ironia dentro de seu texto a partir de elementos aparentemente externos e que tem um efeito corrosivo que beira a uma ofensa, mas, que de tão sutil, pode passar despercebido em uma leitura menos atenta. O que Schwarz-Bart faz aproximando e colocando em um mesmo bando os opressores e os oprimidos de uma outra guerra na qual a França se via em uma situação parecida à dos anos da ocupação é, de uma forma pouco evidente, talvez venha daí a força da ironia, dizer ou denunciar a colaboração dos franceses com os alemães ou dizer que eles não se diferenciam no que diz respeito ao tratamento dado aos judeus, o grande inimigo, representado nesta passagem por um velho devoto e uma moça manca, cuja estrela-de-Davi é oposta à flor de lis como duas bandeiras inimigas em batalha. Uma batalha injusta onde apenas um dos lados pode portar armas.

Paris aparece dividida em duas cidades, uma sombria, decadente e decrepita do Bairro do Marais e outra clara, luminosa e calma que aparece durante o passeio de Ernie e sua noiva Golda, que o fizeram sem as estrelas de Davi amarelas pregadas em suas roupas. A primeira pode ser comparada a gravuras e fotos dos pogroms do Leste Europeu ou dos inúmeros guetos que existiram na Europa desde a Idade Média e a segunda poderia ser representada pelas fotografias que André Zucca⁹⁷ fez de Paris durante os anos da ocupação (ver anexo3)

Tal divisão se situa na sombra que a ocupação projeta sobre a França e que era visível principalmente em Paris onde conviviam uma França empobrecida, humilhada pela derrota e descontente com a situação de privações a que lhe fora imposta pelo invasor. Dentro desta França pode-se inserir o bairro do Marais com suas ruelas escuras e seus habitantes pobres e seus judeus pobres e marcados com a estrela de Davi e que conviviam com a miséria e o terror das *arrestations* e das *raffles* que, simplesmente, os fariam desaparecer, como aconteceu com os quatro velhos da Associação dos Antigos Moradores de Zémyock, com Golda e sua família e com todos os Lévy. A outra França

⁹⁷ André Zucca foi um fotógrafo franco-italiano que trabalhou durante os anos da ocupação nazista na França para a revista de propaganda nazista *Signal*.

está sentada na pequena praça Mouton-Duvernet ou em qualquer outro *Square* de Paris, usufruindo da tranquilidade e do sol sem se incomodar com a presença dos alemães, calmos, tranquilos e felizes exatamente como as fotografias de Zucca.

A caracterização dos parisienses no romance, embora não seja muito simpática, não cai no erro grosseiro de colocar todos os franceses como maus e colaboracionistas, a posição adotada no livro é muito mais nuançada. Tomemos por exemplo a zeladora do prédio onde Golda morava, a descrição que o narrador faz dela não é nem um pouco carregada de simpatia, nem por ela, nem pelas zeladoras em geral

Era uma daquelas zeladoras parisienses, de roupão e cabelos encrespados, que não perdoam a ninguém por estarem perpetuamente confinadas num cubículo. A primeira vez que Ernie recorreu a ela, querendo saber onde moravam os Engelbaum, ela botou a cabeça fora da vigia e respondeu, colérica: Sempre no mesmo lugar! (p. 312)

Mas, na sequência desta descrição, a postura da zeladora diante de Ernie que acabava de saber que sua noiva fora deportada é de extrema humanidade e compreensão

Mas hoje ela estava modestamente ao pé da escada, junto ao corrimão, os fios desbotados de cabelo lhe caindo sobre a testa inclinada, como para disfarçar sua carne pardacenta de zeladora; e dentro da sua mão, a pequena gaita de Golda, embora quebrada e torcida por alguma mão de ferro, exprimia tudo o que a zeladora podia dizer. No entanto, o silêncio de Ernie a desconcertou:

- Eu queria lhe dizer antes - explicou. - Mas é a terceira vez que tenho judeus aqui, e eu prefiro deixar que as pessoas subam primeiro. Não sou muito boa para dizer certas coisas, embora não seja assim tão malvada quanto pensam. É tudo.

Estarrecido, Ernie levou a gaita aos lábios; um silvo fraco e desagradável saiu dali.

- Eles passaram por cima. Quando ela a jogou para mim – disse ao rapaz -, eu entendi que era você; porque entendo a vida. E um deles a apanhou para ver o que era. Talvez pensasse que era uma joia; ou talvez simplesmente para ver o que era... E ele a pisoteou. Depois, subiram no caminhão. E... você sabe o que isso significa...

A estrela de Davi pregada às roupas dos judeus causam nos parisienses do romance reações ambíguas e opostas, como a de uma jovem viúva que, vendo Ernie cambaleando pela rua, lhe oferece a mão (p. 295) operário cede seu lugar a Ernie no metrô "- Eles também são seres humanos - exclamou lançando olhares furiosos em

torno de si. – E, meu Deus, ninguém escolhe o ventre da sua mãe!" (idem). Schwarz-Bart tenta evitar dicotomia simplificadora que opõe judeus e cristãos pintando estes como totalmente maus e aqueles como totalmente bons. Podemos citar alguns exemplos para ilustrar isso, como, alguns personagens entre os cristãos que são bons, justos ou positivamente humanos como o prof. Kremer, que defende os alunos judeus da escola de Stillenstadt, a mulher para quem Ernie pergunta a direção do ginásio da cidade e que lhe diz para tomar cuidado com os nazistas, os moradores do prédio em do lado da sinagoga que gritam contra os SS e o ferreiro que reconhece os olhos de judeu de Ernie. Todos esses personagens aparecem em oposição a outras que são exemplos de antissemitismo, como a vizinha da mulher que recomenda cuidado a Ernie, que é duplamente infame, por seu antissemitismo e por atacar duas crianças, os colegas do prof. Kremer que são indiferentes às agressões contra os alunos judeus e que os espancavam também, os SS e as pessoas na janela, o operário e os outros passageiros do metrô.

Todas essas personagens representam, no fundo, as oposições existentes na sociedade e que se acirram em períodos críticos como os anos de 1930 e 1940. Não se trata de bem e mal, mas de posições em relação ao outro que são conflituosas, como o antissemitismo ou o racismo, e que, quando trabalhadas por grupos ou governos, resultam em radicalização (como no caso dos delatores dos judeus durante a guerra ou os linchadores dos negros americanos ou, ainda, o genocídio dos tutsis e, em contrapartida, as pessoas que se opuseram ao nazismo, os Justos entre as nações e outros tantos que salvaram perseguidos, protegeram os negros e abrigaram os tutsis correndo todo o tipo risco, inclusive o de ter o mesmo destino de seus protegidos) ou em silêncio.

A partir de Drancy

No romance, o campo de Drancy aparece tendo seu caráter ordinário, comum e, ao mesmo tempo, necessário ao funcionamento do extermínio dos judeus, como podemos perceber na primeira descrição apresentada por Schwarz-Bart

No processo de exterminação da raça judaica, o campo de Drancy era somente um dos múltiplos drenos colocados nos flancos passivos da Europa, um dos pontos de recolhimento do gado que, dentro do maior silêncio, seria levado ao abatedouro, às discretas planícies da Silésia, as novas pastagens do céu. (p 324-325)

O campo de concentração de Drancy era localizado na cidade de mesmo nome, alguns quilômetros ao norte de Paris. O prédio onde foi alocado fora projetado para ser um conjunto habitacional destinado ao operariado parisiense, um HBM⁹⁸, que foi requisitado pelo exército alemão em 1940, para servir como campo provisório aos prisioneiros de guerra franceses e britânicos antes destes serem transferidos a outros campos. A forma em "U" da construção, sua localização próxima à Paris e às margens da estrada de ferro que ligava Paris à Alemanha (os prisioneiros embarcavam nas estações de Bourget-Drancy e de Bobigny e seguiam, em sua maioria, até Auschwitz)⁹⁹, fizeram de Drancy um campo funcional para a deportação dos judeus franceses. Os primeiros judeus internados eram vítimas da *rafle* de 20 de agosto de 1941. O campo era de responsabilidade da polícia francesa de 1941 a 1943 e de 1943 a 1944 pelas forças de ocupação alemãs.

Georges Wellers descreve o campo de Drancy:

A localização se encontra em plena comuna de Drancy. É uma grande construção de quatro andares em forma de U com ângulos retos. O espaço entre dois braços do U é ocupado por um pátio de mais ou menos duzentos metros de comprimento por quarenta de largura. As duas galerias têm orientação norte-sul. Na sua extremidade sul, elas ficam abertas e, do pátio, facilmente se pode ver a rua. A extremidade norte é fechada por um prédio perpendicular. O conjunto é rodeado por uma cerca dupla de arame farpado interrompida pelos quatro mirantes colocados nos quatro cantos do prédio. Entre as duas linhas de arames farpado passa um caminho para a ronda.

A construção dos prédios não foi terminada. Eles foram destinados a servirem de pequenos apartamentos. Mas, tendo sido interrompida a construção, cada um dos quatro andares fora constituído apenas para um conjunto de quartos bastante engraçado: mais largo nas extremidades, bastante estreito no meio. O assoalho irregular é de

⁹⁸ HBM, sigla de "*habitation à bon marché*", foi um programa do governo francês de construção de habitações a preço baixo destinadas, principalmente ao operariado.

⁹⁹ O itinerário de Drancy a Auschwitz atravessava todo o oeste francês, a Alemanha e a Polônia (então ocupada). A viagem durava, pelo menos, dois dias em condições inumanas, nas quais os deportados não recebiam comida ou água. O transporte era feito em vagões de gado e em péssimas condições de higiene.

cimento e os canos do encanamento estão descobertos (GEORGES WELLERS, 1991, tradução nossa)¹⁰⁰

Drancy era muito mais um campo de trânsito que um campo de concentração, o que não impediu que seus prisioneiros morressem em decorrência das péssimas condições de higiene, da falta de alimentação e das doenças decorrentes. Inúmeras cartas enviadas por detentos a seus familiares atestam tais condições (anexo ...)

A Drancy do romance é fiel aos testemunhos da Drancy real: guardas franceses, tortura, fome, sujeira, etc. Ernie consegue entrar no campo e é brutalmente torturado pelo "homenzinho de chapéu tirolês", Herr Stoekel e seu auxiliar que trabalhara em algumas *aktionen*¹⁰¹, na Polônia. Na cena em que Ernie é torturado, Schwarz-Bart tenta mostrar a gratuidade da violência dos campos. Ele é torturado por todo um dia e "no fim da tarde, Ernie Levy falava, falava, falava inesgotavelmente." (p. 319). Primeiramente, a sessão de tortura de Ernie seria justificada (se é que existe justificativa para uma sessão de tortura) pela desconfiança de que ele teria sido enviado ao campo de Drancy por alguma organização e se fazia necessário saber quem ou qual organização o enviara, quem ele queria ver e o que queria falar, pois é ilógico que um judeu se apresente voluntariamente para as sentinelas de um campo para ser internado. Mesmo sendo ilógico, de fato, existiram casos de judeus que se entregaram voluntariamente, dentro das circunstâncias da Shoah, para se juntar aos seus¹⁰². Mas, a gratuidade e sadismo se

¹⁰⁰ « L'emplacement du camp se trouve en pleine commune de Drancy.

C'est une longue bâtisse de quatre étages en forme d'un U à angles droits. L'espace entre les deux branches de l'U est occupé par une cour ayant environ deux cents mètres de long sur quarante de large. Les deux ailes sont orientées du nord au sud. A leur extrémité sud, elles restent ouvertes et, de la cour, on peut facilement voir la rue. L'extrémité nord est fermée par un bâtiment perpendiculaire. L'ensemble est entouré d'une double ceinture de fil de fer barbelé interrompue par des miradors placés aux quatre coins du carré. Entre les deux rangées de fil de fer barbelé passe le chemin de ronde.

La construction des bâtiments n'est pas terminée. Ceux-ci étaient destinés à de petits appartements. Mais la construction ayant été arrêtée, chacun des quatre étages n'est constitué que par une suite de chambres de forme assez fantaisiste : plus larges aux extrémités, assez étroites au milieu. Le plancher irrégulier est en ciment, les tuyaux de canalisation sont à découvert. »

¹⁰¹ *Aktion* designava o conjunto de operações de agrupamento, de deportação e de liquidação de judeus e de categorias de população consideradas "incômodas".

¹⁰² Schwarz-Bart se inspirou em várias histórias de ex-deportados com os quais ele manteve contato e de quem ouviu experiências incríveis (nas duas acepções do termo), como a de um judeu polonês que se entregou voluntariamente em um campo para se juntar aos seus ou a de um Ernie Lévy, judeu alemão cuja noiva, a quem ele amava por sua humanidade e nobreza, fora deportada. Ernie Lévy se casou com sua noiva, que sobreviveu a Auschwitz e moraram até 1987 em Montmorency, onde Schwarz-Bart os conheceu quando trabalhara como monitor no orfanato da mesma cidade. Cf. Kaufmann, 1987. Um outro caso conhecido de judeu que decide voluntariamente ser deportado é o do professor, médico, escritor e

revelam quando Herr Stoekel revela ao auxiliar SS Hans que ele sabia desde o começo que Ernie Lévy era como um daqueles judeus que se entregava voluntariamente aos *sonderkommandos* durante ou depois de uma *aktion*, unicamente para se juntar com os demais, estivessem eles mortos ou seguindo para a deportação.

Além do caráter gratuito explicitado pela revelação do torturador, uma outra dimensão da tortura é mostrada por Schwarz-Bart: o objetivo desumanizador que se completa com a total sujeição ou destruição física da vítima. O historiador francês Michel de Certeau, em texto sobre Daniel Paul Schreber, postula que a tortura

Procura produzir a aceitação de um discurso de Estado pela confissão de uma perversão (*pourriture*). Afinal, ao torturar sua vítima, o carrasco pretende a reduzi-la a ser apenas *isso* (ça), um lixo, a saber, o que o próprio carrasco, além de ser, sabe que é, mas sem confessá-lo. A vítima deve ser a voz dessa safadeza, denegada por toda a parte, e que serve de suporte, por toda a parte, à representação da "onipotência" do regime, ou seja, de fato, à "imagem gloriosa" de si mesmos que tal regime fornece a seus adeptos pelo fato de reconhecê-los; portanto, ele tem de assumir a posição de sujeito a partir da qual funciona o teatro da potência identificadora. (CERTEAU, 2011, p. 197)

A desumanização de Ernie pela tortura e pelo sistema concentracionário nazista começa com a transformação do mesmo pelo "homenzinho de chapéu" que se refere a ele como "figura", "que a *figura* se dispa", "que a *figura* explique", etc. com isso

[...] como se por um delírio invertido, e acreditando estar o diabo não nele mas na vítima, o inspetor se empenhava em consolidar a barragem da violência com aquela forma singular de exorcismo verbal; ou como se, temendo ver surgir um olhar humano em meio à carne oferecida à sua livre vontade, ele quisesse fazer Ernie descer todos os degraus que levam ao nada, e menos do que judeu, até mesmo menos do que um animal, reduzi-lo a uma simples aparência visual. (p. 318)

A nudez forçada durante a tortura é também uma maneira de desumanizar a vítima, pois se vestir é um comportamento exclusivo dos homens e uma marca de humanidade, portanto, despir a vítima é, de alguma forma, destituí-la de sua humanidade. Durante a longa tortura que foi a vida de Ernie, que cresce na Alemanha nazista, sendo o alvo, como todos os judeus alemães, da propaganda antisemita do

pedagogo Henryk Goldszmit, mais conhecido sob o pseudônimo Januzs Korczak, que acompanhou os funcionários e crianças do orfanato Dom Sierot, de Varsóvia, até as câmaras de gás de Treblinka.

Reich, vítima das agressões físicas dos SA, dos *pimpfe*, dos colegas de escola, dos professores, lutando pela França em uma batalha sangrenta onde corpos são partidos ao meio por bombas e, mesmo assim, tendo sua família deportada, Ernie teve como torturador o próprio nazismo, personificado em cada agressor. A sessão de tortura pela qual ele passa antes de ser deportado para Auschwitz fecha um ciclo no romance que começa com a encenação da Paixão pelas crianças de Stillenstadt. Ao final da sessão de tortura, Ernie está completamente assujeitado, desumanizado, reduzido a ruídos animais,

Enrolado como uma bala num canto da porta, ele se contorcia: lagarta ferida se debatendo dentro dos seus próprios líquidos. Despojado de qualquer tipo de vergonha, os olhos esbugalhados, sua única manifestação de defesa era colocar as mãos em concha em torno do sexo. Nenhum nome, nenhum endereço de judeu: nada mais além daquela fabulação infantil, que não parava de jorrar, como uma fonte viva, irresistível. (p 319, grifo nosso)

Depois da sessão de tortura em Drancy, começa um novo ciclo no romance, que termina nos fornos crematórios de Auschwitz. Ela é importante porque marca a ancoragem da Solução Final no texto (é a primeira vez que termos como *aktion* aparecem, até então tudo que se relacionava ao extermínio dos judeus aparece como vago e incerto, "rádios que não deveríamos ouvir" e "jornais que não deveríamos ler"), marca a entrada em cena dos agentes do III Reich (até então eles só existem através das falas dos personagens judeus, nunca aparecendo e nunca falando) e marca a transformação de Ernie em Justo, o último deles.

Como Schwarz-Bart recria a figura tradicional do justo, cabe salientar aqui uma particularidade: os seus justos só são justos porque aceitam o mesmo destino dos seus: Yom Tov Lévy se imola em sua "agonia solitária" (p. 7) depois de degolar toda a comunidade de York que recusara o batismo, como era comum durante a Idade Média, não que não houvesse conversões, mas a morte pela santificação do Nome era uma marca do judaísmo medieval; Haim Lévy morre na cama, de velhice, como seria de esperar em um shtetl isolado como Zémyock, numa época de relativa paz na Pale; Ernie aceita o mesmo destino dos seus, mesmo sem saber qual era ele, mas, se todos eram internados em campos, então, é para um campo que ele se dirige e é só então que os agentes desse destino entram em cena deixando de ser uma voz em *off*.

As condições de vida em Drancy, uma outra forma de violência, são apresentadas nas marcas do rosto de Golda "intumescido pelas mordidas de pulgas e percevejos, e ao mesmo tempo descarnado, ossudo, amarelado pela miséria. As frieiras tinham arroxeadado suas belas mãos, com as quais procurou tapar a boca, a fim de sufocar um grito." (p. 334) que se reportam à falta de comida e às péssimas condições de higiene que reinavam no campo.

Além da sujeira, da fome e da violência física presente nos campos, um outro aspecto da desumanização que a situação de detentos impõe é o abandono da crença em Deus e o esfacelamento dos laços afetivos e familiares, que por sua vez é resultado também dessas condições. Isso é atestado em vários testemunhos de sobreviventes como em *A Noite*, na chegada de Elie Wiesel ao campo de Buchenwald: "[...] nunca esquecerei daqueles momentos que assassinaram meu Deus" (2001, p. 54), ou no alívio que ele sente com a morte do pai, ou em *Kadish para uma criança não nascida*, Kertész " [...] enquanto havia Deus conduzíamos com ele, provavelmente, um diálogo, agora, como ele não mais existe, é mais provável se conduzir um diálogo apenas com outros homens..." (KERTÉSZ, 1995, p. 24).

A dimensão vertiginosa da destruição humana dos campos de concentração não foi explorada por Schwarz-Bart por ele não se sentir autorizado a falar de algo que não conheceria. É por isso talvez, por este limite ético que ele se impõe, que o último trecho do romance e último ciclo que trata do comboio e da chegada ao campo de Auschwitz tenha sido escrito ora em forma lírica, ora marcada por

sutil ironia como o paraíso que Ernie cria para crianças moribundas e marcadas para morrer. Mas, o que se percebe no último trecho é um peso exercido por cada palavra, que sobrevive à tradução e que é encontrado nas obras de autores sobreviventes como as de Primo Levi (*É Isto um Homem*, 1997; *Os Afogados e os Sobreviventes*, 2004 etc), Anna Langfus (*Les Bagages de Sable*, 1962) ou Robert Antelme (*A Espécie Humana*, 2013) e que deve ser algo inerente à literatura produzida por sobreviventes de genocídios como Esther Mujawayo, que sobreviveu ao genocídio os tutsis, em Ruanda e escreveu dois livros contando suas experiências, *SurVivantes* (2004) e *La Fleur de Stéphanie* (2006). Esse peso das palavras é perceptível nessa literatura, talvez, por elarevelar uma faceta da modernidade que aniquila os homens os tornando algo descartável, uma mera figura, um amontoado orgânico de nervos e músculos, reduzidos

a uma utilidade e contra a qual ela se vira e grita do fundo do horror produzido pelo sec. XX e que não cessa de se produzir nestes anos em que vivemos: somos Homens, pertencemos à espécie humana.

CAPÍTULO III

O romance, a recepção e seus problemas

3.1 A cena literária do pós-guerra

O quadro literário francês do pós-guerra é definido em relação ao engajamento político que se tornou obrigatório pelos acontecimentos de 1940-45. Temos à esquerda Sartre e o Existencialismo, a revista *Lettres Françaises* e Aragon, politicamente engajados. Se opondo ao Existencialismo, ao "monopólio da esquerda" (KOSELEFF, 1994) e ao intelectual engajado, (personificado na figura de Sartre) surgem os *Hussards* que Bernard Frank chama "por comodidade, fascistas" ¹⁰³. Ao lado da esquerda e da direita encontra-se outros dois grupos que compartilham o mesmo repúdio ao engajamento político dos demais: os surrealistas e o nouveau Roman.

Resumidamente, é este o ambiente literário que vê nascer *O Último Dos Justos*.

O Existencialismo influencia decisivamente a vida literária e consegue muitos adeptos entre a intelectualidade, os professores e artistas se opondo ao racionalismo universitário de antes da guerra. A literatura de esquerda passa a dominar o cenário da época com escritores influentes e engajados como Camus, Aragon, que foi ativista do Partido Comunista Francês e dirigiu a revista *Lettres Françaises* ¹⁰⁴, e o próprio Sartre. Mas, principalmente Sartre e Camus se mantinham afastados da realidade política e humana pela qual eles trabalhavam e não se aproximavam da força viva a qual queriam servir.

A literatura de esquerda é engajada, mas impopular, primeiro pela dificuldade de acesso, depois por ela conservar ligações com um partido comunista cada vez mais rejeitado pelos franceses ¹⁰⁵. Num cenário intelectual e literário dominado pela

¹⁰³ Cf. Frank, Bernardt. *Grognards & Hussards*, Les Temps modernes, décembre 1952.

¹⁰⁴ A publicação *Lettres Française* tem sua origem na Resistência e se interessa por todas as literaturas. Depois de 1953, ela se torna cada vez mais autônoma em relação ao comunismo se interessando por novas pesquisas no campo das artes.

¹⁰⁵ Sobre a história do PCF, cf. Brunet, 1982; Courtois, 1995;

problemática marxista e existencialista, surge um grupo de escritores que se reúne para dar uma nova voz à direita, que serão chamados de *hussards*. Depois da guerra ficou bem difícil encontrar novos porta-vozes para a direita, uma vez que foram acusados de colaboracionismo. Nomes como Jean Giono, Henry de Montherlant, Marcel Jouhandeau e Jacques Chardonne (todos acusados de colaboração) figuram entre os colaboradores da revista *La Table Ronde*, em torno da qual os *hussards* circulavam.

Ao passo que o pensamento de esquerda adquire o monopólio oficial, e apresenta obras e intelectuais engajados, a direita, muito enfraquecida depois da Ocupação, produziu escritores de inegável talento, como Jacques Perret e Kleber Haedens, mas nenhum deles engajado.

Ao lado da esquerda e dos existencialistas e da direita e seus *houssards*, os surrealistas que, reagrupados por Breton depois de seu retorno à França, não perde nada de sua virulência, percebida em suas polêmicas sobre a revolta, tendo como alvo Camus, sobre a pintura soviética, com Aragon e com Ernst, que foi expulso do movimento por ter aceitado o prêmio da bienal de Veneza.

Ao lado do Surrealismo, no que toca ao engajamento político, temos o *nouveau roman*, que propunha um novo tipo de construção romanesca que rompesse com a tradição literária burguesa, buscando um novo realismo, onde o objeto é preponderante. O *nouveau roman* opera uma tomada de consciência do papel das formas e das figuras, dos poderes geradores da escrita e da linguagem em toda a criação romanesca, o que significa abandonar o prolixismo e as ideias do existencialismo e do discurso engajado. Tanto o surrealismo quanto o *nouveau roman* não atingem o grande público que não pode medir sua influência determinante quanto ao futuro da literatura francesa.

3.2 A literatura do genocídio

Desde o fim da guerra imperou um grande silêncio sobre o extermínio dos judeus pelos nazistas¹⁰⁶. As obras que se referiam ao assunto eram diários, testemunhos, estudos históricos, filosóficos, sociológicos ou psicológicos. Foi David Rousset, um comunista não judeu, o primeiro a publicar na França, em 1946, uma obra sobre os

¹⁰⁶ No que toca ao colaboracionismo de Vichy, será preciso algumas décadas para que a discussão comece a ser feita.

campos de concentração, *L'Univers Concentrationnaire*, seguido por *Le Jours de Notre Mort*, em 1947. Entre os judeus, são lançados testemunhos de sobreviventes, como os de Georges Wellers, *De Drancy à Auschwitz*, em 1946, e os recolhidos e organizados por Olga Wormiser, *Tragédie de la Déportation*, em 1954. Léon Poliakov publica em 1951, *Le Breviaire de la Haine* e *Le III Reich et les Juifs*, em 1959. Também é notável a publicação, em 1954, do *Écrits des Condamnés à Mort sous l'occupation*, de Michel Borwicz. Uma particularidade interessante, nenhum desses autores é francês de origem. Tal quadro se apresenta também entre os ficcionistas que têm como mote o Holocausto. Tanto os estudos e testemunhos quanto os romances permanecem restritos a um pequeno grupo não despertando o interesse do grande público.

Apenas uma exceção, *Qu'une Larme dans l'Océan* de Manès Sperber, publicado em 1952, alcançou algum sucesso na França, mas, se tratava de uma tradução do alemão. Os grandes escritores judeus de antes da guerra não escrevem sobre o destino dos judeus durante o período sombrio do III Reich. O único dentre eles a conseguir notoriedade foi Roger Ikor, ganhador do Goncourt em 1955, *Les Eaux Mêlées*, mas esta obra aborda a assimilação dos judeus, não entrando no tema do extermínio.

Dessa forma, pode-se falar em uma literatura da Shoah consistente e de qualidade inegável antes da publicação de *O Último Dos Justos*, mas, que não despertou o interesse do grande público. Mesmo assim, vale ressaltar que o romance de Schwarz-Bart não foi a primeira obra literária francesa a usar o período nazista e o extermínio dos judeus da Europa como tema, outras foram publicadas antes dele e algumas o influenciaram.

Segue uma lista não muito exaustiva das obras, literárias e não literárias publicadas na França até a publicação de *O Último Dos Justos*¹⁰⁷:

¹⁰⁷ * Testemunho de sobrevivente

** Romance

*** Diários

1946	• François Wetterwald, Les morts inutiles*; • Georges Wellers, De Drancy à Auschwitz*; • Julien Unger, Le Sang et l'Or*; • René Fraysse, De Francfort à Dachau, Souvenirs et Croquis*; • Simone Saint Clair, Ravensbruck l'enfer des femmes*; • Suzanne Wilborts, Pour la France, Limoges-Paris-Nancy*
1947	• David Rousset, L'Univers concentrationnaire*; • Le Jour de Notre Mort**; • Jonas Turkow, C'était ainsi, 1939-1943, la vie dans le ghetto de Varsovie*; • Louis Martin-Chauffier, L'homme et la bête*; • Louise Alcan, Sans armes et sans bagages*; • Mary Berg, Le ghetto de Varsovie. Journal de Mary Berg*** • Odette Elina : Sans fleurs ni couronnes*; • Primo Levi, Si c'est un homme*; • Robert Antelme, L'espèce humaine*; • Robert Waitz, Témoignages strasbourgeois, De l'université aux camps de concentration*; • Roger Heim, La sombre route*; • Serge Miller, Le Laminoir*;
1948	• David Rousset, Le pitre ne rit pas*
1949	• Jonas Turkov, La Lutte pour la vie*;
1950	• Anne Frank, Le Journal d'Anne Frank*** • Arnold Mandel, Les Temps incertains** • Louis Maury, Quand la haine élève ses temples*; • Manès Sperber, Qu'une larme dans l'océan** • Pierre Daix, La dernière forteresse**;
1952	• Isaïe Spiegel, Lumière d'abîme** • Robert Merle, La mort est mon métier**
1953	• Pierre Gascar, Le Temps des Morts**

1954	• John Hersey, La Muraille** • Saul Bellow, L'Homme de Buridan**
1955	• Heinrich Böll, Les enfants des morts** • Isaïe Spiegel, Vent et racines**
1956	• Elie Wiesel, La Nuit*
1957	• Arnold Mandel, Les Vaisseaux brûlés**
1958	• Ka-Tzetnik 135633, Maison de filles**;
1959	• André Schwarz-Bart, Le Dernier des Justes** • Edouard Axelrad, L'Arche ensevelie** • Philip Roth, Goodbye, Columbus**

É interessante notar que nos anos que se seguiram ao fim da guerra, as publicações são exclusivamente testemunhos de sobreviventes. É na década de 1950 que aparecem as primeiras obras ficcionais sobre o genocídio, escritas principalmente por judeus estrangeiros, sendo muitas delas traduções. Neste período, podem-se destacar as obras de Elie Wiesel e Edouard Axelrad, que conheceram um sucesso maior que seus contemporâneos.

Mas, porque a demora em aparecer os primeiros romances a abordar o extermínio? Qual o motivo do desinteresse geral do público pelo que era publicado sobre o tema?

Para responder a primeira questão precisamos, primeiro, fazer outras que impõem uma reflexão sobre a possibilidade (ou impossibilidade) de "fazer literatura" com algo que coloca em xeque a própria linguagem: como fazer literatura com o inexprimível? E, como tomar a palavra em nome dos mortos? Nos anos que se sucederam ao fim da guerra, apenas parecia aceitável o testemunho bruto, a autobiografia, o diário (conhecemos o sucesso do Diário de Anne Frank, que, até hoje, é um dos livros mais lidos do mundo). Somente a aproximação histórica, documental podia afastar a blasfêmia. As questões em torno da representação da Shoah continuam a ser discutidas até hoje e estão longe de serem exauridas.

A segunda questão, o que fez com que o público evitasse o tema do extermínio pode ter sido as dimensões que tal evento alcançou. Lucette Finas, explica o desinteresse assim:

Parece que se sucedeu à surpresa das primeiras descobertas uma repugnância que se transformou rapidamente em incredulidade e depois em esquecimento. Por que não se podia compreender o que havia se passado, tentou-se se afastar disso, seja esquecendo, seja reduzindo a dimensões de um fenômeno ordinário através de equivalências duvidosas, o que era, então, uma forma de se livrar. (1959, tradução nossa)¹⁰⁸

Mesmo neste cenário de afastamento e negligência algumas obras lançadas no período merecem ser destacadas, como *Les Jours de Notre Mort* (1947), transposição da experiência de David Rousset nos campos de concentração, verdadeira epopeia do universo concentracionário. O livro de Manès Sperber, *Qu'une larme dans l'océan* (1950), que Malreaux prefacia assim: "com a mesma confiança que eu escrevi antes do não reconhecido D.H Lawrence, do desconhecido Faulkner, que eles eram o que cada um sabe hoje, escrevo que este livro é uma das grandes narrativas de Israel" (MALREAUX in SPERBER, 1976, p.35. tradução nossa)¹⁰⁹. Podemos ainda falar do romance de John Hersey, *La Muraille* (1951), que reconstitui o destino dos prisioneiros do Gueto de Varsóvia, através dos diários recolhidos por Emmanuel Rigelblum. Não podemos deixar de citar a versão encurtada que Elie Wisel publicou, apadrinhado por François Mauriac, de seu testemunho lírico, escrito originalmente em ídiche, *A Noite* (1956).

3.2.1 Surge O Último Dos Justos.

O lugar que o extermínio dos judeus ocupa nos meios intelectuais e artísticos da França do pós-guerra é marginal, o clima dominante é exatamente o descrito na

¹⁰⁸ Il semble qu'ait succédé à la surprise des premières découvertes un écoeuement qui s'est mué bien vite en incrédulité puis en oubli. Parce qu'on ne pouvait contenir ce qui s'était passé, on a tenté de s'en défaire, soit en l'oubliant, soit en le ramenant aux dimension d'un phénomène par le moyen d'équivalences douteuses, ce qui était encore une façon de s'en délivrer.

¹⁰⁹ Avec la même confiance que j'ai écrit jadis de D.H. Lawrence méconnu, de Faulkner inconnu, qu'ils étaient ce que chacun sai aujourd'hui, j'écris que ce livre est un des hauts récits d'Israel.

citação de Lucette Finas feita acima. O silêncio dos intelectuais e o lugar marginal que Auschwitz ocupa na vida cultural europeia são debatidos por Enzo Traverso em seu artigo *Avertisseur d'incendie*, onde lemos

A importância de Auschwitz nas representações da História da Segunda Guerra Mundial é um fenômeno relativamente recente, que data do fim dos anos setenta. Logo após a guerra, o extermínio dos judeus da Europa aparece como uma de suas páginas trágicas entre muitas outras e ocupa um lugar marginal na cultura e no debate intelectual. A atitude dominante é a do silêncio. Durante três décadas, ao menos, o silêncio só será quebrado ocasionalmente, durante alguns acontecimentos literários (o Prêmio Goncourt de André Schwarz-Bart, pelo *O Último Dos Justos*, em 1959) ou políticos (o processo Eichman, em Jerusalém e as polêmicas sobre o livro de Hannah Arendt sobre a "banalidade do mal"). (TRAVERSO, 1997, p. 13, tradução nossa)¹¹⁰

Um outro acontecimento, desta vez, cinematográfico, foi o lançamento de *Noite e Neblina*, de Alain Resnais, em 1956, que foi alvo de censura pelo governo francês que viu no filme um problema para o processo de acobertamento da responsabilidade do governo na deportação dos judeus da França. Uma imagem do filme, que mostrava uma fotografia de um policial francês fazendo a guarda do campo de Pithivier teve que ser alterada para que o filme fosse liberado. Com exceção desses acontecimentos, o extermínio dos judeus não era objeto das preocupações dos intelectuais e artistas franceses.

Tudo permanecia inalterado no ano de 1959: os existencialistas, surrealistas e o *nouveau roman* dominavam a cena literária; as obras sobre a Shoah continuavam à margem. Mas, no mês de Julho, é publicado *O Último Dos Justos*, que se torna um best-seller. Um verdadeiro fenômeno "fulgurante, completamente inesperado, tendo em consideração que o autor era um completo desconhecido, que publicava seu primeiro

¹¹⁰ L'importance d'Auschwitz dans nos représentations de l'histoire de la Seconde Guerre mondiale est un phénomène relativement récent, qui date de la fin des années soixante-dix. Au lendemain de la guerre, l'extermination des Juifs d'Europe apparaît comme une de ses pages tragiques parmi beaucoup d'autres et n'occupe qu'une place marginale dans la culture et dans le débat intellectuel. L'attitude dominante est celle du silence. Pendant au moins trois décennies, ce silence ne sera brisé qu'occasionnellement, lors de certains événements littéraires (le prix Goncourt à André Schwarz-Bart pour *Le dernier des justes*, en 1959) ou politiques (le procès Eichmann à Jérusalem et les polémiques à propos du livre de Hannah Arendt sur la « banalité du mal »)

romance e que ele não dispunha de nenhum apoio particular na república das letras francesas." (KAUFMANN, 2002, p. 68, tradução nossa) ¹¹¹.

Schwarz-Bart foi louvado pela crítica, aclamado pelo público, denunciado por plágio, acusado de falsificação histórica e desconhecimento do judaísmo e sua história, envolvido em uma disputa entre editoras, taxado ao mesmo tempo de romance cristianizante e perturbador do diálogo entre judeus cristãos, considerado o maior romance francês desde *A peste* (1947), desmerecido como literatura vulgar, enfim, um verdadeiro acontecimento que Francine Kaufmann chamou de "Affaire Schwarz-Bart".

O romance foi causa de um acontecimento curioso na história dos prêmios literários franceses, muito bem apontado por Konrad F. Bieber "Não é um escritor à procura de um prêmio, mas aqui são os maiores prêmios literários que ficam na espreita." (BIEBER, 1960, p. 514) ¹¹². A Academia Goncourt antecipou o anúncio de que *O Último dos Justos* seria o laureado de 1959, numa manobra que tirou a primazia do Fémina em premiá-lo.

Vários prêmios se seguiram e o sucesso do livro surpreende o próprio Schwarz-Bart: "Eu achei que interessaria a mil e quinhentos ou dois mil leitores. Estou verdadeiramente contente com que me aconteceu, mas não o previa. Na verdade, isso não me preocupa e eu prefiro nem mesmo pensar nisso" (Le Figaro Littéraire, 31/10/1959, tradução nossa) ¹¹³.

O sucesso de *O Último dos Justos* pode ser atribuído a vários fatores, muitos, externos ao romance. Como exposto, o cenário literário francês da época era dominado pelo surrealismo renascente, pelo *nouveau roman* e pelos filósofos existencialistas e suas experiências intelectuais, além de um esnobismo literário que deixaram o grande público cansado. Schwarz-Bart perturba tanto quanto seu romance: apesar de sua história trágica (resistente, órfão de guerra, pobre, operário autodidata) ele parece corajoso; modesto, sincero em sua sensibilidade; autêntico, trágico, porém, não destituído de humor. O livro apresenta ainda um herói tocante e desajeitado com quem

¹¹¹ [le succès ait été] foudroyant, totalement inattendu si l'on songe que l'auteur était un parfait inconnu, qu'il publiait là son premier roman, qu'il ne disposait d'aucun appui particulier dans la république des Lettres françaises

¹¹² ce n'est pas le romancier à la recherche d'un prix, mais les plus grands prix littéraires à l'affût du roman que voici.

¹¹³ Je ne pensais pouvoir intéresser que quinze cents à deux mille lecteurs. Je suis certes contente de ce qui m'arrive, mais je ne le prévoyais pas. Au fond, cela ne me concerne pas et je préfère même ne pas y penser.

não é difícil se identificar¹¹⁴. O livro foi precedido pelo sucesso de *Êxodus*, de Leon Uris, em 1959, seguido pelo sucesso do filme em 1960 e *Noite e Neblina*, de Alain Resnais, em 1957.

No que tange ao judaísmo na época, o assunto entra "na moda", com a publicação de livros sobre a espiritualidade judaica, a Cabala, história do judaísmo e do antissemitismo (KAUFMANN, 2002). No campo religioso, a *Amitié Judéo-Chrétienne*, criada em 1948, por Jules Isaac e Edmond Fleg, consegue seus primeiros avanços contra o antissemitismo cristão e a correção do catecismo e do ritual católico em relação aos judeus (os esforços da AJCF conseguirão que o Papa João XXIII se engaje a abrir o Concílio Vaticano II ao problema de relacionamento entre cristãos e judeus). No mundo político, França e Israel são aliados na Guerra do Sinai. Foi com a declaração "Israel, nosso amigo, nosso aliado"¹¹⁵ que o General De Gaulle recebeu Ben Gurion durante uma visita deste a Paris.

A memória da guerra na França

O "Affaire Schwarz-Bart" pode ser analisado sob dois pontos principais: o primeiro, um problema de disputa entre editoras que está na base das acusações de plágio e literatura menor, que não nos interessa aqui por acreditarmos que o romance não precisa ser defendido já que as acusações de plágio foram todas rebatidas. O segundo ponto, muito mais profundo, multifacetado e complicado é de cunho político.

O sucesso estrondoso e inesperado de *O Último dos Justos* encontra o cenário político francês conturbado. A Segunda Guerra havia acabado pouco mais de uma década antes e a França era uma estranha vitoriosa entre os aliados; mal saída da guerra, ela se lança em uma guerra colonial contra a Indochina, que durará de 1946 a 1954, da qual sai derrotada e com um saldo de quase 50.000 soldados franceses mortos (e entre 300.000 e 450.000 do lado indochinês, sendo 150.000 civis), uma guerra que foi marcada pela violência das tropas francesas e pelo uso massivo da tortura contra os

¹¹⁴ Por coincidência, entra em cartaz em Paris, a adaptação para o teatro do Diário de Anne Frank, uma personagem também tocante e desajeitada com quem é fácil se identificar.

¹¹⁵ "Israel, notre ami, notre allié"

opponentes da colônia rebelada¹¹⁶. A resistência interna à guerra na então metrópole e sua repressão foram objeto do "Affaire Henry Martin" e da prisão de Raymonde Dien, ele por fazer propaganda contra a guerra exortando os soldados a desertarem e ela por ter se deitado nos trilhos para atrasar um trem militar carregado de materiais que seriam embarcados para as tropas em campanha no Sudeste Asiático. A prisão destes dois militantes abalou a opinião pública francesa, ainda marcada pelos anos da ocupação¹¹⁷. Sobre as ações do exército durante a guerra na colônia, Henri Martin, que serviu na Indochina diz em seu testemunho citado por Sartre "[...] na Indochina, o exército francês se comporta como os alemães o fizeram conosco" (SARTRE, 1953, p. 40, tradução nossa)¹¹⁸.

A acusação de agir como a gestapo também recai sobre o exército francês quando a França se engaja em outra guerra colonial contra a Argélia logo após a derrota na Indochina (o exército francês se rende em 7 de maio de 1954 e em 1º de novembro começa a Guerra da Argélia). Assim como a da Indochina, a campanha da Argélia trouxe desgastes políticos profundos para o governo francês que vivia um período de instabilidade que só acabaria com a proclamação da Vª República, em 1958.

Estas duas guerra, que visavam a manutenção das possessões do Império Colonial Francês, fizeram, através da assimilação do exército francês à Wehrmacht e à gestapo, surgir na França um incômodo geral que se traduziu na resistência principalmente contra a guerra da Argélia. Tal incômodo vem exatamente do silêncio sobre os anos de ocupação em que a França se dividiu entre a vergonha da humilhante derrota e o entusiasmo da colaboração com o invasor. Esta "crise de consciência" sobre um passado muito próximo que é atualizado pela atitude da França na Argélia se traduz muito bem na ideia largamente difundida de que os franceses eram na Argélia o mesmo que os alemães eram na França durante a ocupação¹¹⁹.

¹¹⁶ Sobre a tortura praticada pelos franceses na Indochina podemos citar o testemunho do viajante e jornalista Jacques Chégaray, publicado na revista *Témoignage Chrétien* de 29 de Julho de 1949 e retomado no Dossiê de Pierre Vidal-Naquet "Les Crimes de l'Armée Française" consagrado à guerra da Argélia de 1954-1962. Para Vidal-Naquet, é na Indochina que são teorizadas as práticas criminosas do exército francês.

¹¹⁷ Sobre o caso Henri Martin, cf. Sartre, 1953, Ruscio, 2005 e sobre Raymonde Dien, cf. Ruscio, 1984.

¹¹⁸ *En Indochine, l'armée Française se conduit comme les Boches le faisait chez nous.* (boche é um termo pejorativo para alemão)

¹¹⁹ Outros fatos que depõem contra a França no pós-guerra e que deixaram a opinião pública francesa descontente com as políticas de seu país podem ser citados, como a repressão de uma revolta em

Uma estranha vitoriosa

A França capitulou em 22 de junho de 1940 e Paris foi libertada em 25 de agosto de 1944. Após a assinatura do armistício de 22 de Junho, seu território foi dividido em uma zona livre que seria administrada pelo governo de Vichy e outra ocupada que ficaria sob poder alemão. Mesmo após a capitulação, invasão e do governo fantoche e colaboracionista de Vichy, a França foi aceita como vitoriosa pelos aliados (apesar da resistência da URSS), status não concedido a outros países que passaram pelas mesmas situações, como a Polônia e a Iugoslávia e que livrou a França da submissão à AMGOT (*Allied Military Government of Occupied Territories*).

Após a libertação em 1945, um espesso manto de silêncio é jogado sobre a humilhante derrota, os anos de Vichy e o colaboracionismo com invasor. Os quinze anos que se passaram entre o fim da guerra e o lançamento de *O Último dos Justos* vêm o surgimento de um discurso que visava legitimar a França como vitoriosa e para isso, diminuir a importância de Vichy e insuflar a importância da resistência transformando a figura do resistente em herói nacional e deixando no silêncio o colaboracionismo. Não por acaso que em 1944 é criada, por ordem de De Gaulle, a *Commission d'histoire de l'occupation et de la libération de la France* para contar a história da guerra.

Os deportados franceses que sobreviveram e voltaram não encontravam lugares de interlocução para suas experiências, nem no espaço público, nem mesmo nos meios familiares; os colaboradores preferiam não falar (as ações de colaboração só foram totalmente anistiadas em 1953) e as lembranças da vergonhosa derrota e das humilhações e privações dos anos de ocupação eram dolorosas demais. Nos primeiros anos do pós-guerra, os anos de ocupação foram reprimidos pela traumatizada nação francesa, mas a presença de braços tatuados pelas ruas e as ações militares que suscitavam comparações com os nazistas não permitiam um esquecimento total ou, ao menos, profundo.

Disputas pela memória

Madagascar, em 1947 e a ajuda financeira dos EUA, que possibilitam à França manter suas contas em dia durante a Guerra da Indochina.

Findada a Guerra e libertada a França, começa nos anos de 1950 uma disputa entre os vários grupos que formaram a Resistência interna e externa durante os anos da Ocupação. De um lado os gaullistas que pretendiam inferir uma importância muito grande à Resistência, como se toda a França tivesse nela se engajado de alguma forma, atendendo o chamado feito pelo general de Gaulle, a partir de Londres, em 18 de abril de 1940 conclamando aos franceses a resistirem ao invasor alemão. A posição dos gaullistas era ainda a de minimizar a importância e representatividade do governo de Vichy e sublinhar a de De Gaulle e seu papel de unificador nacional dos franceses durante a Libertação. Em contraposição aos gaullistas os comunistas apresentam uma visão totalmente diferente que diminui a importância de De Gaulle e seu apelo aos franceses, atribuindo a adesão à Resistência ao sentimento de traição do povo francês depois da capitulação assinada por Pétain com o endosso das elites francesas. Para os comunistas, foi o caráter direitista de Vichy que afastou os franceses e a resistência foi um fenômeno de esquerda cuja vanguarda eram operários e camponeses. Um outro grupo, os nacionalistas de direita tentam minimizar as responsabilidades de Pétain e de Vichy afirmando que o armistício e a zona livre possibilitaram que a revanche contra os alemães fosse preparada.¹²⁰

Quando lançado, *O Último dos Justos* encontra esta disputa viva e intensa e chama para si a atenção dos grupos em disputa. Schwarz-Bart se engajou na resistência, era, então, um colega, mas seu romance, que se tornara um grande sucesso e cuja história se passava em boa parte nos tempos da ocupação, não só não tomava partido (assim como seu autor) de um dos lados da disputa, como não descreve o resistente clandestino como um herói, simplesmente, o romance ignora a Resistência. Além desta lacuna, Schwarz-Bart retrata o exército francês de maneira pejorativa e irônica, como covardes ou bravos estúpidos, ridicularizando a hierarquia militar, o absurdo das leis marciais e o patriotismo nutrido pelos estrangeiros para com a França enquanto os franceses debandam da batalha deixando a França livre ao avanço alemão. Toda a guerra dos franceses contra a invasão alemã é resumida no seguinte trecho

Na verdade, toda a questão teria terminado dentro das normas prescritas se, enquanto ele distribuía para cada hebraizante dois e oito

¹²⁰ Sobre as disputas entre os grupos que formavam a Resistência e sua história nos anos de ocupação, cf. Douzou, 2005; Jackson, 2003; Wieviorka, 1992.

dias de dura meditação, o espírito do oficial não fosse atravessado por um pensamento singular. Era o seguinte: tendo toda a família do cabo Ernie Levy sido removida para zona de segurança, a permanência desse último como soldado representava uma espécie de antinomia furiosa, ultrajante, sem precedente nos anais. Era ou não era preciso deter o Levy imediatamente?... Nesta cruel alternativa, e a questão se revestindo de caráter nacional, decidiu imediatamente transmiti-la ao escalão superior.

Um estafeta é despachado, corre a toda brida, se agita, se inquieta, entra em transe. Mas todos os transe do mundo não adiantam nada: não há mais escalão superior. Como último recurso, mortificado, ele traz de volta uma sentinela ao Estado-maior que tentava escapar de bicicleta. Sentinela solidamente em suas mãos, o estafeta procura o batalhão: nada de comandante; retorna à companhia: nem de capitão.

O resto pode ser lido na história da França. Mas não o seguinte: Ernie Levy foi colocado sob a custódia do adjunto do batalhão (que o recebeu solenemente do senhor aspirante; que tinha sido galardoado pelo tenente adjunto; que tinha recebido a herança diretamente do capitão)... E avançou tanto e tão bem pela via hierárquica que acabou por cair nos braços de um segunda-classe; o qual desapareceu de repente, vergonhosamente, sem transmitir nenhuma instrução, nem mesmo a um recruta polonês.

Por isso sua detenção não durou mais do que um instante; sabendo que havia uma excelente bicicleta em certo depósito próximo dali, ele concluiu que, alimentos e meio de transporte assegurados, só lhe faltava um honesto companheiro de viagem. Porém, o segundo hebraizante, depois de um abraço comovido, disse-lhe mais ou menos estas palavras:

- Caro senhor, não seria capaz de dizer-lhe o quanto me sinto tocado por essa proposta; porque eu sinto que ela foi feita não somente ao correligionário, mas, sobretudo, ao homem pessoalmente. Permita-me, antes de tudo, dar-lhe os meus agradecimentos por essa prova de consideração; no entanto...

- E além do mais - murmurou Ernie, a quem o preâmbulo florido, numa boca recentemente convertida à gramática francesa, afetava mais dolorosamente do que a proximidade do canhoneio.

- ... E além do mais, considerando que depois de você eu continuo sendo o último dos mosaicos do batalhão, parece-me da mais alta necessidade não dar aos não judeus a impressão de que Israel está ausente.

- Mas não há mais sombra de francês no batalhão! – exclamou Ernie, já sem paciência.

- Mas há eu - disse o segundo hebraizante. - Estou na França desde 1926 e, dentro em pouco, naturalizado. (p. 263-264)

Tanto a lacuna sobre resistência quanto a visão do exército francês causaram em seus antigos companheiros resistentes e nos veteranos de guerra um forte sentimento de que Schwarz-Bart ultrajou a memória daqueles que haviam lutado e tombado pela liberdade e contra os invasores nazistas. Ora, *O Último dos Justos* foi lançado no

momento em que o General Charles de Gaulle assume a presidência da recém-instaurada Vª República, o que restitui à direita francesa voz e importância perdidas desde a rendição e da primazia dos comunistas na resistência interna. Num momento de acirramento político e ideológico causado pela polarização do mundo pela Guerra Fria, onde tanto a esquerda quanto a direita francesa tentam contar a história dos anos da Ocupação escolhendo a Resistência como suporte ideológico e o resistente como herói nacional e num momento em que a responsabilidade do governo de Vichy não é nem discutida (para De Gaulle Vichy estava fora da legalidade e o Estado Francês era a França Livre exilado em Londres e para os petanistas Vichy foi estratégico para a preparação da revanche contra o inimigo) surge um romance de enorme sucesso popular, que diminui a importância da resistência ¹²¹ e joga o foco da época da ocupação no tratamento reservado aos judeus na França, tanto antes quanto durante a guerra, na colaboração com o invasor e no comportamento de Vichy em relação à deportação que, por sua vez, era um assunto relegado ao silêncio.

Estes, talvez, sejam os motivos mais fortes que levaram uma parte dos antigos companheiros de resistência a atacarem o romance quando de seu lançamento, notadamente após o artigo escrito por André Parinaud, no semanário *Arts*, onde o crítico literário lança acusações de plágio que se tornaram um escândalo que garantiu uma sobrevivência de alguns meses ao *Arts* que estava em sérias dificuldades financeiras (KOSELEFF, 1993, p. 27). O lançamento do *Último Dos Justos*, de certa forma, dá vazão aos sentimentos dos franceses em relação aos anos sombrios da ocupação nazista, sejam eles a culpa pela colaboração ou a vergonha e humilhação da derrota, por exemplo, e que foram reprimidos nos quinze anos que se passaram entre a libertação e o lançamento do romance. Daí viria seu estrondoso sucesso de público e também a reação virulenta de seus detratores. O lançamento do romance de Schwarz-Bart faz eclodir na França um verdadeiro surto de memória sobre os anos da Ocupação, porque ele catalisa os anseios de um povo que quer falar de seu passado. O "surto de memória" que ele provoca não se materializa em um surto de publicação de memórias da época ou de

¹²¹ Em 1971 o lançamento do documentário *Le Chagrin et la pitié*, o primeiro a tratar dos anos de Ocupação da França pelos nazistas coloca em cheque alguns mitos criados em torno da época, como a falsa imagem de uma França inteiramente resistente e colocando em outro patamar a colaboração dos franceses, coisa que Schwarz-Bart faz em seu primeiro romance, adiantando uma discussão que só será levantada na década de 1970. Por este motivo, Francine Kaufmann afirma que o *Último dos Justos* foi um romance que chegou muito cedo, quando a França não estava preparada para enfrentar seu recente passado.

estudos sobre os anos de guerra, nem sobre a participação dos franceses na resistência ou na colaboração, nem das responsabilidades de Vichy, mas, pela primeira vez em quinze anos a deportação dos judeus da França, a colaboração com os nazistas, o antissemitismo de Vichy e, principalmente, aquilo que receberia algumas décadas mais tarde o nome de Shoah, entraram na ordem do dia, as discussões estavam nos principais jornais, nos cafés, nas escolas, sobreviventes falaram sobre o que passaram, enfim, o silêncio fora quebrado.

O rompimento do silêncio causado pelo *O Último dos Justos* acontece em um momento delicado da vida francesa, no meio de uma disputa pela memória na qual determinadas lembranças não deveriam vir à tona, o que pode ter sido o *leitmotiv* da campanha empreendida contra seu autor focada em algumas linhas copiadas de Mokher Sefarim e algumas inexatidões sobre a história judaica.

Uma nova identidade.

Após a Shoah, o nazismo e a colaboração, as comunidades judaicas da Europa, principalmente a francesa, se interrogaram sobre a falha da assimilação, uma vez que ela não erradicou o antissemitismo (que nunca deixou de existir ou foi prontamente recrudescido com a chegada do nazismo). O que se vê depois da guerra é a tentativa de redefinir a identidade judaica se apoiando em algo que fosse diferente da de povo perseguido (KAUFMANN, 2007). É nessa época que tanto o livro de Leon Uris, *Exodus* (1958), quanto o filme nele inspirado se tornam um sucesso mundial. Seus heróis são sobreviventes da Shoah que constroem um Estado.

O herói schwarzbartiano é, segundo o próprio autor, da "velha raça, desarmado de coração e inocente diante do mal" (Le Express, 10/12/1959), adotando alguns pontos de vista que só serão valorizados a partir da década de 1980, como a especificidade do destino judaico na Segunda Guerra e a dignidade da resistência espiritual oposta à resistência pelas armas, que em nada têm a ver com o novo homem judeu que começa a se delinear com a criação do Estado de Israel.

Em um pequeno trecho do romance Schwarz-Bart descreve seu tipo de herói, nada heroico, que não se distingue e não quer se distinguir dos outros judeus, que

resistem espiritualmente continuando judeus, enchendo sinagogas, com uma inabalável crença em Deus e aferrados às tradições¹²²

Tinha, às vezes, vontade de descer, aderir a um daqueles movimentos que agora se organizavam dentro e fora do gueto. Contavam-se façanhas de alguns jovens heróis judeus. Mas todos os alemães da terra não resgatavam uma cabeça inocente; e, além do mais, dizia consigo, teria sido para ele uma morte de luxo. Não tinha a intenção de singularizar-se, separar-se do humilde cortejo do povo judeu. (p. 295)

A vontade de resistir entrando para algum grupo da resistência esbarra no sentimento de pertencimento ao grupo que está sendo perseguido e a decisão de não fazê-lo se encontra exatamente na convicção de que ele pertence ao mundo que agoniza e está desaparecendo. Schwarz-Bart cria um herói que assume o destino do seu povo como seu e o segue como sendo apenas mais um deles.

Além dessa nova identidade judaica que vinha sendo forjada desde o fim da guerra, a França, depois da campanha contra a Indochina e de sua entrada em guerra contra a Argélia, via na resistência ao nazismo, assim como os sionistas, uma página gloriosa de sua história à qual era interessante recorrer para desviar a atenção tanto do problema da descolonização e as incursões militares da França em suas colônias em guerra, quanto do problema dos refugiados palestinos de 1948, do lado dos sionistas. Diante deste cenário, um livro que não coloca seus heróis como combatentes na resistência francesa nem entre os revoltosos do Gueto de Varsóvia incomoda tanto a nova identidade judaica quanto a memória heroica da França e do recém-criado Estado de Israel, que não poderia ter entre os vencidos, mas sim entre os resistentes, seu modelo.

Para Francine Kaufmann

¹²² Um mesmo apego a tradições e a religiosidade como forma de resistência a circunstâncias aterradoras pode ser encontrado na história das "polacas" que eram jovens judias vindas de regiões pobres da Alemanha, Áustria e, principalmente, da Polônia e de outros países do Leste Europeu para a América para serem prostituídas. Elas eram geralmente enganadas com promessas de uma vida melhor no Novo Mundo e só descobriam que seriam prostitutas quando aqui chegavam. No Rio de Janeiro, essas mulheres montaram a primeira Chevra Kadisha do país, montaram uma sinagoga (a primeira dirigida por mulheres no mundo), uma rede de ajuda mútua e um cemitério, o Cemitério Israelita de Inhaúma, ou o Cemitério das Polacas, aberto em 1916 onde elas eram enterradas dentro dos preceitos judaicos. Cf. Kushnir, 1996.

O romance de Schwarz-Bart privilegia deliberadamente a memória judaica da Shoah, colocada no contexto do judaísmo europeu, no lugar de integrar suas personagens nos sofrimentos, mas, também na luta do povo francês ou da internacional comunista (como fizeram Romain Gary et Manès Sperber), ou ainda na resistência judaica (notadamente sionista). Ele atrai para si a cólera daqueles que, nessa época, não aceitam que a perseguição seja evocada sem passar obrigatoriamente pela resistência e que se apresente uma história judaica vivida, ao mesmo tempo, nas margens da história francesa e da epopeia sionista¹²³. (KAUFMANN, 2007, p. 12)

De toda maneira, ainda segundo Kaufmann, o romance de Schwarz-Bart aparece ou muito tarde por adotar uma olhar retrospectivo do judaísmo europeu de antes da Shoah, ou muito cedo, por valorizar a civilização da Diáspora em um momento em que isso não era, ainda, habitual. Guy Le Clech, em um artigo publicado na revista *Arche*, em 1986, tenta explicar os mal-entendidos suscitados pelo *Último dos Justos* na época de seu lançamento

Com a criação do Estado de Israel, um novo tipo de judeu apareceu, senhor de sua história. Toda a literatura israelense é atravessada pela renascença judaica pelo combate. Desde então, o dilema é simples. Ou O Último dos Justos é uma obra caduca ou uma obra para o futuro cuja mensagem, uma vez garantida a paz, reencontrará todo seu sentido (LE CLECH, L'arche, 1986)¹²⁴

Antissemitismo e colonialismo. A atualidade de O Último Dos Justos.

¹²³*Le roman de Schwarz-Bart privilégie délibérément la mémoire juive de la Shoah, replacée dans le contexte du judaïsme européen, au lieu d'intégrer ses personnages dans les souffrances mais aussi dans la lutte du peuple français ou de l'internationale communiste (comme l'ont fait Romain Gary et Manès Sperber) ou encore dans la résistance juive (notamment sioniste). Il s'attire la colère de ceux qui, à cette époque, refusent que la persécution soit dépeinte sans le pendant 'obligatoire' de la résistance et qu'on présente une histoire juive vécue à la fois dans les marges de l'histoire française et en retrait de l'épopée sioniste.*

¹²⁴*Avec la création de l'Etat d'Israël un nouveau type de juif est apparu, maître de son histoire. Toute la littérature israélienne est traversée de la renaissance juive par le combat. Dès lors le dilemme est simple. Ou Le dernier des Justes est une oeuvre dépassée ou c'est une oeuvre encore à venir dont le message, une fois la paix assurée, retrouvera tout son sens (Guy Le Clech, L'arche, octobre 1986)*

A imprensa francesa de 1959 começa a medir a amplitude do desastre da Guerra da Argélia. De Gaulle se esquiva quando a tortura, as "ratonnades"¹²⁵, e os atentados do F.L.N. atingem níveis alarmantes. A censura e a desmoralização impedem qualquer mobilização. O povo francês de 1959 é testemunha dessa luta da qual não quer escutar nada.

Com uma história que mostra o destino trágico de um outro povo perseguido, os judeus, *o Último dos Justos* conhece uma aceitação unânime. Se uma parte da imprensa acusa Schwarz-Bart de descrever somente o sofrimento de sua comunidade, sua aceitação pelo grande público é suficiente que seu livro é também a história de todas as comunidades oprimidas. Em 1959, a sociedade francesa não pode se furtar de fazer a aproximação entre as vítimas do passado e as do presente, pois, se os algozes são outros, se as vítimas são outras, se mudaram os cenários, e as ações diferentes, ainda sim, se trata de um perseguidor e de um perseguido.

No que se refere ao "problema da Argélia", a França se divide entre os que não querem a guerra e os que são favoráveis da "Argélia francesa". No geral, a França não entende muito bem os sentimentos anti-francês da colônia em guerra e a vontade "bárbara" dos argelinos em se tornar novamente independentes. Acreditando civilizar os nativos, a França se vê, de repente, tratada como bárbara, perseguida por civis. Se a França acredita agir em nome de uma tradição, ela não se comporta de maneira menos bárbara em relação às suas colônias. Uma forte censura foi imposta pelo governo da IVª República a tudo que fosse relativo à guerra, toda a imprensa, as editoras, a rádio, o cinema e a recém-criada televisão tiveram seus conteúdos controlados, principalmente a casa editorial Maspero e as produções cinematográficas que tratavam do assunto da guerra (STORA, 1995)¹²⁶.

A vontade Alemã de exterminar a "sub-raça" judia durante os anos da guerra não se distancia do desprezo francês por esta outra "sub-raça", os argelinos. Mesmo os militares franceses não tendo instituído a morte industrial na Argélia, a repressão aos insurgentes argelinos foi feroz e violenta, ao ponto de podermos inferir que a vida

¹²⁵ Termos francês de difícil tradução por ser muito específico. Segundo o dicionário Le Petit Robert: expedição punitiva ou brutalidades cometidas por europeus contra magrebinos. Por extensão, brutalidades cometidas contra um grupo étnico ou social.

¹²⁶ O mesmo tratamento dado ao filme-documentário de Alain Resnais, *Noite e Neblina*.

humana argelina gozava do mesmo valor da dos judeus em 1940 e, antes que o FLN¹²⁷ se tornasse o poderoso inimigo da França, o povo argelino sofreu todo o tipo de humilhações.

A construção do árabe como selvagem, preguiçoso, pervertido sexual, sujo e bárbaro começa na França ao mesmo tempo em que começa a primeira expansão colonial francesa, no séc. XVI, sendo reforçada por Montesquieu¹²⁸ e Tocqueville¹²⁹, que os apresentam como depravados e corrompidos pela poligamia e homossexualidade. Quando a guerra explode, a forma como os argelinos que moravam na metrópole foram tratados se aproxima do tratamento reservado aos judeus durante a ocupação. Em 1958, o então prefeito de Paris (cargo que corresponderia ao secretário de segurança no Brasil) Maurice Papon¹³⁰, institui o que foi chamado de "Système Papon" que era um conjunto de ações, controle administrativo e policial, intimidações, batidas em hotéis, ações de reconhecimento e fichamento de argelinos e outros norte africanos que viviam em Paris e seus subúrbios. Em 05 de outubro de 1961, Papon impõe toque de recolher para todos os argelinos da região parisiense, que suscitará inúmeras manifestações contrárias que serão brutalmente reprimidas pela polícia, sendo a do dia 17 de outubro de 1961 a maior e mais sangrenta onde dezenas de argelinos, que manifestavam pacificamente, foram mortos, sendo alguns afogados no Sena, e milhares feridos e presos.

Os soldados do exército francês voltam da Argélia traumatizados pelo que viram e fizeram. Como os combatentes que voltaram da Primeira Guerra mudos, os soldados franceses não conseguiam dissimular com seu silêncio o pesadelo que viveram e que os transformara em algozes. Essa massa de homens espalham um certo mal estar entre os franceses que sabiam que uma guerra se travava do outro lado do Mediterrâneo (mesmo que o governo se recusasse a chamar de guerra), que viam a repressão dos norte africanos nas avenidas e ruas de Paris e, mesmo assim, continuavam sem se interessar pelo que se passava na então colônia. A recepção tão calorosa do *Último dos Justos* pelos franceses talvez seja reflexo de uma confusa tomada de consciência de que, se

¹²⁷ *Front de Libération National*, partido argelino criado em 1954 para conseguir a independência da França. Junto com seu braço armado, a ALN (*Armée de Libération National*) trava uma luta contra o império colonial francês. Formam, em 1958, um governo provisório com que a França vai negociar em 1962 os Acordos de Evian, que tratam da independência da Argélia.

¹²⁸ Cf. *Do Espírito das Leis*, 1985.

¹²⁹ Cf. *Notes sur le voyages en Algérie en 1848*, in *Oeuvres*, 1958

¹³⁰ Maurice Papon foi condenado em 1997 por crimes contra a humanidade por sua colaboração na deportação de judeus do departamento de Gironda, do qual foi secretário geral de 1942 a 1944.

eles traíram seus judeus, eles não se comportam melhor com seus argelinos. Entre o reflexo colonial e o ideal humanista, o livro de André Schwarz-Bart lhes revela o drama de uma tal hesitação.

Em carta enviada ao *L'Express*, em 9 de Novembro de 1961, Schwarz-Bart escreve

Eu nunca pude me separar de um certo mal-estar diante do sucesso que conheceu meu último romance. Tantas almas misericordiosas, de repente. Parece-me que alguns escondiam o rosto de suas lágrimas. Nesse tempo, a guerra da Argélia continuava e jamais, jamais me citaram como exemplo a angústia dos argelinos. Meu Deus, me digo, a piedade deles anda para trás. (tradução nossa)¹³¹

Com ele, alguns jornalistas se perguntam se o fato de aplaudir o *Último dos Justos* não era a forma menos onerosa, para os franceses, de expiar sua consciência pesada, pois a indiferença, parece, triunfou: enquanto os progressistas se esgotavam em uma campanha anticolonialista vã, a televisão e o rádio espalhavam o discurso tranquilizador do governo de que a Argélia continuaria francesa (LIAUZU, 2007). A sociedade francesa que não percebe a gravidade do conflito e a obstinação dos colonialistas, é persuadida de que tudo retornará á normalidade. É nisso que uma parte dos franceses precisa acreditar, pois, depois de 1945, a França aspira ao esquecimento e ao conforto material que começa a ser percebido com o crescimento da economia que marcou o princípio dos Trinta Anos Gloriosos, marcados pelo Estado de Bem-Estar Social (RIOUX, 1978).

Assiste-se sem resistência aos excessos cometidos nas ruas de Paris sem tomar consciência dos desgastes que o silêncio da população causará. O *Último dos Justos* conta a mesma história: o cenário é o mesmo, Paris, existem opressores, oprimidos e a mesma indiferença popular que cauciona a situação (KOSELEFF, 2007), mas, com uma diferença capital: a França não está ocupada, os franceses não têm um inimigo a temer, a França está livre. mesmo assim, o *Último dos Justos* não será suficiente para acordar os franceses. Schwarz-Bart escreve ao *L'Express* falando do presente, do que ele via acontecer nas avenidas de Paris. Sua carta tem um tom auto acusatório, mas, a intenção

¹³¹ Je n'ai jamais pu me déprendre d'un certain malaise devant le succès qu'a connu mon dernier roman. Tant d'âmes compatissantes, soudain. Il me semble que certains se voilaient la face de leurs larmes. Cependant, la guerre d'Algérie se poursuivait et jamais, jamais l'on ne me citait en exemple l'énorme détresse des Algériens. Mon Dieu, me dis-je, leur pitié marche à reculons.

é chamar a atenção para indiferença em relação ao tratamento dado aos argelinos e, através de um chamado à memória dos habitantes da capital e de toda a França Metropolitana que viveram os anos de ocupação e viram o que aconteceu aos judeus ele escreve:

Do passado surgem imagens que se misturam, curiosamente, a essas que nos oferecem nestes dias as avenidas de Paris. Quem são, então, essas pessoas sobre as quais tombam, em plena luz do dia, terror e humilhação e a violência nua? [...] sim, judeus do momento, judeus de hoje, diante dos quais eu me metamorfoseio, transformado eu mesmo em um tipo de alemão da mais delicada espécie: a que não fica vermelha. (L'Express)

Schwarz-Bart vai se engajar na luta anticolonialista porque ele conhece o horror da indiferença pública, por que a voz do *Último dos Justos* é, antes de tudo, uma voz de estrangeiro. Se seu romance obteve o grande sucesso é porque ele permitiu aos franceses descobrir um povo, suas tradições, suas convicções, seu humor. Aos olhos dos franceses, Schwarz-Bart "humanizou" os judeus. A comunidade estrangeira não era mais uma massa informe empilhada em vagões, mas seres humanos, que, como todos os outros, têm suas felicidades, suas tristezas, seus amores e suas tragédias. *O Último dos Justos* não é mais "um judeu", mas Ernie Lévy, um menino, um jovem rapaz, um homem ferido por tantos dramas e é esta humanização que permite aos leitores se identificarem com ele e sentirem simpatia pela Mutter Judith ou pelo Irmão animal.

A indiferença dos franceses para com os argelinos se explica de maneira parecida. A situação de colonizados não permitiu aos franceses conhecerem os argelinos, eles continuaram sendo uma multidão de rosto queimado pelo sol, que usavam roupas estranhas, falavam a língua francesa com sotaque diferente e tinham reações imprevisíveis. Quanto mais os oprimia, mais medo eles davam. Em 1959, os franceses não se mostravam capazes de compreender o sofrimento dos argelinos (da mesma forma que não foram capazes alguns anos antes de compreender o sofrimento dos indochineses, mas as duas colônias estavam afastadas da França, não que isso sirva de alento, mas, não foram capazes de perceber o sofrimento dos judeus que viviam em território francês, seus vizinhos, colegas de trabalho, seus professores, seus médicos, etc). Quando lançado, *o Último dos Justos* permite, através de sua narrativa, deixar de

lado o medo do estrangeiro e de reconhecer nele a mesma humanidade. Descrevendo o universo desses eternos estranhos, os judeus, principalmente os judeus de origem polonesa, Schwarz-Bart fez ouvir a voz do outro, do oprimido, do estrangeiro, daquele que se vê banido, humilhado e torturado.

Alguns jornalistas reprovaram Schwarz-Bart por ele não falar de outras vítimas da guerra. Isto não era preciso. Em pelo menos duas passagens do romance o autor demonstra uma estonteante lucidez sobre os acontecimentos do final da década de 1950 e sobre alguns traços da sociedade francesa, que se confirmariam nos anos seguintes e continuam se confirmando, não como uma especificidade dos franceses, mas como um traço geral da sociedade moderna. A primeira aparece durante a fuga que se sucede à Noite dos Cristais "E viva a democracia, exclamaram as democracias. Mas, imediatamente: Abaixo a demobolchoplutojudeonegromongolo... cracia!, brutalmente respondeu o cabo..." (p. 255) e a outra se passa quando Golda e sua família são levadas pelos nazistas "- E se eles [os judeus] não voltarem, ainda restarão os negros, os argelinos... ou os corcundas." (p. 313). Sempre há um pária.

Ainda sobre a acusação desses jornalistas, não estaria a *Mulâtresse Solitude* já presente atrás de Ernie Lévy? Precisaria ter dito que as crianças da guerra, sejam eles judeus, argelinos, ciganos, têm todos o mesmo olhar? Em um artigo publicado em 26 de Setembro de 1959 no *Le Figaro Littéraire*, o escritor e crítico literário André Rousseaux escreveu "o Ocidente cristão vai massacrar os Astecas e os Incas; em seu próprio seio, ele massacra os judeus" (*Le Figaro Littéraire*, 29/09/1959) e afirma que não há nenhuma necessidade de precisar a nacionalidade dos oprimidos.

O Último dos Justos foi escrito para prestar homenagem às vítimas do passado, mas, os acasos da política fazem com que ele anuncie as do futuro. Cabe a pergunta: ele foi ouvido?

Infelizmente, não. Dois anos após o lançamento do romance, Schwarz-Bart escreve, logo após a violenta repressão das manifestações pacíficas de outubro de 1961, organizada pelo FLN em Paris, que queriam a independência da Argélia e o fim das perseguições e do toque de recolher imposto aos norte africanos na capital francesa: "quem são, então, essas pessoas sobre as quais tomba, em plena luz do dia, terror e humilhação? E essa emoção da multidão desarmada... todos esses pobres corpos que cada segundo de vida é eterno, portanto... sim, judeus do momento, judeus de hoje"

OÚltimo dos Justos foi lançado em um momento muito conturbado, como mostrado acima, em um momento de disputa ideológica na qual a memória dos anos da guerra é um dos campos de batalha e ele turva águas que já não eram muito limpas ao jogar aos contendores o pomo da colaboração com o invasor, trazendo à tona uma outra memória, que deveria continuar silenciosa, pois ela não servia a nenhum dos lados em disputa: a participação da França no extermínio dos seus judeus e dos judeus que a ela recorreram. Ao fazer isso, todo o projeto de memória baseado na resistência francesa é atrapalhado e ao mostrar aos franceses, principalmente para eles, mas não só, como foram tratados os estrangeiros judeus durante a guerra, se reporta automaticamente a como estavam sendo tratados os argelinos na mesma França, que então, estava em guerra para manter ocupada a Argélia.

OÚltimo dos Justos é, até hoje, reeditado, reimpresso, traduzido e bem vendido, mas, quando ele foi lançado, o sucesso que ele alcançou mostra sua aceitação pelo grande público e o "affaire" Schwarz-Bart mostra que ele incomodou todos os grupos envolvidos na disputa pela memória da guerra: os antigos resistentes (de esquerda ou não), os sionistas, os comunistas, os petanistas e os gaullistas, sendo eles judeus ou cristãos, todos se viram, de alguma forma, atingidos pelo romance. Ainda, em acréscimo, ele aponta para os acontecimentos contemporâneos ao seu lançamento, o tratamento dado aos argelinos e a indiferença em relação à guerra da Argélia.

Francine Kaufmann e Le Clech falam que *oÚltimo dos Justos* é um livro que chegou muito tarde ou muito cedo, e não estão errados, mas, acrescentaríamos que ele é, também, um livro de agora, do presente atual e foi assim desde o seu lançamento, basta olhar para a história do ocidente desde 1959 e veremos que o mundo mudou muito e não mudou quase nada e que outros "judeus alemães" surgiram, fossem eles os estudantes franceses de 68, os negros nos EUA, os imigrantes da Europa de hoje ou os bolivianos no Brasil, sem contar com os índios, os negros, os ciganos, as mulheres, os pobres etc, etc, etc. *oÚltimo dos Justos* é um livro do passado pois conta a história de um povo oprimido e eternamente estrangeiro e é atual pois povos oprimidos e grupos ou indivíduos forçados a serem estrangeiros em outras terras ainda existem e o tratamento dado a eles não mudou muito nos últimos 60anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos demonstrar nesses três capítulos uma parte do universo que se esconde no romance analisado. Sabemos que um livro nunca é esgotado totalmente e nem foi esta nossa intenção. Percebemos durante a pesquisa que o *Último dos Justos* dialoga muito mais com nosso tempo do que supúnhamos e se relaciona com muitos outros autores do que pode parecer.

A leitura que Schwarz-Bart faz de seu mundo para escrever seu romance é surpreendedora e sua condição permeia toda a obra. Filho de imigrantes pobres, órfão de guerra, que teve que trabalhar para poder sustentar seus quatro irmãos mais novos, com treze anos, antes de ingressar, aos quatorze, na resistência, operário depois da libertação, ele não se furta em colocar no seu romance a situação dos que, como ele e, antes, seus pais, viveram e que era a situação de uma grande parte dos judeus e não judeus da Europa ocidental do entre guerras. Todas suas personagens são obrigadas a se deslocarem várias vezes durante a vida, deixando para trás tudo e tendo que começar do zero em outro lugar. A situação de estrangeiro é o que mais se destaca no texto e ela permeia toda a narrativa, assim como as condições de trabalho. Suas personagens sofrem com elas isso inclui as crianças. Tentamos apresentar como essas situações se inscrevem no romance e como elas ainda hoje afligem uma grande parte das pessoas que vivem, não mais na Europa Ocidental, mas em todo mundo, o que torna a obra de Schwarz-Bart ainda muito atual. Uma infinidade de pessoas ainda são obrigadas a se deslocarem pelo globo, o trabalho ainda é um martírio para uma boa parcela da população e nela se incluem as crianças.

Seus personagens são a síntese de várias violências que os judeus poloneses encarnam: pertencentes a um grupo religioso historicamente perseguido, vindos de um mundo arcaico, forçados a migrar por causa da miséria ou dos pogroms, proletários e estrangeiros. Esses seres constituem um nó, eles não são só uma coisa e não são separadamente cada coisa, tudo neles é indissociável e essa é a condição dessas pessoas. Ao criar personagens tão específicos e que, ao mesmo tempo, encarnam o destino de muitos outros povos, ele atinge a universalidade. Qual marroquino vivendo na Espanha da austeridade, qual argelino ou senegalês que vive na França de hoje ou qual morador

de rua de qualquer cidade grande do Brasil não se reconheceria nas personagens criadas por Schwarz-Bart? Quantos de nossos avós, ou, até mesmo pais, não se reconheceriam nelas?

Para compor seu romance, o autor mergulha na história e cultura judaica e cria um mosaico a partir delas. A dinastia de lamed-vavniks é a amálgama de várias lendas, histórias, pessoas e tradições do judaísmo oriental. Nela, várias figuras do justo se misturam: os 36 justos ocultos, sem os quais o mundo não pode existir, os justos declarados, os tzadikim e suas cortes entram na amálgama e emprestam suas características para essa verdadeira recriação da tradição que Schwarz-Bart opera em seu romance.

Não só os justos, mas o mundo onde eles vivem foi recriado no romance. O vilarejo, ou shtetl, de Zémyock é uma tentativa de recriar o mundo que era constituído pelos judeus ashkenazitas que habitavam o leste europeu, principalmente a Polônia, a Ucrânia e a Lituânia, que falavam o yidish (que, assim como o ladino é derivado do espanhol clássico, tem sua origem no alemão dos séc. XIV e XV) e que foi violentamente destruído pela barbárie encarnada no nazismo. Uma recriação imperfeita, é certo, os shtetlechs urbanos não são contemplados por ela, mas, como recriar um mundo desaparecido com perfeição? Nenhum shtetl foi poupado e Schwarz-Bart recria o mundo dos seus pais e avós através das lembranças de outras pessoas e da literatura de outros escritores que nele viveram, como Isaac Leib Peretz, Isaac Bashevis-Singer ou Scholem Aleichem, através de memórias de terceiros. Por isso que seu Shtetl fica nas nuvens, em algum lugar da Polônia, perto de Bialystock, mas fora do mapa desse mundo.

A Europa ocidental recriada no romance é retratada como sendo o lugar onde seus personagens começam a abandonar seu mundo, o shtetl, impelidos por forças muito mais violentas, os pogroms do final do Séc. XIX e começo do XX. Berlim dá as boas vindas para esses judeus fugitivos das perseguições e tudo o que ela exige deles é que deixem de ser judeus, oferecendo em troca uma vida miserável ou o crime. O Jovem da Galícia e os companheiros de oficina de Mardoqueu Lévy mostram isso se tornando " perfeitos cavalheiros alemães". A Alemanha provincial de Stillenstadt cobra a assimilação e oferece uma vida tranquila em troca. Mas, com a chegada dos nazistas tudo se torna vão, nem o mais alemão dos judeus, nem mesmo o judeu que se tornou

alemão, trocando de roupa, de língua e de religião foi poupado, mesmo que ele tenha sido algum ancestral distante.

A França não oferece nada de novo, ela oferece os judeus aos alemães. O antissemitismo aparece em toda a narrativa, desde a primeira página e a metamorfose pela qual ele passa no correr dos séculos se apresenta na obra: de um antissemitismo ligado à religião da Idade Média, ao antissemitismo ligado ao sangue da Inquisição e ao antissemitismo ligado à raça do séc. XX, tudo está escrito no romance, ele muda como a forma de escrita muda. Um detalhe sobre os perseguidores dos judeus que aponta para uma postura política do autor: todos são covardes. Os cristãos saem em turba munidos de porretes, protegidos por cavaleiros e conclamados pela Igreja; os doutores da Igreja usam do poder que isso lhes dá, os cossacos atacam de madrugada, em grupo, montados em cavalos, armados, de surpresa; os nazistas atacam em grupo, armados, contando com vasto apoio popular e, depois de estabelecidos no poder e em guerra, atacam com grupos de soldados, usam toda a estrutura do Estado para poder exterminar seus terríveis inimigos, os judeus.

Schwarz-Bart não dá voz aos perseguidores, pois, acreditamos, a história deles já é muito bem conhecida de todos, ela se encontra nos manuais de História das escolas, seus homens são homenageados com estátuas, ruas, praças e feriados, salvo os nazistas, mas eles perderam a guerra. Ele não permite que um inimigo que sempre contou os fatos, ou os escondeu de acordo com seus interesses, tivesse direito a falar em seu romance por que ele foi escrito para homenagear os perseguidos e mortos que nunca puderam contar sua versão dos fatos, seu romance é a visão de quem padeceu sem deixar traço, mas cujos rastros podem ser perseguidos nos cemitérios abandonados, nas sinagogas vazias, nos cânticos laudatórios das santas comunidades que padeceram *kedushat haShem* (pela santificação do Nome), na literatura ou nas artes, etc.

Pela amplidão dos caminhos que nos abre o *Último dos Justos*, temos a certeza de que mais deixamos que fizemos. Exploramos muito pouco as questões identitárias que a obra apresenta. Um pouco foi dito no terceiro capítulo, mas de maneira insuficiente. Durante a pesquisa e redação deste trabalho muitas portas foram se abrindo, mas, por questões de tempo e de escopo, não pudemos entrar por todas elas. As relações entre o romance e outras obras literárias, tanto as que versam e as que não versam sobre a Shoah ficaram para um futuro trabalho, como as relações entre Schwarz-Bart e Kafka

que se apresenta, principalmente, na imagem do cão; a situação das personagens femininas que aparece no romance como uma opressão a mais; as formas de manifestação do mal e da morte etc.

O romance apresenta uma visão pessimista. Não há futuro e o presente é horrível. O narrador reitera essa visão em sua última fala, onde ele se coloca como sobrevivente, ao apelar ao sentimento que os sobreviventes têm de seus entes que desapareceram na Shoah e para os quais o luto é impossível, a ausência. Schwarz-Bart estrutura seu romance a partir da lenda dos 36 Justos ocultos, que são responsáveis pela sustentação do mundo. Seus justos são inseridos em um mundo que assiste passivo o sofrimento de gerações de perseguidos, exilados, explorados, massacrados, que não poupa nem a alma das criancinhas de sua violência. Esse mundo foi responsável pela destruição do mundo que produzia esses justos, pelo menos um deles por geração. O último deles, Ernie Lévy morreu vítima da Shoah. Se a falta de um só desses justos ocultos impediria a sustentação do mundo, o que acontece quando o último deles morre numa câmara de gás?

A resposta está no prefácio do livro póstumo de Schwarz-Bart, *l'Étoile du Matin*(2006), que narra a destruição da Terra que foi coberta de detritos nucleares que exterminou a vida até do menor dos menores insetozinhos. Mas, dentro desta distopia¹³² encontramos uma utopia: alguns homens ganharam a galáxia e colonizaram outros planetas, refazendo suas vidas e, uma de suas descendentes volta à Terra para pesquisar nas ruínas do Yad Vashem, cujos arquivos foram enterrados antes do fim, a história desse estranho massacre que foi a Shoah, assim como fazemos hoje com os arquivos enterrados no Gueto de Varsóvia antes de sua erradicação. Sobrevivemos, mas só continuaremos vivos se nos apropriarmos de nosso passado, essa luz de estrelas mortas, e aprendermos com ele. Só assim pode haver futuro.

¹³²Distopia, contrautopia ou antiutopia são termos antônimos de utopia, significando uma utopia negativa onde a realidade transcorre em termos antitéticos aos de uma sociedade ideal, representando uma sociedade hipotética indesejável.

A maior parte das distopias descrevem sociedades que são consequência de tendências sociais atuais e que levam a situações totalmente indesejáveis. Surgem como obras de advertência, ou como sátiras que mostram as tendências atuais extrapoladas em finais apocalípticos.

As distopias guardam muitas relações com a época e o contexto sócio-político no qual são concebidas. Por exemplo, algumas distopias da primeira metade do séc. XX advertiam sobre os perigos do socialismo de Estado, da mediocridade generalizada, do controle social, da evolução das democracias liberais em sociedades totalitárias.

Alguns traços característicos da sociedade distópica são: poder político totalitário, mantido por uma minoria; privação extrema e desespero de um povo que tende a se tornar corruptível.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte : UFMG (Humanitas). 2004.
- _____. **O que resta de Auschwitz**. O arquivo e a testemunha : homo sacer III. São Paulo. Boitempo. 2008.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo. Edigraf. s/d
- ANCHEL, Robert. **Les Juifs de France**. Paris, J.B Janin. 1946.
- ANTELEME, Robert. **A Espécie Humana**. São Paulo. Record. 2013
- _____; DOBBELS, Daniel. **Robert Antelme, textes inédits sur "L'espèce humaine"**. Paris. Gallimard. 1996.
- BARTOV, Omer. **Murder in our midst**. The Holocaust, industrial killing, and representation. New York. Oxford University Press. 1996
- BENBASSA, Esther, **The Jews of France: a history from antiquity to the present** Princeton Univ. Press, 1999.
- BEMJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. Editora Brasiliense. São Paulo, 2008
- BOLLE, Willi. "Introdução à poesia de Brecht", in **Brecht no Brasil**, Paz e Terra. São Paulo, 1987.
- BORWICZ, Michel. **Écrits des Condamnés à Mort sous l'Occupation Naziste**.
- BOVY, Daniel. **Dictionnaire de la barbarie nazie et de la Shoah**. Liège : Éditions Luc Pire. 2007
- BRUNET, Jean-Paul. *Histoire du Parti communiste français (1920-1982)*. Paris. Presses universitaires de France. 1982
- BUBER, Martin. **Histórias do Rabi**. Perspectiva. São Paulo, 1967
- CARROLL, Lewis. **Alice**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2002.
- COQUIO, Catherine. **Rwanda**. Le réel et les récits. Paris : Belin, 2004.
- COURTOIS, Stéphane; LAZAR, Marc. **Histoire du Parti communiste français**. Paris. Presses universitaires de France. 2000
- DOUZOU, Laurent. **La Résistance française, une histoire périlleuse**. Paris. Seuil. 2005
- FEIERSTEIN, Daniel. **Genocidio**. La administración de la muerte en la modernidad. Caseros, Argentina: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2005
- Freud, Anna. **O ego e os mecanismos de defesa**. Rio de Janeiro . Civilização Brasileira. 1990

- FRIDLIN, Jairo, org. **אבות פירקי** - Pirkê Avot, in **Sidur completo**, Editora Sêfer, São Paulo, 1997.
- GUERIN, Paul, **Les conciles généraux et particuliers**, Volume 2, Paris, Victor Palmé, 1869.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracias**. São Paulo. Ed. 34. 2002
- GUINSBURG, Jacó. O Shtetl: Aspectos e Valores. **Revista USP**, Junho-Agosto, 1990, pg 81-88.
- _____. **Aventuras de uma Língua Errante**. São Paulo. Perspectiva. 1996.
- HILBERG, Raul. **La destruction des Juifs d'Europe**. Paris. Gallimard. 1985
- HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Manuel Odorico Mendes. Campinas. Editora da Unicamp, 2008
- _____. **Odisseia**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo. Ed. 34, 2012
- JACKSON, Julian. **La France sous l'occupation** 1940 – 1944. Paris. Flammarion, 2004
- JAROUCHE, Mamede Mustafa (trad.). **O Livro das Mil e Uma Noites**. São Paulo. Globo, 2007
- KAUFMANN, Francine. « **Le Dernier des Justes** » d'André Schwarz-Bart. **Genese – Structure – Signification**. 1976. 450f. Tese (doutorado). Université de Paris X – Nanterre. Paris
- _____. **Pour relire Le dernier des Justes** (Réflexions sur la Shoa), Paris, Méridiens-Klincksieck. 1986,
- _____. **Les enjeux de la polémique autour du premier best-seller français de la littérature de La Shoah**, Myriam Ruzniewski-Dahan et Georges Bensoussan éd., Revue d'Histoire de la Shoa n° 176, sept.-décembre 2002, p. 68-96.
- _____. **découpage chronologique du roman Le Dernier des Justes** . Hamoré n° 180, p. 6-13, 2007.
- _____. **L'œuvre juive et l'œuvre noire d'André Schwarz-Bart**, Pardès, n° 44, Juifs et noirs. Du mythe à la réalité, sous la direction de Shmuel Trigano, éd. In Press, Paris, 2008, p.135-148.
- KONDER, Leandro. **A poesia de Brecht e a história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras**. Mulheres judias e prostituição : as polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro. Imago Editora. 1996
- LANGFUS, Anna. **Les Bagages de Sable**. Paris. Gallimard, 1962
- LEVI, Primo. **Os Afogados e os Sobreviventes**. São Paulo. Paz e Terra, 2004

- _____. **É Isto um Homem?** Rio de Janeiro. Rocco, 1997
- LIAUZU, Claude. **Histoire de l'anticolonialisme en France.** Du XVI^e siècle à nos jours. Paris. Armand Colin. 2007
- LIVRO das Mil e Uma Noites. traduzido por Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo. Ed Globo. 2005
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio Uma Leitura das teses "Sobre o conceito de História".** São Paulo. Boitempo, 2005
- MASCOLO, Dionys. **Autour d'un effort de mémoire.** Sur une lettre de Robert Antelme. Paris. M. Nadeau, 1987.
- MANDEL, Arnauld. **La Vie Cotidienne des Juifs Hassidiques: Du XVII^e Siècle à Nos Jours.** Paris, Hachette, 1974
- _____. **La Voie du Hassidisme.** Calmann-Lévy, 1963
- MUJAWAYO, Esther; BELHADDAD, Souâd. **Sur Vivantes.** Paris : Éditions de l'Aube. 2004.
- _____. **La fleur de Stéphanie. Rwanda entre réconciliation et déni.** Paris : Flammarion. 2006.
- POLIAKOV, Leon. **De Cristo aos Judeus da Corte,** Perspectiva, São Paulo, 2007.
- PROPP, Vladímir. **As Raízes Históricas do Conto Maravilhoso,** São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- RAJSFUS, Maurice. **Drancy.** Un camp de concentration très ordinaire, 1941-1944. Paris : Cherche midi. 2012
- RIOUX, Jean-Pierre. **La France de la Quatrième République.** Paris : Seuil. 1987
- RUSCIO, Alain. **Les communistes français et la guerre d'Indochine.** 1944 - 1945. Paris : Harmattan. 1985
- _____. **L'Affaire Henri Martin et la lutte contre la guerre d'Indochine.** Pantin : Temps des cerises. 2005
- SABBAGH, Antoine. **Lettres de Drancy.** Paris : Tallandier. 2002
- SAINT-ÉXUPÉRY, Antoine de. **Pilote de Guerre.** Paris. Galimard, 1942.
- SARTRE, Jean-Paul. **L'Affaire Henri Martin.** Commentaire de J.-P. Sartre. 1953
- SCHOLEM, Gershom. Os Trinta e seis Justos Ocultos na Tradição Judaica. **O Golem, Benjamin, Buber e outros Justos: Judaica I.** Perspectiva. São Paulo, 1994.
- _____. **As Grandes Correntes da Mística Judaica.** Perspectiva. São Paulo, 1972.
- SCHWARZ-BART, André. **O Último dos Justos.** José Olympio. Rio de Janeiro, 1986.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A porta estreita pela qual pode entrar o Messias, in **Reflexão**. Campinas. PUC, 2008

SÉMELIN, Jacques. **Purificar e destruir**: usos políticos dos massacres e dos genocídios. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

STORA, Benjamin. **Histoire de la guerre d'Algérie, 1954-1962**. Paris : La Découverte. 1993

_____. **Imaginaires de guerre**. Les images dans les guerres d'Algérie et du Viêt-Nam. Paris : La Découverte. 2004

תורה – Torá, a Lei de Moisés. Tradução: Meir Matzliah Melamed. Editora Sêfer. São Paulo, 2001.

TRAVERSO, Enzo. Avertisseurs d'incendie. Pour une typologie des intellectuels devant Auschwitz. In: **L'Histoire déchirée. Essai sur Auschwitz et les intellectuels**. Les Éditions du Cerf, 1997.

VAINER, Carlos. Deslocamentos compulsórios: Restrições à livre circulação: Elementos para um reconhecimento teórico da violência como fator migratório. In: **Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP**. Caxambu, set, 1998.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Les crimes de l'armée française**. Algérie 1954-1962. Paris. La Découverte. 2006

WASSERMAN, Adolpho (trad.) **O Livro dos Provérbios**. Maayanot. São Paulo, 2003.

WELLERS, Georges. **Un juif sous Vichy**. Paris : Éditions Tirésias. 1991

WENCZENOVICZ, T. J. . **A Imigração Polonesa**. In: UERGS; UPF. (Org.). História Geral do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007, v. 3, p. 419-433.

WIEVIORKA, Annette. **Auschwitz, 60 ans après**. Paris : R. Laffont. 2005

WORMSER, Olga; Michel, Henri. **Tragédie de la déportation 1940-1945..** Paris. Hachette. 1955

WORMSER-MIGOT, Olga. **Le Système concentrationnaire nazi 1933-1945**. Paris : Presses universitaires de France. 1968

Artigos de jornais

Parinaud, André. Les empoisonneurs. Droit et Libertés. Nov. 1960

_____. Schwarz-Bart n'est pas le premier des justes. Paris. Arts. 28 out. 1959

SCHWARZ-BART, André. Comme un Brave Allemand. L'Express. Paris 09 nov. 1961

ANEXOS

La fin de Marcus

CHAPITRE I

Nouvelle par André SZWARCBART

(FRAGMENTS)

Abaissement ou supplice de Marcus Libnitzki, ainsi pourrait se titrer la présente histoire dont une toute première relation me fut faite par la jeune personne qui, aimée de Marcus, se trouva intimement liée au drame, et brisée, dans la mesure précise et remarquable de l'amour qu'elle lui témoignait.

Son arrestation eut lieu un dimanche de mars.

L'annonce du débarquement allié dans la péninsule, avait agi sur les minorités résistantes à la manière merveilleuse et persistante d'une prophétie. Certaines organisations, en considération des Justes Rouges, précipitaient l'accroissement aveugle de leurs effectifs ; et le bord inverse multiplia les héros, comme pour allonger péremptoirement sa liste de héros. Cependant, il ne nous appartient pas de déterminer les conditions qui amenèrent un certain nombre de Juifs plus ou moins polonais, allemands ou roumains... à figurer en première et sanglante position sur cette liste à l'usage des autochtones.

Lorsque Marcus Libnitzki se vit appréhendé, il se jorça d'oublier un visage...

Elle l'avait accompagné jusqu'au bord de son drame.

La pluie, le soir enveloppaient le couple rapproché par l'inquiétude et que dissimulait un porche. A leurs pieds, reposant dans une boîte à pâtisserie ficelle et nouée comme un œuf de Pâques, la charge de plastic.

— C'est bien de toi, mon vieux, murmura-t-elle avec un sourire retenu. Ce qui te trouble, ça n'est pas le faux, mais la crainte de le voir transformé en brebis. Subitement, comme dans les rêves.

Après une courte hésitation, elle poursuivit d'une voix plus dure :

— Si tu penses davantage au travail, tu ne t'inquiéterais pas d'y perdre ton âme. Tu sais bien : on lance le colis, on se baisse pour attendre ; puis on... on file. C'est tout.

S'enfonçant davantage en son pardessus écriqué, Marcus la rallia :

— Confidentiellement, Fanny, très confidentiellement — je ne suis pas vraiment communiste... (dressant professoralement l'index, dans la nuit vague du porche)... pour quatre raisons. Première : trop de souvenirs. Seconde : trop de mémoire. Troisième : trop de « goût » pour soi et pour les autres. Et enfin... non, tu ne comprendrais pas.

Elle l'incita d'un geste :

— Quatrième : trop juif, ce qui résume sans doute les points précédents. Tu vois, je n'ai aucune chance de me racheter à leurs yeux. A moins que, l'action ?...

Maintenant, Fanny se taisait : elle essayait de se dégager du sentiment qui l'avait conduite à escorter Marcus. A l'insu des « autres », se disait-elle, pourquoi ? Après un temps, comme Fanny soulevait les paupières, elle découvrit dans les yeux fixes du garçon cette sorte de vrai silence pour lequel, soudain, il lui sembla se trouver sous ce porche... Faudra qu'on te dégoûte un bon manteau, dit-il lentement, un manteau de laine. Tu frissonnes. — On est déjà en mars, tu sais. La banalité des mots ne servait qu'à mesurer leur silence. — Viens plus près, chuchota Marcus. Je voudrais l'embrasser. Une fois... n'avait pas esquissé un geste. Fanny non plus.

car elle attendait cette déclaration, elle l'attendait, mais elle n'aurait su préciser depuis quelle date : très longtemps, à perte de mémoire. — Je te le permets, reprit-elle après un certain intervalle. Et comme elle semblait le guetter, il se recula, vint s'adosser contre le vantail sans cesser d'adhérer à son regard : il devinait plutôt qu'il ne voyait les iris bruns et changeants.

Alors tous deux, le garçon, la fille, respirèrent avec bruit.

— Tu n'oses pas, reprit-elle.

— Je n'ose pas, fit le garçon.

Se penchant vers lui, bras au corps et le souffle court, elle fit voler un court instant ses lèvres au bas de la bouche duvetée de son ami. Il eut un sourire contraint. Sur quoi — manquant de peu la boîte à pâtisserie — la jeune fille se rejeta de côté et commença de courir le long du trottoir, comme attirée par la nuit qui cernait le porche. Son châle disparut en dernier, flottant derrière ses épaules étroites dans le vent, pareil à un fragile étendard d'enfant.

Marcus Libnitzki se baissa, cala délicatement le paquet sous son aisselle, le soutenant par dessous pour éviter l'écrasement du carton. Puis, d'un pas tranquille et mesuré, abandonna le porche.

L'exposition des Anciens de la L.V.F. se tenait à cent mètres environ, à l'angle des rues Maurepas et Bavi-gnac : juste en face du Grand-Café. Comme il s'engageait dans la rue Maurepas, huit heures sonnaient à l'horloge de l'Hôtel de Ville, et Limoges lui sembla éternellement endormie.

Il ressort, au vu des archives de la milice, qu'après avoir projeté sa bombe plastic par la croisée du rez-de-chaussée, le Juif et communiste Marcus Libnitzki fut victime de son propre attentat : un moellon dégage par le souffle lui ouvrit la tête sur les lieux mêmes de son crime. L'hémorragie était telle que les sauveteurs commencèrent par le tenir pour cadavre ; et sa taille, si proche de l'enfance, qu'on le dénomma parmi les victimes.

Tandis que s'élevait la plainte sans mesure des blessés — ceux qui, soutenus ou non par les rescapés valides se traînaient, lamentables, au voisinage du carrefour, et de cette demeure à l'intérieur de l'exposition — la rue Maurepas se trouva subitement envahie par plusieurs voitures d'ambulance.

Leurs sirènes criaient d'impatience au milieu de la consternation collective, sur laquelle l'incendie naissant versait parfois de brèves coulées rouges, comme un phare.

C'est le garçon du Grand-Café, personnage rondlet, sentencieux, sans regard qui révéla aux autorités présentes la responsabilité de Marcus. En retard sur le couvre-feu, il se trouvait précisément sur la terrasse à descendre les rideaux de fer ; c'est cet individu, monsieur l'inspecteur, j'ai vu le geste, je peux en témoigner devant « qui de droit ». Je suis...

De la boîte, un doriste en uniforme fit basculer Marcus sur le dos,

membres déjetés au hasard du pavé, du trottoir, et le crâne mêlant son sang à cette boue noire de caniveau. Dans son immense pardessus étalé comme deux ailes : un volatilis. L'embrasement gagnait en rumeur et en clarté : le saisisant aux cheveux, on traîna le corps vers la chaussée.

Tiens, émit le garçon de café, on dit bien que ça s'en va difficilement, le chandelier. Marcus venait de se mettre à gémir...

Quand il entrouvrit les paupières, ahuri, au centre du groupe composé par les militaires, inspecteurs du Maintien de l'Ordre et doristes, visiteurs de l'exposition, une petite cicatrice fût forme, silencieuse mais noyée de larmes, lui martela le visage de ses tatons vernis. Avec une hargne qui bien sûr se repaît en imprécations étouffées, à la limite de la plainte : « Assassins ! Voyou ! Assassins - assassins... »

CHAPITRE II.

— Marcus Libnitzki, monsieur, comment... comment ne m'en souviendrais-je pas ?... on se souvient toujours d'un mystère. Chez moi surtout, je pense, le sentiment du mystère préside à chaque sentiment. Et par exemple, nazi, nazi, c'est vite dit : en ceux qui me concerne, monsieur, « vote » naziisme rendait compte aussi bien d'une volonté de clarté — puis qu'il me débarrasse de Dieu et de ses Juifs — que de mystère — puisqu'il me divinise. Je sais, vous êtes libre, je ne le suis pas, mais le nazisme c'est encore autre chose que les prisons d'hier, d'aujourd'hui, de demain. On ne l'enferme pas davantage qu'autrefois on enfermait la liberté. D'ailleurs... Mais non, à quoi bon...

L'homme se saisit de la cigarette que je lui tendais, l'observa avec intérêt, l'introduisit entre ses lèvres qui frémissaient à la première bouffée ; et quand il se remit à parler, de temps à autre, machinalement, il faisait rouler la cigarette entre ses lèvres, de la langue, comme pour multiplier les sensations qu'elle lui donnait :

— Mais ce garçon, ce... Libnitzki, oui, puisque c'est à lui que je dois votre visite et, hum, cette cigarette : je ne suis jamais parvenu à voir clair dans son jeu. Il, comment dire ?... il brouillait toutes mes cartes. Oui, c'est ça, il projetait sur les choses une lumière et une ombre qui me sont demeurées, oui, hermétiques. Oui.

— Un Juif, bien sûr, un Juif. Mais permettez, j'en ai connu par dizaines avant, et après lui. Bien connu : au sens biblique, si j'ose dire, car c'est toujours faire l'amour, que faire gémir sous la douleur. On apprend ce qui se passe derrière le masque : on « connaît »... Excusez-moi, je ne voudrais pas vous choquer, choquer vos beaux sentiments. Et d'ailleurs, si cela vous arrange, oui, maintenant qu'ils m'ont bouclé dans cette cellule, si je crois les hair de jour en jour davantage, de jour en jour, il me semble que je les connais moins.

— C'était ce qu'ils appellent en hébreu — blague dans le coin —

Nassi : un prince juif. Il possédait au degré le plus incisif, le plus déroutant aussi, cette tournure mentale qu'en moi le professeur de philosophie autant que... mettons : l'officier de renseignements, flaire et apprécie, oui, apprécie : le sens du dialogue, j'aurais aimé en faire une sorte de disciple, ou plus précisément, ce que les Allemands entendent par : double ganger — une sorte de double — si les hasards du sang, oui, et du service ne m'avaient conduit à me faire son bourreau. Sincèrement, monsieur...

L'homme se tenait assis sur le bord du lit métallique. Buste penché et reposant sur ses coudes, dans une attitude de méditation placide qui accoutumait avec les murs de plâtre, le petit mur grillagé, la forte odeur cellulaire, et surtout, avec son Prince de Galles lacéré par endroits, cet étonnant visage d'accidenté, pâle et tout en biseau, surmonté d'une grosse flaque et dont les globes de jaillance bleue, fixes de myopie, appelaient irrésistiblement leurs lunettes disparues. Ses longues mains se rejoignaient à plat sous le menton, comme pour « une prière » — mais je n'ignorais pas que c'était là un maintien professoral.

Son dossier mentionnait qu'ancien « dispos » de La Roque — en perpétuelle disette à ce titre avec ses collègues du lycée de Tarbes où il enseignait la philosophie, jusqu'à la déclaration de guerre — il avait servi comme infirmier, obtenu la croix.

Fait prisonnier dans les Ardennes, il tenta la belle, puis blessé lors de sa fuite, hospitalisé en Bavière, il y afficha sa connaissance de l'allemand et parvint à se faire accepter pour la révolution nationale. On le porta au rang d'interprète avant que de le rapatrier : février 1941. L'enquête ne parvint à déterminer l'emploi de son temps à dater du rapatriement jusqu'à son entrée dans la Milice sur recommandation écrite de Philippe Henriot, au début de l'année 1943.

Et tandis que cet homme, le dos courbe et les yeux vagues, dissertait froidement de Marcus Libnitzki — avec une sorte de cynisme poit, volé, sans affectation aucune — je m'es-sayai vainement à inventer sur son visage, à peine vieilli, une géographie du morbide ou de la cruauté.

Finalement, Martin sollicita une cigarette. Puis, les yeux mi-clos de béatitude, remercia, comme pour lui-même, qu'à tout prendre ses détails de cette soirée lui étaient fameusement présents à la mémoire...

Lilientzki

Il avait quitté le bureau de bonne heure, rien de spécial durant la journée : le train-train, la poissonnaille habituelle. Si, après tout, si, un vieux payan saisi comme otage après une incursion du maquis, et qui s'obstinait à se taire rigoureusement, bien qu'on le soupçonnât de ne rien savoir et de n'avoir jamais rien su : se laissa hacher menu comme une carpe.

Martin n'avait jamais apprécié la phase routinière de son travail, aussi abandonna-t-il les affaires courantes à Boulanger, son « poing droit ». En ce dernier, nulle place pour l'esprit : énorme tas de chair molle, il semblait atteint d'éléphantiasis générale. Chaque fois, sa joie était enfantine de se voir attribuer la direction du service en l'absence de l'inspecteur chef.

Vers dix heures, Boulanger l'appela au téléphone. Il balbutiait. L'attentat était grave, mais on avait arrêté le terroriste, il se trouvait à la permanence : une tralle semelle : « En bien, commencez déjà à le faire cuire, maugré Martin, l'arrivé. Nous sommes comme les médecins, mon vieux Boulanger, toujours à la disposition de leurs malades. »

— Vous appelez ça des malades ? s'étonna Boulanger.

— Bien sûr, puisque nous les gué-

rissons !

— Ce que vous êtes comique, patron... Ah ! patron...

La pluie l'accueillait à sa descente de voiture, devant le numéro 107, Martin sourit au milicien de garde, sans raison déjà à le faire cuire, maugré dans la pièce, il s'efforça d'oublier son « humeur gracieuse » pour se faire un masque de sérieux, analogue au vêtement d'impersonnalité dont il se revêtait au lycée, et qui agissait parfois sur les prisonniers comme sur les enfants.

Etendu au milieu de la salle d'interrogatoire, le terroriste avait posé chaque main à plat sur la poitrine. Le cou nu et mince allongeait encore un étroit visage triangulaire, et sur le sang frais des joues, de curieux sentiers de larmes, en réseau clair.

Mais tout ceci comportait le décor ordinaire, auquel ne sont plus sensibles les esprits prévenus. Par contre, ce qui frappa le milicien Martin, c'est que, pour ainsi dire, Marcus engagea franchement le dialogue. (Il faut distinguer, monsieur : la mort d'un homme, la mort d'un basset, sable animal. Mais du basset à l'homme, vous avez l'agonie, c'est une façon d'entretenir un dialogue sérieux avec la mort... Ainsi, votre sang n'est que biologie, mais tout commence avec le dialogue que... vous... que... l'homme entretient avec son sang ou son corps, ou ce que vous voulez, vous comprenez ?)

— C'est pas moi qui lui ai fait le trou ? répondit Boulanger à son regard irrité... ça lui est arrivé avec la bombe.

— Tu vois, il ne faut pas jouer avec les bombes, lâcha Martin en longeant le gosse pour rejoindre son bureau.

Le Juif se leva en tremblant lorsque Martin lui en donna l'ordre, mais un fil de langue rouge séparait les dents qui semblaient sourire.

Un petit client bien stylé, pensait-il : la nuit s'annonçait belle.

Lorsque Martin le lui commanda, le garçon enleva ses vêtements sans protester, avec cette lenteur douloureuse et calme du devoir. Ensuite, il se tint debout contre le radiateur, frissonnant légèrement de froid, mais sans honte aucune. De temps à autre, il bouchait de son poing la fente béante du front, et si les paupières cillaient, ce n'était sans doute que l'effet de la lampe à arc dirigée sur ses yeux. Le visage était un masque négre, le corps, une statuette ivroïse d'extraordinaire maigreur, mais les mains jointes au bas des reins lui donnaient paradoxalement le triste d'un christ : « en Occident, le christ monopolise les gestes de la douleur immobile ».

Boulanger, qui venait de s'asseoir, se mit à tressauter sur sa chaise en bredouillant d'enthousiasme : un youpinos, patron, ça c'est fort, j'aurais jamais cru... Un vrai gentil petit mignon circoncis.

— Tu es communiste, Isaac ? interrogea doucement Martin.

— Oui, monsieur, je le suis, communiste.

Alors il fit un signe à Boulanger, qui se saisit du nerf de bœuf traînant sous la chaise.

Martin n'avait plus claire en mémoire la succession des opérations ultérieures. Tant et tant de fois, il avait répété les mêmes ordres, assisté aux gestes toujours identiques de part et d'autre, si bien qu'ordres et gestes finissaient par se superposer, se confondre, comme toute routine. « Considérée sous l'angle, oui, mettons : musical, toute cette affaire n'offrait strictement aucun intérêt. Le registre des techniques est dérisoirement limité : l'inspiration la plus audacieuse et la plus « assidue » ne peut que se borner à inventer les variations de quelques thèmes fondamentaux organisés autour des cinq sens. Encore et toujours le nerf de bœuf, les règles, le radiateur, les ciseaux et que sais-je, mon cher, que sais-je ?... sans parler des techniques non-instrumentales. Dérisoire, je vous assure... Dérisoire ! »

Vers une heure du matin Marcus Lilientzki bavardait, bavardait, bavardait interminablement.

Enroulé sur son dos dans l'angle de la porte, il gigotait comme une chenille blessée dans ses liquides. Il avait dépouillé toute vergogne, ses regards s'élargissaient, et la seule défense qu'il manifestait était de mouler en coquille ses paumes autour du sexe.

Le milicien sentait cela très nettement : Marcus Lilientzki ne savait pas mépriser. C'est utile, le mépris, ça garotte l'esprit et ça boucle les mâchoires. Martin sentait cela très nettement : et la parfaite communion charnelle qui unissait le Juif à Boulanger, en pleine érection, ou spirituelle, qui le nouait à lui, Martin, ordonnant derrière son bureau, assis, les actes de Boulanger, et recueillant les regards et les modestes paroles de Marcus Lilientzki qui bavardait, bavardait comme une source vive, vers une heure du matin : aucun nom, aucune adresse, rien que cette fabulation enfantine qui ne pouvait se tenir de couler, gratuite, sans charrier le moindre élément utilisable, et en pleine connaissance de son inutilité foncière, à tous égards. « Si j'étais encore catholique, je vous dirais qu'il existe une fraction du petit-Jésus en chaque Juif ; et c'est cette part que nous, chrétiens d'un autre sang, n'avons jamais réussi à nous approprier ; car elle est faite non pas d'humilité, mais d'humiliation ».

CHAPITRE III

Les premiers chrétiens furent ces Juifs de la gèbe (am ha-rets) que le Sanhédrin avait rejeté hors de la lumière de la Loi, et qui s'enlignèrent dans l'herésie autant pour oublier leur misère, que pour se ressouvenir de Dieu.

Les premiers révolutionnaires juifs se recrutèrent dans le prolétariat slave aspirant au socialisme sous le drapeau du Bund, ainsi qu'à la terre promise. Ils étaient menés par quelques intellectuels pauvres qui judaïsaient le marxisme, quand ils ne marxisaient pas l'histoire juive, et dont Hertz prévoyait que la lutte sociale se déroulerait sur leur dos.

En effet, ils furent parallèlement punis. Et pour ce qu'ils exigeaient de l'avenir, et pour ce qu'ils conservaient du passé.

Fanny M... appartenait à cette nouvelle couche de révolutionnaires juifs qui se préoccupaient uniquement de révolution, et non plus de judaïsme — au prix souvent des liens les unissant à l'antique mère d'orgueil, et d'humiliation, comme un invisible cordon ombilical. Encore pénétrée du langage religieux, elle disait : les uns se réclament de la charité, les autres réclament la justice, et je suis avec ces derniers. C'est tout. Elle était de ces communistes juifs qui refusaient la double appartenance, radicalement, jusque devant le potreau : Imbéciles ! c'est pour vous que je meurs... s'écriait l'intellectuel communiste et français Valentin Feldman, dans leur langue, aux Allemands qui le fusillaient.

Lorsque je la revis pour la dernière fois, elle s'en allait de la poitrine, lentement, dans un sana d'anciens internés politiques ; à la Hure, près de Chambéry. Mais toujours attentive, appliquée, rapassante.

Elle parlait à voix basse, se penchant pour vous faire entendre, et tandis qu'elle se souvenait à ma destination, sans honte ni amertume, il me sembla qu'en quelque manière la blessure dont elle achevait de mourir se réduisait maintenant à une cicatrice. « On vous aura dit que Marcus était devenu un traître. A moi aussi Et je l'ai cru, c'étaient mes amis. Ils le sont toujours, je suis plus et mieux communiste qu'avant. Mais je n'en crois plus un mot ».

N.B. : Les lignes entre crochets sont celles reprises dans Le D. des J., p. 310 (Torture d'Ernie à Drancy).

Anexo 2

Esta é uma tabela que compara a história da Europa, a história judaica e o romance. Ela foi composta por Francine Kaufmann para a revista *Hamoré*, para ser usada, principalmente, em aulas de história. A separação feita pela autora entre História da Europa e História judaica é meramente didática.

André Schwarz-Bart : *Le dernier des justes*

(Voir *Hamoré* n° 180, pp. 6-13)

DÉCOUPAGE CHRONOLOGIQUE DU ROMAN

Ce tableau (inédit et révisé pour *Hamoré*) figure dans le doctorat de troisième cycle de Francine Kaufmann déposé notamment à la bibliothèque de L'Alliance (AIU), 45, rue La Bruyère, 75009 Paris : *Le dernier des Justes, d'André Schwarz-Bart : genèse, structure, signification*, soutenu à l'Université de Paris X-Nanterre, sous la direction du Professeur Guy Michaud, en mai 1976.

L'analyse de la reconstitution romanesque des épisodes historiques y est interprétée et discutée dans le chapitre 3 : « La structure historique du roman ».

On retrouvera une analyse de ces éléments dans la première partie du livre de Francine Kaufmann : *Pour relire "Le dernier des Justes" - Réflexions sur la Shoa*, (1986), Paris, Librairie des Méridiens - Klincksieck, coll. "Connaissance du 20ème siècle", (2ème éd. 1987), « Les porteurs du temps ».

AVERTISSEMENT : L'enseignant d'histoire rappellera à ses élèves qu'il s'agit d'une œuvre littéraire et que des condensations d'épisodes parallèles voire des erreurs interdisent de lire ce récit comme s'il s'agissait d'un manuel d'histoire. L'enseignant de littérature rappellera les règles du roman historique et marquera la différence entre authenticité et vérité. Il montrera l'habileté du romancier dans la création de héros exemplaires dont chacun traverse des épisodes vécus par des communautés entières ou par un personnage célèbre (au risque de bousculer la chronologie et la géographie). Il soulignera le rôle de l'imitation des ancêtres et de la tradition.

INDICATIONS

Ce tableau rend compte des principaux événements historiques évoqués dans *Le dernier des justes*, mis en parallèle avec l'histoire personnelle (romancée) de la famille des Lévy, héroïne de la saga.

- Certains **faits** historiques inscrits **entre parenthèses** ne figurent pas dans le roman et sont donnés ici comme contexte général.

- Les faits suivis d'un **numéro** inscrit **entre parenthèses** sont résumés tels qu'ils figurent dans le roman. Le numéro renvoie à la page correspondante dans l'édition brochée du Seuil (1959).

- Les épisodes historiques qui inspirent une péripétie du roman (mais sont généralement recomposés) ont sans doute été relevés par Schwarz-Bart dans les ouvrages suivants que, parmi beaucoup d'autres, il a annotés et mis en fiches. Ils sont mentionnés ici par l'initiale du nom de l'auteur :

P. = Poliakov, Léon : *Du Christ aux Juifs de cour*, Calmann-Lévy, 1955.

P. Bréviaire = Poliakov, Léon: *Le bréviaire de la haine*, Calmann-Lévy, 1951,

citations d'après l'édition du Livre de poche, n° 3834, 1974.

R. = Roth, Cécil : *Histoire du peuple juif*, éd. de la Terre retrouvée, 1948.

D. = Doubnov, Simon : *Précis d'histoire juive*, Ed. Kiyoun, 1936, 2^{ème} édition sans date.

Le numéro qui suit la lettre renvoie à la page concernée dans l'ouvrage.

Exemple : « Massacres à Spire, Mayence, Worms, Cologne et Prague (12) cf. **P.** 57 à 62 ».

Il faut lire : Massacres à Spire, Mayence, Worms, Cologne et Prague : évoqués dans *Le Dernier des Justes*, p. 12. Voir à ce sujet Poliakov : *Du Christ aux Juifs de cour*, p. 57 à 62.

DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
		CHAPITRE I – LA LEGENDE DES JUSTES – (p. 11 à 26).	
1493		- Le roi Jean III autorise les réfugiés à séjourner 8 mois au Portugal contre paiement, puis les expulse. Beaucoup sont vendus comme esclaves. Cf. R. 266-7 ; D. 198.	- Joakim, après 7 mois de séjour au Portugal, est vendu comme esclave aux Turcs. Sa fin est mystérieuse (19).
1522	(1517 : la Palestine devient turque)	- Epoque des marranes en Espagne (Juifs convertis de force qui judaïsaient en secret). Cf. R. 268-9. Beaucoup d'enfants enlevés à leurs parents et convertis, cf. R. 268.	- Haïm Lévy : enlevé à ses parents par l'Inquisition, il est baptisé, ordonné prêtre, mais judaïse en secret (19). - Haïm envoyé à Rome en 1522 s'enfuit et s'installe à Mayence dans la communauté juive (19). Dénoncé, il est reconduit au Portugal où il est torturé et brûlé comme relaps (20).
XVème et XVIème siècle	(1542-1544 : pamphlets de Luther contre les Juifs, cf. P. 235-240) (La Renaissance et la réforme)	- 1384 à 1519 : en Allemagne, les villes et les princes entament une politique d'expulsions plus ou moins régulières avec rançons exigées pour le retour. Dans toute l'Europe, le Juif est tenu comme diabolique et porte la rouelle instituée en 1215 par Innocent III, cf. P. 154 à 161. (21)	- Ephraïm Lévy : il vécut et mourut en Allemagne. Malgré sa vie agitée par les expulsions incessantes d'une ville allemande à l'autre, Ephraïm, « le rossignol du Talmud » fut heureux. Tué d'une pierre à Cassel (20). - Jonathan Lévy : colporteur et prophète. Il parcourt la Bohême et la Moravie, sans cesse persécuté par les chrétiens (20).
1552		Beaucoup de Juifs émigrent vers la Pologne et la Lithuanie où la communauté juive au XVIème est en plein épanouissement. Cf. P. 135 à 138 ; D. 203.	- Il s'établit à Polotzk en 1552. Onze ans durant, il étudie au séminaire du grand Yehel Mehiel (21)
1563		- Ivan IV annexe Polotzk, fait noyer dans la Dvina les Juifs qui refusent de se convertir. Cf. D. 208. - 1648 : le rabbin Yehiel Michel tombe victime des cosaques de Chmielnitzki. Cf. D. 237.	- Lorsque les Russes envahissent Polotzk Jonathan échappe à la noyade. Mais il est exhibé à Moscou avec Rabbi Yehel, baptisé, torturé puis pendu sur l'ordre d'Ivan IV, le Terrible (21).
1575		- Rédaction de <i>La Vallée des Pleurs</i>, chronique du premier historiographe juif Joseph Hacoheh, qui raconte toutes les persécutions du moyen âge, cf. P. 137.	On peut lire dans <i>La Vallée des Pleurs</i> le récit du supplice du 'Premier des Justes', Salomon Lévy, mort à Paris en 1240 (15)
mardi 5 novembre 1611		- (1648 : massacres du cosaque Chmielnitzki et naissance de Sabbataï Zvi. Le centre juif russo-polonais devient prédominant. Cf. P. 277-287).	- Une vieille servante rapporte à la synagogue de Vilno Jezry/ Néhémias, le fils de Jonathan, rescapé de Polotzk. Après des études acharnées, il retrouve son identité et son nom juif, mais il meurt fou (23).
16 novembre 1723	(1715 : mort de Louis XIV. La Régence).	- Des bandes déchaînées de « Haïdamaks » ou rebelles se soulèvent en Ukraine. Atrocités qui culminent dans le massacre d'Ouman en 1768, cf. D. 241 ; R. 349.	- Jacob Lévy : brodeur sur cuir, il fuit la bénédiction divine. Il s'établit à Kiev. Jacob meurt lors d'une « Hadaïmakschina », une expédition cosaque contre le ghetto de Kiev (24).

DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
		CHAPITRE I – LA LEGENDE DES JUSTES – (p. 11 à 26).	
1700-1760	(En 60 ans, 20 procès pour meurtre rituel en Pologne).	- Le Becht (Baal Chem Tov, 1700-1760) fonde le ‘Hassidisme et s’établit à Miedsibotz, cf. R. 360.	- ‘ Haïm Lévy, dit le Messager ou « le danseur de Dieu », devient le disciple du Becht. Il fuit Miedsibotz quand on le reconnaît comme « Lévy », après 5 ans d’incognito (25).
1772-1777	(1776 : déclaration d’indépendance des Etats - Unis)	- (Moïse Mendelssohn et l’émancipation intellectuelle des Juifs en Allemagne).	- 15 ans de solitude et d’errances où ‘Haïm passe pour un ‘double’ du Becht. De nombreuses légendes naissent à son sujet (25).
1777-1792	(1789 : déclaration des Droits de l’Homme).	- Le ‘Hassidisme s’impose dans les masses pauvres d’Europe de l’Est, des légendes se répandent.	
Hiver 1792		- (27 sept. 1791 : les Juifs de France deviennent citoyens français).	- ‘Haïm arrive à Zémyock et y devient le « Juste en titre » (26, 29 et sq.).
		CHAPITRE II – ZEMYOCK – (p. 29 à 77).	
XIXème siècle	L’industrie polonaise se développe, détruisant l’artisanat à domicile, base de la vie économique des juifs (37)	- Dans les campagnes polonaises et russes, beaucoup de Juifs sont artisans ou colporteurs.	- Un siècle de vie calme à Zémyock.
(N.B. : Les Lévy vivent dans un village isolé, un Stettel polonais, en marge du temps historique (37). Schwarz-Bart ne mentionne aucune date jusqu’à la guerre de 1914)		- Premières émigrations vers les U.S.A. (37)	- ‘Haïm a plusieurs fils et filles. Il désigne comme successeur son cinquième fils, un simple d’esprit « Frère Animal » (33), qui à sa mort désignera son petit neveu : Joshuah Lévy (36).
		- On vit de la « Poste » (mandats envoyés par les émigrés) (37). Misère.	- Naissance de Mardochée Lévy. Sa famille vit pauvrement de la taille du cristal (38).
		- Les colporteurs vendent des romans yiddich (42). La nouvelle littérature juive pénètre ainsi dans les campagnes.	- Mardochée se loue dans les fermes et s’impose par des bagarres répétées (38 à 42).
			- Mardochée devient colporteur (42).
			- Il rencontre Judith , l’épouse et l’emmène bientôt à Zémyock (43 à 55).
			- Judith a du mal à s’adapter à Zémyock. Elle consulte le Juste Raphaël Lévy (58).
			- Les premiers bébés de Judith meurent victimes du mal bleu (55 à 63).
			- Seul témoin dans une affaire de vol, le Juste Raphaël Lévy meurt après une nuit de débats de conscience. (58).
			- Naissance de Benjamin Lévy « un pointu » de frêle constitution (63-4).
			- Benjamin devient apprenti tailleur (64).
			- Lors de sa Bar Mitsva, Benjamin rend visite au Justeen exercice, âgé de 70 ans (vers 1909) (65 et sq.). Ce Juste (anonyme) sera l’un des rares rescapés du pogrom de Zémyock en 1919 (76).

DATES	HISTOIRE DE 'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
1912	« Une guerre éclate quelque part en Europe » (70)	CHAPITRE II – ZEMYOCK – (p. 29 à 77).	
1914			- Benjamin passe deux années en apprentissage chez un tailleur de Bialystok (67 à 69). - Il rentre à Zémyock en 1914.
Février 1915	« Bruits de révolution » « Rumeurs de pogroms » « Ukraine à feu et à sang » : bandes révolutionnaires de Makhno et détachements du tsariste Petlioura » (71)	- Des soldats juifs sont engagés dans les diverses armées en présence. Pour la première fois, des Juifs tuent d'autres Juifs sous un uniforme « national » (70-71).	- Les premières lettres venues du monde entier mettent Zémyock au courant de la guerre et des méfaits de l'assimilation (« Les Juifs se tuent entre eux ») (71).
Années 20	- La paix est rétablie (76)	- Centaines de pogroms dans toute l'Europe. Les Juifs d'Europe et d'Amérique « se cotisent » pour aider les rescapés (76). - Les jeunes Juifs adhèrent au socialisme ou au sionisme (77).	- Les cosaques envahissent Zémyock et massacrent tout ce qui vit. Judith, Mardochée et Benjamin ont pu fuir dans les collines mais les trois autres fils sont tués (70 à 71). - Judith prend le pas sur Mardochée. On autorise Benjamin à « s'exiler » (77)
1921	Manifestations des Spartakistes dans les rues de Berlim (90). Chômage en Allemagne (109-110).	CHAPITRE III – STILLENSTADT – (p. 81 à 131).	
		- Parmi les Juifs, l'image de la France est encore associée à l'affaire Dreyfus (81). - Les Juifs d'Allemagne se sentent « plus allemands que juifs » (82). - Découverte d'un subtil antisémitisme allemand (87-88). - A Berlim, assimilation et vague de conversions des Juifs au christianisme (101 à 104).	- Après un court séjour à Varsovie, Benjamin choisit l'Allemagne (81). - Le Comité de Sauvetage et d'Emigration installe Benjamin à Berlim, dans une synagogue désaffectée aménagée en maison de réfugiés (82). - Benjamin rencontre « le jeune homme de Galicie », Yankel, rescapé d'un pogrom (82 à 93). - Grâce à l'argent de Yankel, Benjamin s'installe à Stillenstadt. Il y est accueilli par les Juifs comme une « victime des persécutions slaves » (93 à 98). - Il ouvre un magasin et tente de s'assimiler à la manière d'être allemande (99-100). Il découvre le phénomène des « apostats », qui ont renié leur judaïsme (101-104) - Il fait venir ses parents (105-107). - Déchéance de Mardochée qui ne trouve pas de travail ; il ne peut plus 'perpétuer' la lignée des Justes (108-110). - On marie Benjamin à Mademoiselle Léa Blumenthal (111 à 117). - Judith devient « Mutter Judith » (115).

DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
1923	Arrivée d'Adolf Hitler au pouvoir. A Stillenstadt, les communistes sont peu nombreux, les démocrates peu efficaces. La section locale du parti nazi investit rapidement la ville (131).	CHAPITRE III – STILLENSTADT – (p. 81 à 131).	
1933		- Série d'actes antisémites dès 1933 (130). - Angoisse des Juifs allemands (131).	- Naissance et enfance de Moritz (type germanique, chef de bande) (117 à 120). - Naissance et enfance d'ERNIE LEVY (120), (le dernier Juste de la lignée des Lévy, exterminée par les nazis). - Il étudie l'hébreu avec son grand-père, Mardochée, « l'ancêtre », qu'il imite (120-122). - Bon élève, il se passionne pour la lecture, surtout les romans de chevalerie et d'aventure (123-125). - La « bande » de son condisciple Wilhelm Knöpfer propose qu'on joue au procès de Jésus. Ernie incarne Juda. - Ernie, qui personnifie les Juifs 'déicides', est frappé et blessé (126-131).
1935 (cf. p. 199 : Ernie parle de sa mésaventure de « l'an passé ».)		CHAPITRE IV – LE JUSTE DES MOUCHES – (p. 135 à 187).	
		- Les S.A. deviennent menaçants. Chants antisémites : « Quand le sang juif gicle sous le couteau » (137), cf. D. 310. « Juifs, juifs, juifs aux Matzos » (155). - Allusions à des attaques contre des Juifs à Berlim (146). - Attaques dans les écoles contre les enfants juifs et attaques des fidèles à la sortie de la synagogue par des bandes d'adolescents, puis par les Casques de Fer, puis par les S.A. (Sections d'Assaut) (148). - De jeunes sionistes sont partis s'installer en Palestine/Israël (148). - Dans les rues, premières pancartes : « Interdit aux juifs et aux chiens » (169).	- Ernie et Jacob vont à la synagogue malgré la menace S.A. (135 à 141). - Pendant l'office, les enfants sont de garde. Bientôt les S.A. attaquent. Aux fenêtres, des Allemands prennent parti pour les Juifs (145-151). - Ernie prend la défense d'une vieille dame : Madame Tuszynski (151 à 155). - Mardochée qui estime qu'Ernie vient de se révéler comme « Juste » lui raconte la légende (155-157). - Le dernier Juste est mort il y a 3 ans sans successeur (156). - Ernie rêve son propre martyre et se brûle la paume en guise d'épreuve (160-161). - Mardochée précise la fonction du Juste et transmet à Ernie la clef des âmes : la compassion (161-166). - Tentatives diverses d'Ernie pour manifester sa compassion 1) à sa grand-mère Judith (167) 2) à sa mère, Mlle Blumenthal (168-9) 3) à Mr Moitié, cul-de-jatte (169-171) 4) à son père Benjamin (172-173) 5) à la fille de l'épicière (173-176) - Le « Juif » Ernie, accusé de perversité, s'enfuit. Repoussé par le monde, il se sent devenir tout petit. (176-180).

DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
		CHAPITRE IV – LE JUSTE DES MOUCHES – (p. 135 à 187).	
			- Brève amitié avec « la casquette » (180-181) - Ernie décide de devenir « Le Juste des Mouches » (181-183). - Un paysan le ramène à Stillenstadt (183-186) - Nouvelle tentative de Mardochée pour préciser la notion de Juste. Ernie dit : « Même si je ne suis pas un Juste, j'aurai toujours mal à tout » (186-7).
1936	(Lois raciales de Nuremberg)	CHAPITRE V – MONSIEUR KREMER ET MADEMOISELLE ILSE (p. 191 à 233).	
Ilse évoque l'épisode du 'jeu du Procès de Jésus' : « Il y a trois ans, quand on a joué au Christ » (199).		- Montée du fascisme - Incendies de synagogues (une victime à Stillenstadt) (193). - Dans les écoles, les élèves juifs sont considérés comme des « invités », les Allemands font partie des « jeunesses hitlériennes : les Pimpfe » (194 et sq.) - Les membres du parti nazi viennent brûler des troncs d'arbre sur la roche de Wotan, ancienne <i>Table de sacrifices</i>. Les journaux assurent qu'elle est millénaire. Un savant y a même découvert une croix gammée (220-221). (Mythologie païenne du nazisme)	- Monsieur Kremer, un doux utopiste, devient le protecteur de ses élèves juifs (ce qui lui vaudra d'être déporté) (191-196). - Ernie et Ilse sont régulièrement invités chez Monsieur Kremer. Idylle naissante qui s'achève lorsque la mère d'Ilse interdit ces visites (196 à 203). - C'est la fin de M. Kremer ; Hans, jeune nazi, a du mal à retenir ses « hommes » d'attaquer Ernie (203-205). - Arrivée d'un nouveau maître nazifié : M. Geek. Terrible « classe » nazie et antisémite. M. Geek humilie les élèves juifs. Seul Ernie refuse de chanter (205 à 214). - Ernie est attaqué par les Pimpfe. Coups, insultes, crachats. Il découvre la haine. Une bête hurle en lui et Ilse qui a tout vu applaudit trois fois (215 à 219). - Expérience du VIDE, hécatombe d'insectes, désespoir. Ernie décide de se suicider. Toilette funèbre et retour à la maison (215 à 219). - Dans le grenier, Ernie tente maladroitement de se jeter par la fenêtre, de se pendre. Sensations et réflexions diverses. Il se coupe les veines puis se jette par la fenêtre (226-233).
(dès 1934)		CHAPITRE VI – LE CHIEN – (p. 237 à 278).	
		- Nombreux suicides d'écouliers juifs d'Allemagne en 1934. Mais durant la Shoah, dans les camps et les ghettos, les suicides seront peu nombreux (237). Cf. P. Bréviaire 31.	

DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
1936-1938		CHAPITRE VI – LE CHIEN – (p. 237 à 278).	
Mars 1938		- L'hôpital Rothschild est réservé aux « juifs et aux chiens » (239). - Beaucoup de Juifs essaient d'obtenir des visas pour la Palestine et quittent l'Allemagne (239). Anschluss (annexion) de l'Autriche. Cf. P. Bréviaire 34.	- Ernie passe deux ans à l'hôpital où il retrouve l'usage de son corps, non de son âme (237 à 240). - Ernie apprend la boxe pour se défendre contre les Pimpfe et les S.A. En vain. Il n'arrive pas à haïr son adversaire pour pouvoir le frapper (241-242).
6 novembre 1938		- Herschel Grynszpan abat le chancelier Von Rath pour venger ses parents déportés (243). - Le gouvernement « autrichien » retire les passeports aux ressortissants juifs polonais et les expulse vers la Tchécoslovaquie qui les expédie en Hongrie qui les envoie en Allemagne qui les renvoie en Tchécoslovaquie. Ils s'embarquent sur le Danube et la plupart se noient dans la mer Noire (293-294). - Aucun pays ne s'ouvre aux Juifs. Les Anglais limitent l'entrée en Terre Sainte à 200 Juifs par mois, contre mille livres sterling par visa (245).	- Après le meurtre de Von Rath, les Juifs vivent dans l'angoisse de représailles. Ernie propose de se défendre. Mardochée pense qu'il faut accepter la volonté de Dieu (243 à 248).
10 novembre 1938.		- Joseph Heydrich annonce à la Gestapo que des démonstrations antijuives sont à prévoir (il s'agit de 'La Nuit de Cristal') (248). Cf. P. Bréviaire 37.	- La populace envahit les rues de Stillenstadt, monte au grenier des Lévy, exige qu'on lui remette les Livres de la Loi. Mardochée, armé d'une barre de fer, fait reculer la foule (248-250).
11 novembre 1938		- 10.000 Juifs sont déportés dans le seul camp de Buchenwald (251). Cf. P. Bréviaire 38.	
14 novembre 1938		- L'Allemagne n'interdit pas encore l'émigration, mais aucun pays n'est prêt à accueillir les réfugiés juifs (251, cf. P. Bréviaire 52).	- Après cette alerte, les Lévy se réfugient en France en passant le pont de Kehl (251).
décembre 1938.		- Le <i>Saint Louis</i> est ramené à Hambourg (251). Ses passagers sont assassinés avec 100.000 autres juifs sur l'ordre d'Hitler (252).	- La France leur semble une oasis de paix. Ils logent dans un pavillon de réfugiés : 'l'Ermitage' à Montmorency. Judith obtient des subsides du Consistoire de Paris. Les hommes trouvent du travail (253).
Janvier 1939	- La guerre fait rage en Autriche et en Tchécoslovaquie (254)	- Les Anglais coulent une barque chargée d'enfants qui voulaient forcer le blocus et débarquer clandestinement en Palestine (251-2).	- L'Association parisienne des anciens de Zémyock se réunit le dimanche. Ernie accompagne parfois Mardochée (254).

Eté 1940	- La guerre touche la France :		- La guerre « rattrape » les Lévy en France.
DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
		CHAPITRE VI – LE CHIEN – (p. 237 à 278).	
	● distribution de masques à gaz (254). ● mesures préventives contre les étrangers. ● des volontaires se pressent dans les casernes (255-6).	- les Juifs allemands réfugiés en France sont considérés comme Allemands par les Français (245, 295, 258).	- Les Lévy ne reçoivent pas de masques à gaz car leurs passeports portent une svastika (en plus de la mention : Juifs) (255). - Ernie s'engage dans l'armée française, pour être en mesure de fournir des « certificats » à sa famille. Il est caporal mais ne porte pas d'arme. Il est brancardier. Il écrit aux siens une lettre en yiddish (254-257).
Mai 1940	(« carnaval patriotique »)	- Les Juifs allemands sont internés à Gurs (258), cf. P. Bréviaire 83, 88.	- Un voisin avertit Ernie que toute sa famille a été internée. Bientôt Benjamin répond en yiddish à son fils du camp de Gurs. Cette lettre « chiffrée » éveille la suspicion du commandant d'Ernie (258).
Mai 1940 Fin août 1941 Hiver 1942 31 décembre 1942	La débâcle (259) Bataille des Ardennes L'armée est désorganisée. Le régiment étranger met à sa tête trois anciens des brigades internationales (260). Discours du chef espagnol : Le destin de l'Europe est en jeu (261). Evocation de la vie en zone libre (265 et sq.) La campagne française est vidée de ses hommes (270).	- La France livre aux nazis les internés du camp de Gurs qui seront déportés en 1941. (263). Antisémitisme naïf de Mme Trochu (270-273)	- Ernie, apprenant la fin tragique de sa famille, témoin de la débâcle, de la mort du « second hébraïsant », de l'anéantissement de son régiment, décide de devenir chien (sans doute en mai-juin 1941) (258 à 264). - Ernie arrive à Marseille. Il vit en zone libre avec des déserteurs, des trafiquants du marché noir. Il se veut à présent le chien Ernest Bâtard (265 à 271). - Amoureux de Mélanie, Ernie qui craint de perdre sa chienne erre dans la vallée du Rhône. Il s'installe chez Mme Trochu dont le mari est prisonnier. Ernie devient son amant. Il cultive sa chienne (272 à 276).
1943	Les prisonniers commencent à revenir (274).	- Déportations d'enfants juifs vers Drancy (276).	- Un forgeron, par sa bonté, redonne vie à « Feu Ernie Lévy » dont la gangue de chienne s'effrite. Ernie quitte Mme Trochu et retrouve sa dignité (275 à 278).
		CHAPITRE VII – LE MARIAGE D'ERNIE LEVY – (p. 281 à 319).	
1943		- A Paris, le quartier juif est vidé par les rafles. Tous portent l'étoile jaune (281-3). Cf. P. Bréviaire 90.	- Ernie rend visite à l'association des Anciens de Zémyock : trois vieillards rescapés l'accueillent (281 à 288).

		- La Pologne juive est dévastée (287). - En tentant de passer la frontière, on se fait souvent prendre et déporter (288).	- Les vieillards sont arrêtés. Ernie attend son tour. Les gens autour de lui sont divers : sympathisants, ambigus, haineux (289-290). - Ernie défend une jeune juive Golda. Naissance d'une merveilleuse idylle au cœur de la guerre (290 à 299).
DATES	HISTOIRE DE L'EUROPE	HISTOIRE JUIVE	HISTOIRE DES LEVY
Printemps 1943	Attitudes très variées des Français envers les Juifs (289, 290, 306, 307). Le couvre-feu (295). Le camp de Drancy est gardé par des gendarmes français (306-307)	CHAPITRE VII – LE MARIAGE D'ERNIE LEVY – (p. 281 à 319).	
		- Dans les ghettos, des mouvements de résistance se forment (289). - Mesures discriminatoires contre les Juifs : port de l'étoile jaune, lieux publics interdits (cinémas, squares). - Système des cartes de couleurs pour « travailleurs ».... (295). - La vie à Drancy. - Evocation des Aktions en Pologne (vocabulaire nazi : la <i>figure</i>, secteur traité, traitement spécial, etc.. 309 à 311).	- Golda se donne à Ernie et, faute de rabbin, ils se « marient devant Dieu ». Ils font des projets d'avenir, mais Golda est arrêtée avec ses parents (299 à 305). - Ernie réussit à se faire interner à Drancy pour y rejoindre Golda et les autres Juifs, mais on le torture car son attitude éveille les soupçons (305 à 311). - A l'infirmerie, grand rêve symbolique. Ernie se marie avec Golda et avec tout le peuple juif, puis voyage en train vers la Pologne. Il est rejeté hors du train. Ce rêve le fait crier (312 à 319).
Octobre 1943	Aux portes de Drancy, les S.S. remplacent les gendarmes français qui sur la fin « manquaient d'enthousiasme » (326) Les inspecteurs de la police française aux questions juives pillent les victimes (331).	CHAPITRE VIII – JAMAIS PLUS – (p. 323 à 346).	
		- Evocation de la « Solution Finale » (323). - Réaction juive : incrédulité. On déporte vers les camps de concentration dans toute l'Europe. Même les « un huitième de juifs » sont visés. Les Juifs s'imaginent partir pour Pitchipoï (pays mythique). (323 à 325). - 1.500 enfants de 4 à 12 ans sont amenés de Pithiviers à Drancy pour être déportés à Auschwitz. 500 adultes les accompagnent (329-330).	- Ernie retrouve Golda à Drancy. Il lui rend un peu de dignité (327 à 329). - Il obtient d'être déporté avec Golda et un convoi de 1.500 enfants. Après les fouilles, appels, etc.... voyage dans le wagon plombé. Ernie raconte de belles histoires aux enfants (329 à 338). - Arrivée à Auschwitz et sélection (338 à 343). - La mort dans la chambre à gaz. <i>Schema Israël</i> (344 à 345). - La litanie finale : <i>Kaddish</i> tissé de noms des camps d'extermination (346).

Anexo 3

Fotos de André Zucca mostrando o cotidiano de Paris durante os anos da ocupação alemã.

